



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JOSÉ CLAUDIO BEZERRA PEREIRA

BRADOU: um glossário de termos e sociotermos do Corpo de Bombeiros Militar do
Maranhão

São Luís
2020

JOSÉ CLAUDIO BEZERRA PEREIRA

BRADOU: um glossário de termos e socioterms do Corpo de Bombeiros Militar do
Maranhão

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

São Luís

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

PEREIRA, JOSE CLAUDIO BEZERRA.

BRADOU: UM GLOSSÁRIO DE TERMOS E SOCIOTERMOS DO CORPO
DE BOMBEIROS MILITAR DO MARANHÃO / JOSE CLAUDIO BEZERRA
PEREIRA. - 2020.

143 p.

Orientador(a): GEORGIANA MÁRCIA OLIVEIRA SANTOS.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, SAO LUIS,
2020.

1. CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO MARANHÃO. 2.
SOCIOTERMINOLOGIA. 3. TERMINOLOGIA. I. SANTOS, GEORGIANA
MÁRCIA OLIVEIRA. II. Título.

JOSÉ CLAUDIO BEZERRA PEREIRA

BRADOU: um glossário de termos e sociotermos do Corpo de Bombeiros Militar do
Maranhão

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Letras, da Universidade
Federal do Maranhão, como requisito para obtenção
do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos - UFMA
(Orientadora)

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim - UFBA
(Examinador externo)

Prof. Dr. Luis Henrique Serra - UFMA
(Examinador interno)

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra - UFMA
(Examinador Suplente)

Aos meus queridos e amados irmãos, *in memoriam*, Carlos Henrique e Loyde Anne, saudades e, ao mesmo tempo, lembranças que guardo na memória com carinho e emoção.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado o conhecimento necessário para concluir mais uma etapa da minha vida.

Aos meus pais, Vicente e Natividade, por todo amor e dedicação que sempre tiveram para comigo, pelos momentos que estiveram ao meu lado me apoiando e me dando força para continuar, pela confiança em mim depositada. Sem dúvidas, vocês foram os meus maiores incentivadores. A vocês, o meu sincero agradecimento.

À minha querida esposa, Sirley, pela deferência de sempre estar ao meu lado em todos os momentos.

Às minhas filhas, Ana Paula e Ana Clara, motivos de orgulho e inspiração sempre.

Aos Bombeiros da reserva remunerada que contribuíram para o sucesso do nosso trabalho; o Cel R/R Dos Anjos e os Capitães Mendonça, Da Costa, D'arc e Amaral.

Aos amigos que fiz durante o curso, por todos os momentos que passamos juntos durante esses dois anos.

À minha orientadora, professora Georgiana Santos, por sua valiosa orientação e dedicação dispensadas a este eterno orientando, pelo auxílio à concretização desta obra feita a quatro mãos com a arquitetura do seu direcionamento.

Aos amigos que fiz e que se tornaram estrelas em minha vida, Ayrila, Gabriel, Karla, Laryssa, pela dedicação e ensinamentos disponibilizados que contribuíram, de forma especial, para a conclusão deste trabalho e, consequentemente, para a minha formação acadêmica. A vocês, meus sinceros agradecimentos.

A todos os colaboradores do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão, oficiais e praças da ativa e aos cadetes, por terem possibilitado que hoje pudéssemos colher esse fruto que é um registro da nossa história e da vida do CBMMA.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus familiares e amigos pelo carinho e compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva. A todos vocês, meu eterno agradecimento.

“O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos.”

(Biderman, 1978)

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo levantar, descrever e sistematizar a terminologia do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão, doravante denominado CBMMA, utilizada na capital maranhense São Luís/MA, para fins de registro em um glossário. Atualmente, o CBMMA encontra-se em 18 municípios do Estado, mas, somente na capital, executa atividades em outros segmentos especializados além do combate ao incêndio. Este estudo justifica-se, principalmente, pela emancipação do CBMMA, ocorrida em 1993, uma vez que a hipótese principal desta investigação sustentou-se na pujante probabilidade de que essa autonomia, por ter possibilitado o desmembramento e a especificação de atividades dentro dessa instituição, teria gerado uma terminologia dentro dessa corporação. Outro motivo que justifica a importância do presente trabalho é que, segundo as informações obtidas até o presente momento, existe somente uma espécie de glossário de termos técnicos do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina – CBMSC. Em consonância com o exposto, as principais questões de investigação sobre as quais se pautou este trabalho foram: a) quais são os itens lexicais que, de fato, refletem as particularidades das relações laborais desenvolvidas dentro do CBMMA, ou seja, atestam a existência de uma terminologia dentro dessa corporação?; b) quais unidades lexicais são mais frequentes e/ou específicas em cada um dos quartéis especializados?; c) os membros com mais tempo de serviço usam um léxico especializado diferente do usado pelos que têm menos tempo na corporação?; d) há diferenças substanciais entre o léxico especializado usado por homens e mulheres dentro do CBMMA? Para que se respondesse a esses questionamentos, recorreu-se aos fundamentos, sobretudo, da Terminologia e da Socioterminologia desenvolvidos por Sager (1990), Cabré (1993), Gaudin (1993), Faulstich (1995), Krieger e Finatto (2004) e Barros (2004). Metodologicamente, o *corpus* deste estudo foi extraído de entrevistas orais realizadas mediante aplicação de um questionário composto de perguntas fechadas e 01 aberta relacionadas ao cotidiano laboral de profissionais, de ambos os sexos, de 7 unidades especializadas do CBMMA: 1º BBM, BBA, BBMAR, BBEM, SCI, BBS e ABMJM. Esses informantes foram distribuídos em três faixas de tempo de serviço: (i) tempo de serviço 1 – TS1, de 2 a 10 anos; (ii) tempo de serviço 2 – TS2, de 15 a 25 anos; e (iii) – tempo de serviço 3 – TS3, mais de 30 anos. Como resultados, identificou-se que termos como *bradou*, que é a notificação de toda e qualquer ocorrência que teve entrada dentro do CBMMA, e socioterms como *estar branca às nuvens*, que se refere a estar de folga do serviço, são usados indistintamente por homens e mulheres da corporação. Contudo, constatou-se que outros termos e socioterms coletados são mais usados por membros de determinadas faixas de tempo de serviço e/ou em determinadas unidades especializadas do CBMMA. O presente trabalho tem sua relevância na medida em que o léxico especializado de um determinado grupo tem a capacidade de refletir e materializar o patrimônio sociocultural desse grupo. Soma-se a isso o fato de que os resultados alcançados servirão de base para a realização de novas pesquisas sobre a terminologia do Corpo de Bombeiros em outros estados brasileiros, o que, consequentemente, potencializará a interação entre os membros de diferentes unidades do Corpo de Bombeiros no Brasil.

Palavras-chave: Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão. Terminologia. Socioterminologia.

ABSTRACT

This research aimed to raise, describe and systematize the terminology of the Military Fire Department of Maranhão, hereinafter called CBMMA, used in the capital of São Luís/MA, for registration purposes in a glossary. Currently, CBMMA is located in 18 municipalities in the State, but only in the capital, performs activities in other specialized segments in addition to firefighting. This study is mainly justified by the emancipation of CBMMA occurred in 1993, since the main hypothesis of this investigation was based on the strong probability that this autonomy, because it made possible the dismemberment and specification of activities within this institution, would have generated a terminology within this corporation. Another reason that justifies the importance of the present work is that, according to the obtained so far, there is only one kind of glossary of technical terms of the Military Fire Department of Santa Catarina - CBMSC. In line with the foregoing, the main research issues on which this work were: a) what are the lexical items that, in fact, reflect the particularities of the labor relations developed within the CBMMA, that is, attest to the existence of a terminology within this corporation?; b) which lexical units are most frequent and/or specific in each of the specialised barracks?; c) members with longer service time use a specialized lexicon different from that used by those who have less time in the corporation?; d) there are consubstantial differences between the specialized lexicon used by men and women within CBMMA? In the case of answering these questions, the fundamentals were used, especially terminology and socioterminology developed by Sager (1990), Cabré (1993), Gaudin (1993), Faulstich (1995), Krieger e Finatto (2004) e Barros (2004). Methodologically, the corpus of this study was extracted from oral interviews conducted through the application of a questionnaire composed of closed and 01 open questions related to the daily work of professionals of both sexes, of 7 specialized units of the CBMMA: 1º BBM, BBA, BBMAR, BBEM, SCI, BBS e ABMJM. These informants were distributed in three ranges of service time: (i) service time 1 - TS1, from 2 to 10 years; (ii) service time 2 - TS2, from 15 to 25 years; and (iii) - service time 3 - TS3, more than 30 years. As a result, it was identified that terms as cried, which is the notification of any and all occurrences that had entered within the CBMMA. The present work has its relevance to the extent that the specialized lexicon of a given group has the ability to reflect and materialize the sociocultural heritage of this group. Added to this is the fact that the results achieved will serve as a basis for conducting further research on the terminology of the Fire Department in other Brazilian states, which, consequently, will enhance the interaction between the members of different units of the Fire Department in Brazil.

Keywords: Military Fire Department of Maranhão. Terminology. Socioterminology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Edifício Joelma em chamas – SP.....	22
Figura 2	Quartel da Companhia de Bombeiros.....	23
Figura 3	Municípios Maranhenses com Unidades do Corpo de Bombeiros.....	26
Figura 4	Triângulo Conceitual de Ogden e Richards.....	45
Figura 5	Layout principal do software Lexique Pro.....	62
Figura 6	Demonstração do código XV no campo “Editar Etiqueta de Campo”.....	63
Figura 7	Demonstração de um termo do glossário criado.....	64
Figura 8	Imagem do antigo capacete dos Corpos de Bombeiros.....	81
Figura 9	Abafador.....	94
Figura 10	Aceiro.....	94
Figura 11	Aluno.....	95
Figura 12	Aspirantado.....	96
Figura 13	Ataque Direto.....	96
Figura 14	Baixar.....	97
Figura 15	Banhar.....	98
Figura 16	Bibico.....	99
Figura 17	Bob Esponja.....	100
Figura 18	Boina.....	100
Figura 19	Boletim.....	101
Figura 20	Bradar.....	101
Figura 21	Cabo Solteiro.....	102
Figura 22	Canícula.....	103
Figura 23	Chefe de Socorro.....	104
Figura 24	Cristalina.....	104
Figura 25	Estar Branca às Nuvens.....	105

Figura 26	Etapa.....	106
Figura 27	Gandola.....	106
Figura 28	GCIF.....	107
Figura 29	Gorro.....	107
Figura 30	Grupamento.....	108
Figura 31	Guarnição.....	109
Figura 32	Livro de Registro Diário.....	110
Figura 33	Macaco Preto.....	111
Figura 34	Melhorado.....	111
Figura 35	Moto Aquática.....	112
Figura 36	Passar a Pronto.....	114
Figura 37	Perneira.....	114
Figura 38	Phelps.....	115
Figura 39	Pinga Fogo.....	116
Figura 40	Posto.....	117
Figura 41	Praça.....	117
Figura 42	Prontidão.....	118
Figura 43	Quebra Telha.....	119
Figura 44	Rancho.....	119
Figura 45	Roupa Seca.....	120
Figura 46	Sinistro.....	121
Figura 47	Sobreaviso.....	122
Figura 48	TFM.....	123
Figura 49	Torar.....	124
Figura 50	Tubo de resgate.....	125
Figura 51	Uniforme Histórico.....	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Locais onde atuam os informantes.	52
Gráfico 2	Gênero dos Informantes da Pesquisa.....	53
Gráfico 3	Tempo de Serviço.....	54
Gráfico 4	Postos e graduações dos informantes.....	55
Gráfico 5	Termo e sociotermo durante o curso.....	65
Gráfico 6	Uso de termos e socioterms por mulheres.....	68
Gráfico 7	Uso de termos e socioterms por homens.....	69
Gráfico 8	Denominações dadas ao ano de entrada na Corporação.....	70
Gráfico 9	Denominações dada, à conclusão de curso de formação.....	72
Gráfico 10	Denominações dadas aos grupos de serviço.....	75
Gráfico 11	Denominações dadas ao militar de folga um dia antes do serviço.....	79
Gráfico 12	Peça do capacete dos Bombeiros.....	81
Gráfico 13	Local onde são realizadas as refeições.....	83
Gráfico 14	Tipo de alimentação servida durante o treinamento.....	84
Gráfico 15	Denominações para educação física semanal.....	86
Gráfico 16	Documentos oficiais.....	88
Gráfico 17	Peças do tipo chapéu que protegem a cabeça.....	90

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A-01	-	Paciente Psiquiátrico
A02	-	Lactente
A-03	-	Parturiente
A04	-	Acidente/Urgência/Emergência
A-05	-	Transporte
ABMJM	-	Academia de Bombeiros Militar “Josué Montello”
ABS	-	Auto Busca e Salvamento
ABT	-	Auto Bomba Tanque
AEM	-	Auto Escada Mecânica
ÁGUIAS	-	Bombeiros Militares que trabalham no BBS
ALA	-	Auto Lance Aéreo
APH	-	Atendimento Pré-hospitalar
AR	-	Auto Rápido
ARF	-	Auto Rápido Florestal
AT	-	Auto Tanque
AZM	-	Azar Militar
B20	-	Abastecimento
BBA	-	Batalhão de Bombeiros Ambiental
BBEM	-	Batalhão de Bombeiros de Emergência Médica
BBM	-	Batalhão de Bombeiros Militar
BBMAR	-	Batalhão de Bombeiros Marítimos
BBS	-	Batalhão de Busca e Salvamento
CAD	-	Cadete
CAP	-	Capitão
CB	-	Cabo
CBM	-	Corpo de Bombeiros Militar
CBMMA	-	Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão
CEL	-	Coronel
CFO	-	Curso de Formação de Oficiais
CFS	-	Curso de Formação de Sargento
CFSD	-	Curso de Formação de Soldado

CG	- Comando Geral
CIA	- Companhia
CIBM	- Companhia Independente de Bombeiros Militar
FATD	- Formulário de Apuração de Transgressão Disciplinar
GBM	- Grupamento de Bombeiros Militar
GBMAR	- Grupamento de Bombeiros Marítimos
GBS	- Grupamento de Busca e Salvamento
GCIF	- Grupo de Combate a Incêndio Florestal
GEM	- Grupamento de Emergência Médica
GI	- Grupamento de Incêndio
GV	- Guarda Vidas
HT	- Halk Talk
K3	- Alimentação
K6	- Ir ao Banheiro
K7	- Abastecimento
M.A	- Moto Aquática
MAJ	- Major
POP	- Procedimento Operacional Padrão
QAP	- Estar em Condição
QCG	- Quartel do Comando Geral
QG	- Quartel Geral
QRM	- Interferência
QRU	- Ocorrência
QRX	- Aguardar
QSJ	- Dinheiro
QSL	- Entendido/Tudo Bem
QTA	- Última Forma
QTI	- A caminho de/para
QTS	- Quadro de Trabalho Semanal
SCI	- Seção de Combate a Incêndio
SD	- Soldado
SGBA	- Subgrupamento de Bombeiros Ambiental
SGI	- Subgrupamento de Incêndio

SGIBS	- Subgrupamento de Bombeiros de Busca e Salvamento
SGT	- Sargento
SUBTEN	- Subtenente
TAF	- Treinamento de Aptidão Física
TC	- Tenente Coronel
TEN	- Tenente
TEN CEL	- Tenente Coronel
TFM	- Treinamento Físico Militar
TKS	- Muito Obrigado
TWR	- Linha Direta com a Torre de Serviço
UBM	- Unidade Bombeiros Militar
UR	- Unidade de Resgate
URSA	- Unidade de Resgate de Salvamento Avançado
USOA	- Unidade de Salvamento de Operações Aquáticas
VTR	- Viatura
VTR ADM	- Viatura Administrativa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	UM POUCO DA HISTÓRIA DO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO MARANHÃO – CBMMA.....	21
2.1	Antecedentes gerais.....	21
2.2	Independência do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão – CBMMA.....	23
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	28
3.1	Identidade social.....	28
3.2	Conceituando léxico.....	29
3.3	Variação linguística.....	30
3.4	As Ciências do Léxico.....	32
3.4.1	A Lexicologia.....	32
3.4.2	A Lexicografia.....	34
3.4.3	A Terminologia.....	38
3.4.3.1	<i>O termo.....</i>	42
3.4.4	A Terminografia.....	46
3.4.5	A Socioterminologia.....	47
4	METODOLOGIA.....	51
4.1	<i>Locus</i> da Pesquisa.....	51
4.2	Perfil dos sujeitos da pesquisa.....	53
4.2.1	Sexo.....	53
4.2.2	Tempo de serviço.....	54
4.2.3	Codificações.....	55
4.3	Instrumentos de coleta de dados.....	56
4.4	A macro e a microestrutura do glossário do CBMMA.....	58
4.4.1	Macroestrutura.....	59
4.4.2	Microestrutura.....	60
4.5	O Programa Lexique Pro.....	62
5	ANÁLISE DOS DADOS.....	65
5.1	Campo semântico <i>formação</i>.....	65

5.1.1	Denominações para aluno.....	65
5.1.2	Denominações para o ano de entrada na Corporação.....	69
5.1.3	Denominação para conclusão de curso.....	71
5.1.4	Denominação ao grupo de serviço nos quartéis.....	75
5.1.5	Denominações dadas ao militar de folga um dia antes do serviço.....	78
5.2	Campo acessórios e equipamentos.....	80
5.2.1	Peça metálica do antigo capacete dos bombeiros.....	80
5.3	Campo alimentação.....	82
5.3.1	Denominação dada ao local onde são realizadas as refeições.....	82
5.3.2	Denominação dada ao tipo de alimentação servida nos treinamentos.....	84
5.4	Campo atividades físicas e treinamentos.....	86
5.4.1	Denominações para educação física semanal.....	86
5.5	Campo documentos oficiais.....	87
5.5.1	Denominações para os documentos mais utilizados nos quartéis do CBMMA.....	87
5.6	Vestuário.....	89
5.6.1	Denominações para peças do tipo chapéu.....	89
6	GLOSSÁRIO DE TERMOS E SOCIOTERMOS DO CBMMA.....	93
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
	REFERÊNCIAS.....	130
	APÊNDICE A – FICHA DE DADOS INDIVIDUAIS DO INFORMANTE.....	134
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INFORMANTES.....	135
	APÊNDICE C - RELAÇÃO DE TERMOS REGISTRADOS NO GLOSSÁRIO DO CBMMA.....	137
	APÊNDICE D - RELAÇÃO DE SOCIOTERMOS REGISTRADOS NO GLOSSÁRIO DO CBMMA.....	139

1 INTRODUÇÃO

Ratificando a estreita relação existente entre língua e sociedade, concebemos o léxico como o patrimônio sócio-linguístico-cultural, por excelência, de um grupo, ou seja, como a principal forma de registro da história e da cultura de uma determinada comunidade linguística, uma vez que a interação e o processo natural de desenvolvimento e de transformação acionam o dinâmico ato de (re)criação lexical.

Além de um léxico chamado geral, de uso comum e abrangente porque conhecido e compartilhado pelos integrantes, em geral, de uma comunidade linguística, há o denominado léxico especializado, ou seja, aquele usado por um grupo específico, em situações restritas, particulares, gerado para nomear, conceituar e classificar aquilo que é característico de determinadas áreas laborais, científicas, culturais.

Nesse sentido, o elemento motivador do nosso trabalho foi a emancipação do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão, doravante CBMMA, da Polícia Militar do Maranhão – PMMA, ocorrida em 1992, por intermédio da emenda constitucional nº 008/92, uma vez que a nossa hipótese inicial e principal foi que o processo de independência e autonomia do CBMMA dentro da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Maranhão e, conseqüentemente, o desmembramento e especificações de suas atividades desencadearam um léxico especializado dessa corporação.

É oportuno destacarmos que, anteriormente a essa emancipação, existiam no CBMMA somente o 1º Grupamento de Bombeiros e a Seção de Combate a Incêndio em Aeronaves, ambos na capital do Estado - São Luís, e o Grupamento de Bombeiros, em Imperatriz. Atualmente, o CBMMA se encontra em 19 municípios do Estado, sendo que, somente na capital, essa Instituição executa suas atividades em segmentos especializados¹. Dessa forma, além do combate ao incêndio, há as atividades de busca, salvamento terrestre, emergência médica (atendimento pré-hospitalar), resgate veicular, salvamento aquático e ambiental, incêndio em aeródromo, resgate de cadáveres.

Assim, além de acreditarmos que as especificações de atividades dentro do CBMMA, após sua emancipação, geraram uma terminologia dentro dessa corporação, acreditamos que haveria um léxico especializado dentro de cada quartel, gerado pelas particularidades das atividades que cada quartel desempenha, bem como intuímos que nesse

¹ Neste trabalho, usaremos como equivalentes as designações *segmentos especializados*, *unidades especializadas*, *unidades*, *quarteis especializados*, *quarteis*, *batalhões especializados*, *batalhões*, para nos referirmos às diversas e distintas segmentações existentes dentro do CBMMA para o desempenho das atividades específicas.

léxico especializado haveria diferenças de uso entre homens e mulheres e/ou em função dos distintos tempos de serviço dentro do CBMMA.

É pertinente ressaltarmos que adotamos, neste estudo, o conceito de unidades lexicais especializadas defendido por Krieger e Finatto (2004). Unidades estas que se caracterizam como termos com estruturas linguísticas que devido a particularidade em suas acepções, permitem denominar e conceituar de forma cognitiva objetos, processos e conceituações das ciências, das técnicas e das tecnologias, enquanto que as palavras efetuam a mesma metodologia denominativa e conceitual, porém, dentro da realidade cognitiva e referencial do homem. (KRIEGER; FINATTO, 2004)

As questões de investigação que balizaram nosso estudo para confirmar ou refutar as hipóteses anteriormente explicitadas foram: a) quais são os itens lexicais que, de fato, refletem as particularidades das relações laborais desenvolvidas dentro do CBMMA, ou seja, atestam a existência de uma terminologia dentro dessa corporação?; b) quais unidades lexicais são mais frequentes e/ou específicas em cada um dos quartéis especializados?; c) os membros com mais tempo de serviço usam um léxico especializado diferente do usado pelos que têm menos tempo na corporação?; d) há diferenças consubstanciais entre o léxico especializado usado por homens e mulheres dentro do CBMMA?

Consequentemente, esta pesquisa teve como objetivo principal a produção de um glossário de termos e socioterms² do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão. Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a) efetuar um levantamento de amostra do léxico especializado do CBMMA com base em narrativas orais livres de profissionais da reserva ou reformados³; b) definir o perfil dos informantes; c) elaborar um questionário para a coleta de dados, organizado por campos semânticos a partir dos dados coletados nas narrativas orais livres; d) realizar entrevistas com base no questionário elaborado; e) transcrever e revisar as entrevistas realizadas; f) selecionar os termos e os socioterms para compor o glossário do CBMMA; g) analisar os dados com base no perfil dos informantes da pesquisa.

² Conforme Faulstich (1995, p. 02), o sociotermo é o termo sob a perspectiva da diversidade de interações sociais existentes, também, dentro do ambiente laboral, ou seja, o sociotermo é o termo sob o ponto de vista social, sob o ponto de vista de sua circulação nas diferentes camadas sociais existentes dentro das mais diferentes especialidades e do convívio diário das pessoas no ambiente de trabalho. Contudo, faz-se necessário esclarecermos que, neste trabalho, para efeito de diferenciação entre o que denominamos ser termo e sociotermo, nos baseamos sobretudo nos graus de formalidade e informalidade das unidades terminológicas usadas dentro do CBMMA. Assim, há algumas unidades lexicais muito usuais em todos os batalhões do CBMMA de São Luís, sobretudo em contextos de maior informalidade dentro do campo dos tratamentos pessoais, como *bob esponja* e *melhorado*, que não se referem a questões de natureza técnico-laboral, configurando, assim, neste trabalho, o que denominamos de socioterms.

³ Militares do CBMMA aposentados que já cumpriram 30 anos de serviço efetivo ou mais.

Para tanto, esta pesquisa se fundamenta, sobretudo, nos estudos da Terminologia e Socioterminologia desenvolvidos por Boulanger (1981), Sager (1990), Cabré (1993), Faulstich (1995), Isquierdo e Oliveira (2001), Barros (2004), Krieger e Finatto (2004), Gaudin (2005), uma vez que esse campo de investigação linguística nos possibilita o entendimento e a sistematização das particularidades do léxico do CBMMA.

Metodologicamente, para esta pesquisa, de natureza exploratória, descritiva e de cunho quali-quantitativo, definimos como público-alvo os bombeiros militares pertencentes às unidades especializadas do CBMMA de São Luís. Ratificamos que essa delimitação decorreu da limitação de tempo e condições que teríamos para realizar essa investigação em outros municípios do Estado e do fato de que, somente na capital, essa instituição executa suas atividades em unidades especializadas. São elas: o Batalhão de Bombeiros Marítimos - BBMAR, que trabalha com resgate no mar; o Batalhão de Bombeiros de Emergência - BBEM, responsável pelas emergências médicas; o Batalhão de Busca e Salvamento - BBS, que executa atividades de busca e salvamento; o Batalhão de Bombeiros Ambiental - BBA, que atua no combate ao incêndio florestal e urbano, além de captura e resgate de animais, etc.; o 1º Batalhão de Bombeiros Militar - 1º BBM, responsável pelo serviço de combate a incêndio urbano; a Seção de Combate a Incêndio em Aeródromo - SCI, responsável somente pelo combate a incêndio e ocorrências em aeródromos; e a Academia de Bombeiros Militar “Josué Montello” - ABMJM, local de formação dos futuros oficiais da corporação.

Foram partícipes, deste trabalho, tanto profissionais que estão na ativa quanto aposentados dos batalhões especializados do CBMMA de São Luís/MA, considerando o período que se estende de 1994 – primeiro ano pós a emancipação do CBMMA da PMMA – até a atualidade, com militares formados aqui no Estado pela corporação.

Quanto aos militares especificamente da ativa, selecionamos profissionais de ambos os sexos que possuíssem, no mínimo, 02 anos e, no máximo, 30 anos de efetivo serviço, haja vista 02 anos ser o tempo mínimo para adaptação e, consequentemente, para conhecimento e uso de termos e socioterminos no desenvolvimento das atividades desempenhadas nas unidades especializadas de trabalho, enquanto o limite de 25 anos de trabalhos prestados foi estabelecido em razão da significativa experiência, vivência e habilidades adquiridas num período de trabalho com essa extensão e pelo conhecimento mais amplo de termos e socioterminos vinculados às peculiaridades do ambiente de trabalho que os militares com esse tempo de serviço têm. Os aposentados ou reformados são militares com, no mínimo, 30 anos de serviços prestados.

Dos 21 sujeitos desta pesquisa, 11 são homens e 10 mulheres. Entre os homens, 6 são reformados e 5 são da ativa. Todas as 10 mulheres são da ativa uma vez que, desde a emancipação do CBMMA, ocorrida em 1992, até o presente momento, não há mulheres bombeiras aposentadas.

Esses 21 sujeitos investigados foram divididos em 3 (três) faixas de tempo de serviço: (i) tempo de serviço 1 – TS1, de 2 a 10 anos; (ii) tempo de serviço 2 – TS2, de 15 a 25 anos; e (iii) – tempo de serviço 3 - TS3, mínimo de 30 anos de serviço.

Para obtenção dos dados, em um primeiro momento, conversamos com militares reformados os quais, por meio de narrativas orais livres, forneceram informações norteadoras para a elaboração do questionário usado nas entrevistas oficiais realizadas. Esse questionário consta de 43 (quarenta e três) perguntas, sendo 42 (quarenta e duas) fechadas – organizadas em 12 (doze) campos semânticos, a saber: formação, acessórios/equipamentos, alimentação, armamentos, atividades físicas/treinamentos, documentos oficiais, instalações, formas de tratamento, meios de comunicação, meios de transporte, produção de documentos e vestuário – e 01 (uma) questão aberta na qual o informante, considerando as perguntas anteriores, nos apresentaria outros termos que fossem de uso exclusivo do seu quartel e/ou do CBMMA: “Fique bem à vontade e cite alguns termos que em seu conhecimento são exclusivos do seu local de trabalho e/ou de conhecimento geral do CBMMA”.

Baseando-nos na hipótese da geração de uma terminologia dentro do CBMMA após a emancipação dessa instituição e segmentação de suas atividades, justificamos a importância do presente trabalho ressaltando que, segundo as informações que temos até o presente momento, existe somente um documento denominado IN 004 *Terminologias de segurança contra incêndio*, do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina – CBMSC, criado em 2018, assim, não temos conhecimento de uma outra investigação sobre o léxico especializado do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão, nem de uma investigação mais abrangente sobre o léxico especializado das unidades do Corpo de Bombeiros do Brasil ou, mais especificamente, sobre a terminologia de outras atividades além de combate a incêndio, o que corrobora a originalidade, pertinência e relevância deste trabalho.

Outro motivo que justifica a realização desta investigação é a pertença do autor desta pesquisa à instituição investigada e, por conseguinte, seu empenho em potencializar as interações profissionais estabelecidas nesse meio.

Enfatizamos, ainda, que a importância deste trabalho é reforçada na medida em que seu resultado poderá servir de base para a ampliação da pesquisa sobre a terminologia do

CBMMA em outros municípios do Maranhão, portanto, para além da capital São Luís, e poderá incentivar a realização de novas pesquisas sobre a terminologia do Corpo de Bombeiros em outros Estados brasileiros a fim de potencializar a interação entre os membros de diferentes unidades do Corpo de Bombeiros no Brasil.

Este trabalho apresenta-se estruturado em sete capítulos. O primeiro é constituído pela introdução, na qual apresentamos e justificamos o tema, explicitamos as hipóteses, os objetivos, fazemos uma síntese da fundamentação e da metodologia utilizadas para a obtenção dos resultados apresentados e analisados, além de evidenciarmos a pertinência e relevância deste estudo.

No segundo capítulo, apresentamos um pouco da história do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão – CBMMA.

No terceiro, apresentamos os fundamentos teóricos que subsidiam nosso estudo, com destaque para a Terminologia e a Socioterminologia.

No quarto capítulo, apresentamos as informações relativas aos procedimentos metodológicos que pautam nossa análise, explicitando, sobretudo, o local da pesquisa, o perfil dos informantes e os instrumentos utilizados na coleta e na análise dos dados que subsidiaram a produção do nosso glossário.

No quinto, apresentamos a análise dos dados coletados nos seguintes campos semânticos *formação, acessórios e equipamentos, alimentação, atividades físicas e treinamentos, documentos oficiais, e vestuários*, pois, nesses campos, obtivemos um maior percentual e diversidade de termos e socioterms.

No sexto, apresentamos o glossário de termos e socioterms do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão – CBMMA.

No sétimo e último capítulo, apresentamos as nossas considerações finais acerca das especificidades da terminologia do CBMMA.

2 UM POUCO DA HISTÓRIA DO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO MARANHÃO - CBMMA

Neste capítulo, apresentamos os principais acontecimentos que marcaram a história do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão desde os antecedentes de sua emancipação da Polícia Militar do Maranhão – PMMA, ocorrida em 1993, até os dias atuais.

2.1 Antecedentes gerais

Após descobrir como fazer o fogo, o homem logo teve de buscar um modo de controlá-lo e apagá-lo porque, não raras vezes, esse elemento causa graves e grandes incêndios.

Santos (2015, p. 27 apud MENEZES, 2007, p. 46) afirma que a arte de apagar incêndios chegou ao Brasil com os portugueses que trouxeram em suas caravelas marinheiros denominados “vigias do fogo”, com a missão de combater eventuais incêndios nessas embarcações feitas de madeira.

No século XVIII, no Brasil, conforme Fão *et al.* (1998, p. 30), o primeiro registro relativo à preocupação com a segurança no que diz respeito a incêndios encontra-se no Alvará Régio, de 12 de agosto de 1797, o qual determinava que o Arsenal da Marinha fosse o órgão público responsável pela extinção de incêndios, sem, no entanto, determinar medidas de caráter preventivo à eclosão de tais eventos. Já no século XIX, após a chegada da família real ao Brasil, através do Decreto Real, de 13 de maio de 1809, houve uma maior preocupação com o combate a incêndios e, conseqüentemente, a necessidade de definir a quem caberia tal atribuição.

Mais tarde, em 1856, D. Pedro II, através do Decreto Imperial nº. 1775, organizou o Serviço de Extinção de Incêndio, surgindo assim, em 02 de julho de 1856, no Rio de Janeiro, o Corpo de Bombeiros da Corte.

No século XX, a prevenção contra incêndio, no Brasil, foi priorizada na década de 1970, a partir das tragédias – todas com vítimas fatais – ocorridas em função de incêndios de grandes proporções nos edifícios Joelma e Andraus, em São Paulo, no edifício Andorinhas, no Rio de Janeiro, e nas Lojas Renner e Americanas, em Porto Alegre. (FÃO *et al.*, 1998).

A partir dessas ocorrências, as autoridades brasileiras promoveram vários eventos em nível federal, estadual e municipal com o intuito de formular leis e medidas capazes de proporcionar segurança à população no tocante à prevenção de incêndios.

Entre os principais eventos realizados, destacamos o Simpósio de Sistemas de Prevenção de Incêndios em Edificações Urbanas, promovido pela Câmara dos Deputados, em Brasília, no período de 03 a 07 de junho de 1974, do qual participaram diversas autoridades civis, militares e estudiosos do assunto.

Como resultado, foi elaborada uma proposta à Secretaria de Planejamento da Presidência da República visando à confecção de um Código Nacional de Incêndios e Riscos para regular a prevenção de incêndios sob o aspecto estrutural e operacional, atribuindo aos Corpos de Bombeiros a competência de executar a orientação preventiva e exercer o poder de polícia administrativa, nos atos de proteção a bens e vidas. (FÃO *et al.*, 1998, p. 31-32).

Figura 1 - Edifício Joelma em chamas – SP



Fonte: JOELMA, Edifício. **Incêndio** [1974]. Disponível em: <https://www.bombeiros.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Edificio-Joelma-672x372.jpg>. Acesso em: 20 mar.2019.

Apesar da importância do assunto e de seus reflexos na vida da sociedade, somente com o advento da Constituição Federal Brasileira de 1988 e, consequentemente, das Constituições Estaduais, houve uma definição precisa quanto aos responsáveis pela prevenção de incêndios no Brasil: os Corpos de Bombeiros. Essa prevenção foi inserida, nesses documentos, como um dos direitos da pessoa humana, qual seja, o da segurança. (FÃO *et al.*, 1998, p. 39).

2.2 Independência do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão – CBMMA

No Maranhão, a Lei nº 294, de 16 de abril de 1901, autorizou a criação de um Serviço de Combate ao Fogo no Estado, sendo esse documento, portanto, considerado o ponto de partida dos trabalhos do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão – CBMMA.

Entretanto, apesar dessa determinação, somente em 1903 o serviço foi oficializado por um ato do então vice-governador do Estado, Alexandre Colares Moreira Júnior, o qual criou uma Seção de Bombeiros encarregada do serviço de extinção de incêndios.

Figura 2 – Quartel da Companhia de Bombeiros



Fonte: Gaudêncio Cunha - Maranhão 1908.

Comandada por um oficial do Corpo de Infantaria do Estado, o alferes Aníbal de Moraes Santos, essa Seção era composta por seu comandante, 01(um) 1º sargento, 02 (dois) 2º sargentos, 01(um) furriel, 02 (dois) cabos, e 30 (trinta) soldados. Essa foi a primeira equipe encarregada de combater incêndios no Maranhão, porém, os registros históricos são insuficientes para contar a sua trajetória com precisão.

Em 1957, o Corpo de Bombeiros foi transferido para a administração estadual, ficando subordinado à Secretaria de Estado de Negócios do Interior, Justiça e Segurança.

A Lei de nº 1138 definiu que o comandante dos bombeiros deveria ser um oficial com especialização na área, além de seu efetivo receber treinamento específico.

Em 1959, a Seção de Bombeiros foi integrada à Polícia Militar do Maranhão - PMMA, ficando assim subordinada ao Comando Geral. Foram 33 anos de subordinação.

Entre as décadas de 1960 e 1970, o Corpo de Bombeiros do Maranhão tornou-se, de certa forma, uma companhia independente dentro da estrutura organizacional da PMMA, sendo denominada Companhia Corpo de Bombeiros, ainda que a oficialização de uma independência institucional, de fato, só tenha ocorrido vários anos depois.

No início da década de 1980, essa Companhia foi transferida para o quartel do Comando Geral da PMMA. Em 1982, foi para um prédio próximo ao Parque do Bom Menino, tendo como seu primeiro comandante o Capitão Francisco Carneiro dos Anjos, hoje, Coronel “Dos Anjos”, da reserva remunerada⁴.

O novo prédio foi “tomado” pelo Corpo de Bombeiros, pois iria sediar a Secretaria de Educação do Estado. A edificação ainda se encontrava inacabada, sem a mínima estrutura de funcionamento. Os bombeiros que serviam àquela época acabaram sendo os principais responsáveis pelo processo de construção final desse espaço, pois quem saía de serviço entrava na escala de construção do prédio.

Após todas essas mudanças de caráter administrativo, a prestação de serviço do CBMMA de combate ao fogo foi se consolidando dia após dia.

Com base no art. 144, da Constituição Federal de 1988, e nos art. 112 e 116, da Constituição Estadual de 1990, foram atribuídas ao Corpo de Bombeiros as atividades de defesa civil, além de outras destinadas em legislação específica, o que fez eclodir ainda mais o anseio por parte dos bombeiros em trabalhar como corporação independente da PMMA, com estrutura própria e, dessa forma, obter o reconhecimento das autoridades e da sociedade em geral em relação à importância das atividades por eles desempenhadas.

Em 1988, o Corpo de Bombeiros foi dotado de uma série de equipamentos considerados, naquela época, de última geração, sendo que o quartel do 1º Grupamento de Bombeiro Militar – 1º GBM abrigava uma formidável frota de socorro, a qual tinha o objetivo de prestar um atendimento de alta qualidade e era composta pelas viaturas operacionais modelos Auto Bomba Tanque, Auto Tanque, Auto Busca e Salvamento, Auto Lance Aéreo e Escada Magirus: ABT 01, ABT 02, ABT 04, ALA 01, AT 01, AT 02, ABS 01, ABS 02, e duas escadas MAGIRUS.

Iniciou-se, então, uma luta pela emancipação institucional em relação à PMMA, a qual foi acontecendo, gradualmente, sendo formalizada pela Emenda Constitucional n.º

⁴ Militar da reserva é o servidor que, após ter prestado serviço, passa à situação de inatividade permanente, remunerada ou não. A expressão – militar da reserva – compreende, também, os oficiais oriundos dos órgãos de preparação de oficiais da reserva.

008/92.

Em 1992, quando o Corpo de Bombeiros tornou-se finalmente independente da Polícia Militar, o quartel do 1º GBM passou a ser oficialmente o Quartel do Comando Geral – QCG do Corpo de Bombeiros.

Em 1993, a partir da criação da Lei nº 5.855, de 06 de dezembro, que dispôs sobre a Organização Básica do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão, a instituição assumiu definitivamente as seguintes ações: prevenção e extinção de incêndios urbanos e florestais, realização de serviços de busca e salvamento de pessoas, animais, bens e haveres, realização de vistorias em edificações, perícias de incêndios, prestação de socorro nos casos de inundações, desabamentos e catástrofes com ameaça de destruição, vítimas ou pessoas em iminente perigo de vida.

Em 1994, o Coronel do Exército Brasileiro, Guilherme Ventura, então Comandante Geral da corporação, conseguiu o prédio situado à Avenida dos Portugueses, s/nº, Bacanga, em São Luís, capital do Maranhão. Passaram a funcionar, nesse novo endereço, tanto a estrutura do novo Quartel do Comando Geral – QCG do CBMMA quanto a do 1º GBM.

Com a mudança de endereço do 1º GBM para o bairro do Bacanga, seu raio de atuação, além do centro de São Luís e bairros adjacentes, passou a ser também toda área Itaqui-Bacanga. Como consequência, houve uma mudança de nomenclatura: o 1º GBM passou a denominar-se 2º GBM.

Nesse mesmo ano, nas dependências do novo QCG, teve início o primeiro e o segundo Curso de Formação de Soldados – CFSd da corporação já independente, ocorridos em abril e em agosto de 1994, respectivamente, sendo o maior efetivo incorporado até o momento.

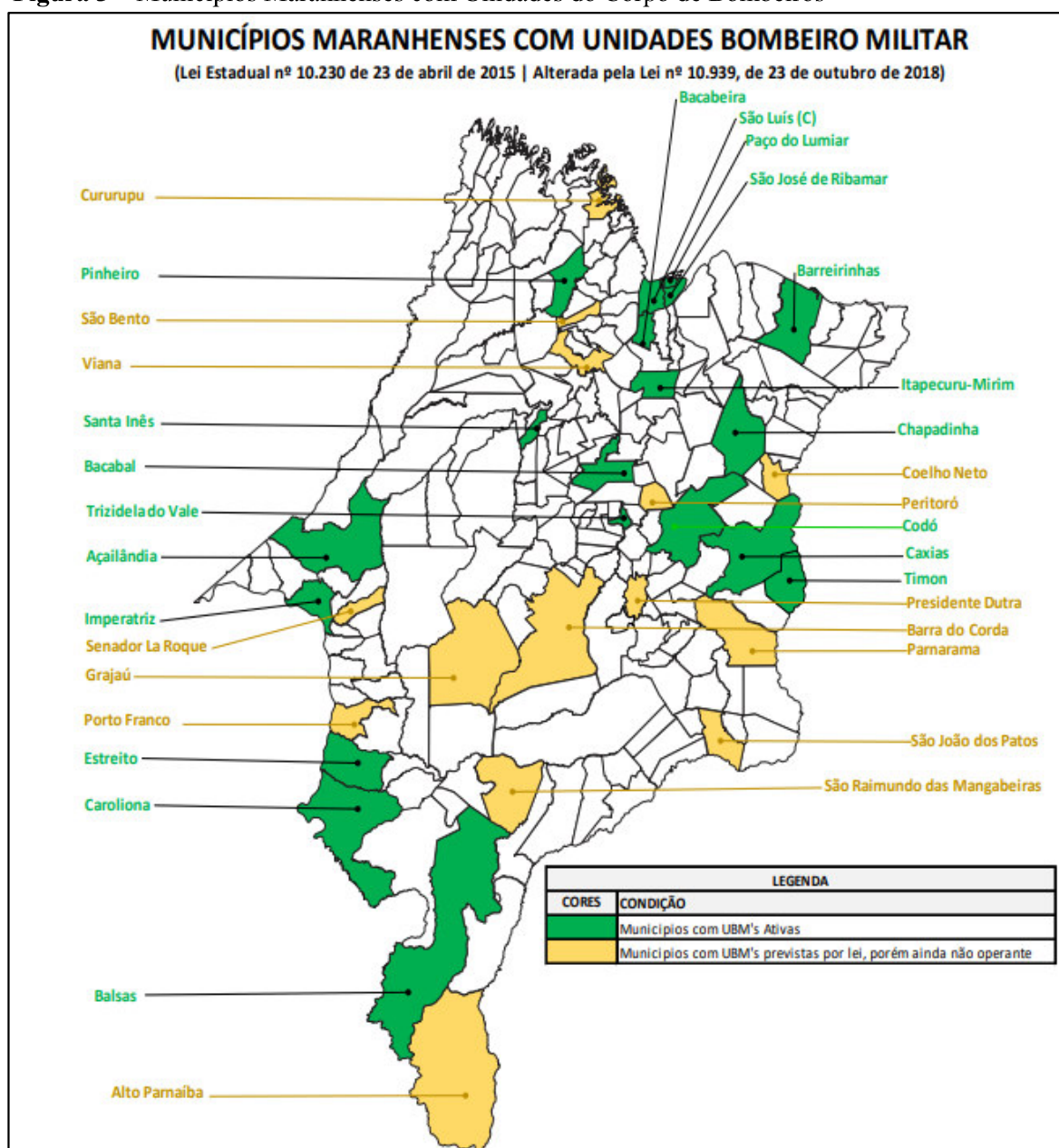
O CBMMA passou, ainda, a ter a responsabilidade de estudar, analisar, planejar, exigir e fiscalizar todo o serviço de segurança contra incêndio no Estado; embargar, interditar obras, serviços, habitações e locais de diversões públicas que não ofereçam condições de segurança de funcionamento, desempenhar atividades educativas de prevenção de incêndios, pânico coletivos e de proteção ao meio ambiente.

Atualmente, a corporação possui 16 Batalhões (unidades responsáveis por uma grande área de abrangência), e 12 Companhias Independentes (responsáveis por uma área específica, menor). Além das unidades de São Luís, o CBMMA possui quartéis localizados nos seguintes municípios: Açailândia, Bacabeira, Bacabal, Balsas, Barra do Corda, Barreirinhas, Carolina, Caxias, Chapadinha, Codó, Estreito, Imperatriz, Itapecuru-Mirim,

Paço do Lumiar, Pinheiro, Santa Inês, São José de Ribamar, Timon e Trizidela do Vale.

O CBMMA ainda gerencia 13 unidades do Colégio Militar 2 de Julho em diferentes cidades, 27 pólos do Programa Bombeiro Mirim e 03 pólos do Programa Melhor Idade.

Figura 3 – Municípios Maranhenses com Unidades do Corpo de Bombeiros



Fonte: MARANHÃO: Mapa das unidades ativas e previstas do CBMMA. São Luís, 2020.

Em São Luís, além das unidades administrativas e de uma Seção de Combate a Incêndio – SCI, situada no Aeroporto Marechal Hugo da Cunha Machado, o CBMMA dispõe ainda de uma Diretoria de Atividades Técnicas – DAT, responsável por analisar projetos e

vistoriar edificações contra incêndio e pânico.

Em 2015, entrou em vigor a nova lei da Organização Básica do CBMMA, a Lei nº 10.230, de 23 de abril de 2015, esboçando novas atribuições e uma inovação em seu art. 2º:

Ao Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão, órgão com competência para atuar no âmbito do Estado, cabe:

I - desenvolver a política Estadual de Proteção de Defesa Civil, nas ações de proteção da incolumidade e do socorro das pessoas em caso de infortúnio ou de calamidade;

II - prestar socorro nos casos de inundações, alagamentos, deslizamentos, desabamentos e/ou catástrofes, sempre que houver ameaça de destruição de haveres, vítimas ou pessoas em iminente perigo de vida;

III - exercer atividades de polícia administrativa para os serviços de Segurança Contra Incêndio e Pânico e de Salvamento, podendo, por meio de estudos, vistorias, análises, planejamento, fiscalização e controle de edificações, embargar, interditar obras, serviços, habitações e locais de diversões públicas que não oferecerem condições de segurança e de funcionamento;

IV - controlar e fiscalizar a formação de guarda-vidas em meio aquático;

V - realizar serviços de busca e salvamento de pessoas, animais, bens e haveres;

VI - realizar prevenção no meio aquático e serviço de guarda-vidas;

VII - realizar serviços de atendimento e transporte pré-hospitalar em vias e logradouros públicos;

VIII - proceder à perícia de incêndios, bem como o controle de edificações e seus projetos, visando à observância de requisitos técnicos contra incêndio e outros riscos, prevenindo e extinguindo incêndios urbanos e florestais;

IX - desenvolver pesquisas científicas em seu campo de atuação funcional e ações educativas de prevenção de incêndios, socorros de urgência, pânico coletivo e proteção ao meio ambiente, bem como ações de proteção e promoção do bem-estar da coletividade e dos direitos, garantias e liberdades do cidadão, estimulando o respeito à cidadania, por meio de ações de natureza preventiva e educacional ou por meio de convênios;

X - celebrar e manter intercâmbio sobre os assuntos de interesse de suas atribuições com órgãos congêneres de outras unidades da Federação ou Países, além de exercer outras atividades necessárias ao cumprimento de sua competência por meio de convênios.

De acordo com os dados repassados pela Diretoria de Pessoal do CBMMA, a Corporação conta, atualmente, com um efetivo de 443 oficiais, 87 cadetes (alunos do Curso de Formação de Oficiais, uma parceria entre a corporação e a Universidade Estadual do Maranhão), 994 praças (soldados, cabos, sargentos e subtenentes), totalizando 1.526 bombeiros militares em todo o Estado do Maranhão.

O CBMMA é comandado, no momento, pelo Coronel Célio Roberto Pinto de Araújo, do Quadro de Oficial Combatente Bombeiro Militar – QOCBM.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Investigar o léxico do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão, tanto quanto o de qualquer outra instituição de trabalho, ratifica a riqueza da diversidade de uma língua, pois em toda e qualquer língua ocorrem variações e mudanças em virtude do contexto social, cultural, técnico-científico, laboral, no qual ela é usada.

Sendo assim, neste capítulo, apresentamos o aporte teórico utilizado para balizar a produção do glossário de termos e socioterms do CBMMA.

3.1 Identidade social

O meio social do qual fazemos parte é o maior responsável pelas variações e alterações que ocorrem na língua, quer seja no âmbito da língua geral ou de um discurso especializado. Conforme Paim (2019, p. 11), “As transformações sociais recentes podem levar a escolhas de distintas maneiras de se dizer o mesmo, com o mesmo valor de verdade, num determinado contexto comunicativo”.

Como a língua é que nos permite estabelecer relações e criar laços com o outro dentro de uma sociedade, (PAIM, 2019, p. 11), as diferentes relações interpessoais vividas, construídas e estabelecidas com o tempo não possuem autonomia em face da dependência do outro, daquele com quem nos relacionamos.

Nesse sentido, Brandão (1986, p. 110) afirma que a noção de identidade social

afasta-se de uma concepção de identidade social como uma “essência”, afinal as identidades não são “algo peculiar a um grupo porque ele é naturalmente assim. São antes, construções “sempre e inequivocadamente realizadas como um trabalho simbólico dele, em sua cultura e com a sua cultura”.

Dessa forma, entender o que é identidade social exige, sobretudo, examinar e interpretar como as múltiplas identidades se relacionam em cada indivíduo, como essas identidades se relacionam com o comportamento, pensamentos e emoções e como essas identidades se relacionam com o todo, com a sociedade (BURKE;STETS, 2009, p. 03).

A identidade social tem por objetivo ligar sociedade e indivíduo, de modo que ambos possam relacionar-se mutuamente a partir do entendimento de que a sociedade não é um amontoado de sujeitos e de que os sujeitos não vivem apenas como quem recebe conhecimento, direcionamento e regras da sociedade.

Cabe-nos, nesse contexto, ratificar as palavras de Araújo (2019, p. 01):

Portanto, as características individuais são um complexo formado pelas influências da sociedade e pelas escolhas individuais. Ao mesmo tempo essa mesma sociedade não é uma construção abstrata incausável, mas é fruto do conjunto de ações destes indivíduos. As teorias sobre identidade social buscam justamente compreender como acontece este entrelaçamento.

Notadamente, a interação entre os indivíduos fortalece o processo de construção social, uma vez que, por intermédio da comunicação social, as pessoas definem e constroem sua realidade social, dão forma e agem sobre ela. (LOPES, 2002, p. 31).

Observamos, assim, o quanto as relações sociais são importantes para o fortalecimento da nossa identidade, da nossa consciência sobre o nosso eu e sobre o espaço que ocupamos, da nossa capacidade de julgamento, enfim, da nossa consciência sobre quem somos por intermédio do outro. Desse modo, a comunicação social é fundamental para consolidarmos a nossa identidade social, afinal, como disse Benveniste (1988, p. 287), “não há eu sem tu, e nem tu sem eu”, ou seja, não existe interlocução sem o outro.

Nesse contexto da importância do conhecimento e do fortalecimento da nossa identidade social, investigar o léxico especializado usado pelos membros do CBMMA nos revela, pelas especificidades linguísticas desenvolvidas, ou seja, pela terminologia gerada, sobretudo, nos contextos laborais dessa instituição, a identidade social desse grupo.

3.2 Variação linguística

Como afirmam Costa e Seabra (2015, p. 47), “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações, uma vez que nenhuma língua se apresenta como entidade homogênea, todas são apresentadas por um conjunto de variedades”.

Face ao exposto, explicitamos a classificação de variação linguística adotada por Polguère (2018, p. 104), que divide a variação linguística em cinco eixos que devem ser levados em consideração no âmbito do estudo de uma língua e, sobretudo, no âmbito do estudo do léxico: variação relacionada à situação geográfica, ao contexto da interação social, à temporalidade, ao campo de conhecimento e ao modo de comunicação.

Vejamos:

- **Variação relacionada à situação geográfica**, chamada de variação diatópica – manifesta-se através de diferenças linguísticas associadas a regiões ou países específicos.

- **Variação relacionada ao contexto da interação social**, para o autor divide-se em: **variação diastrática**, que está ligada ao “*âmbito social*” no qual cresceu ou no qual evoluiu um indivíduo e a **variação diafásica**, ligada ao registro de língua ou ao estilo que um indivíduo decide usar em função do contexto de comunicação.
- **Variação relacionada à temporalidade**, denominada diacrônica, ou seja, de modo que se modelize sua evolução no tempo.
- **Variação relacionada ao campo de conhecimento**, também pode ser chamada de variação terminológica, é aquela que se distingue da língua geral, sendo chamada de língua de especialidade e se caracteriza no plano lexical pelo uso de terminologias específicas.
- **Variação relacionada ao modo de comunicação**, chamada de variação diamésica, corresponde, especialmente, à distinção entre fala e escrita. (POLGUÈRE, 2018, p. 104) **(grifo nosso)**

Importa-nos enfatizar que a *variação relacionada ao campo de conhecimento*, também chamada de *variação terminológica*, tem relação direta com o nosso trabalho, já que ratifica que a variação é um fenômeno linguístico por excelência e que ocorre tanto no campo da língua geral quanto no das línguas de especialidade. Nesse sentido, segundo Barros (2004, p. 70),

as línguas de especialidade, bem como os conjuntos terminológicos pertencentes a elas, devem prioritariamente ser analisados em sua plenitude, ou seja, todos os aspectos sociais envolvidos e suas variações decorridas devem ser incluídas.

A exemplo deste estudo realizado sobre a terminologia do CBMMA, no campo semântico *alimentação*, para termo *torta*, em grande parte dos batalhões, foi fornecido o sociotermo *bob esponja*, a qual tem relação com a similar aparência do personagem Bob Esponja com o formato de uma torta, e é algo que vem se propagando dos mais antigos para os mais novos membros da corporação.

3.3 Conceituando léxico

Parafraseando Biderman (1998, p. 91), o léxico de uma língua constitui a maneira pela qual podemos de alguma forma, registrar nosso conhecimento acerca do mundo e nomear os referentes, algo feito pelo homem em sua classificação simultânea das coisas.

Para Seabra (2006, p. 07) o léxico é o

responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade, o léxico encontra-se arraigado à história, tradição e costumes de um povo, estando, por isso, em constante processo de expansão, alteração e contração. Devido a essas características, é considerado o subsistema mais dinâmico da língua.

Dessa forma, Seabra aponta as funções do léxico na sociedade, sua relação com o contexto histórico, social e com os costumes de determinado povo e destaca que sua dinamicidade está intrinsecamente relacionada à evolução das comunidades de fala.

O léxico constitui, desse modo, a principal fonte da memória coletiva de um grupo social, dos seus valores, crenças, tradições, atividades e demais especificidades que marcam suas relações com o mundo.

O léxico se manifesta em primeira instância como um fenômeno da memória de cada indivíduo. Mas enquanto vai se alojando ao longo da vida, de maneira ilimitada, como parte da língua que cada um recebe de sua comunidade linguística, não é um léxico privado, mas aquela parte do grande acervo da língua histórica que se recebe durante o aprendizado da língua e sua consequente educação. (LARA, 2006, p. 143).

Podemos, assim, confirmar que o léxico tem uma propriedade social vital, uma vez que pertence a uma comunidade de fala e constitui uma herança cultural.

De acordo com Aragão (2009, p. 16),

O léxico refere-se, assim, ao espaço em que o indivíduo e a sociedade interagem com todas as esferas da organização – política, econômica, social, histórica, regional e de gênero -, obedecendo ao processo contínuo e natural de adequação/criação/variação das novas formas de dizer, de modo a acompanhar todos os cursos da evolução histórica e cultural da humanidade.

Para Guilbert (1975, p. 31), é dever do léxico fazer frente às novas necessidades da sociedade, uma vez que toda “coisa”, todo conceito deve ser nomeado para ser objeto do conhecimento e ter acesso a uma existência social.

Para complementar as ideias propostas por Guilbert (1975), Antunes (2012, p. 29) nos diz que o léxico

é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro.

O léxico, dessa forma, ao mesmo tempo que é uma composição, um conjunto de unidades linguísticas disponíveis aos falantes para sua interação social, também se destina para a comunicação com o mundo, é (re) criado por esses falantes, ou seja, é produzido por seus usuários nas diversas situações que vivem.

Andrade (2001, p. 193), contudo enfatiza a diferenciação entre o que ele denomina ser um texto de uma língua geral e uma linguagem específica:

A diferença fundamental entre um texto de língua geral e outro, de uma linguagem especializada, está no uso dos termos específicos de determinada área, que lhe confere o caráter de especificidade, em distintos níveis de especialização, conforme o tipo de matéria e seu grau de abstração.

Esse autor mostra claramente que o texto de uma língua geral é aquele sobre o qual, em tese, todos possuem um certo entendimento e conhecimento, enquanto que para a compreensão de um texto de uma linguagem especializada se faz necessária uma vivência específica, um estudo mais apurado e/ou um pertencimento àquele universo das ciências, das técnicas, bem como aos das diferentes atividades laborais.

Como exemplo, o termo *bradou*, constitutivo do nosso trabalho, dentro do universo especializado dos bombeiros, refere-se a uma chamada para uma ocorrência que se deseja apresentar, ou seja, é o acionamento verbal da entrada de uma ocorrência, qualquer que seja ela. Quando analisado em um contexto de língua geral, entretanto, remete-nos a alguém que falou aos gritos, berrou, de acordo com o dicionário eletrônico Aurélio, (BRADOU, 2019).

3.4 As Ciências do Léxico

Segundo Antunes (2012, p. 27), “se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua”. Assim sendo, em todos os níveis de análise linguística há variação e mudança, mas é inegável que o nível lexical é o que mais demonstra a dinâmica das línguas naturais.

As ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e a Socioterminologia – estão intimamente correlacionadas, no entanto, cada uma, à sua maneira, delinea o léxico sob uma perspectiva de análise.

3.4.1 A Lexicologia

Fazendo uma síntese histórica dos estudos do léxico, a Lexicologia iniciou sua trajetória desde a Linguística Românica. No final do século XIX e meados do século XX, tivemos alguns trabalhos excepcionais em três áreas: (i) a semântica evolutiva ou história das palavras; (ii) o domínio conhecido como de “palavras e coisas”; e (iii) a geografia linguística. E essas áreas encontram-se diretamente relacionadas ao léxico e à cultura. (COSTA e SEABRA, 2015, p. 53).

Em 1966, Manuel Alvar traduziu e publicou uma coletânea de trabalhos lexicológicos denominada de *Lengua y Cultura*, pertencentes a Gerhard Rolhfs, trabalhos que identificam essa relação íntima e direta entre o léxico e a sociedade.

No período de 1950 a 1960, durante o surgimento da Teoria da Informação, a Lexicologia passou a ter um foco voltado aos estudos quantitativos e probabilísticos sobre o léxico. Biderman (1981, p. 130) ainda expõe que, na França e na Itália, sobretudo a partir do início da década de 1960 e até hoje, a produção de trabalhos do léxico e de tesouros léxicos das línguas tem sido extraordinária.

Outros estudiosos do vocabulário e da semântica, baseados em seus estudos de análise do léxico, trouxeram outras propostas de estudos voltados para campos semânticos, campos léxicos, campos conceituais e campos nocionais.

Temos ainda mais dois caminhos apresentados por Baldinger (1966, p. 08): a Onomasiologia e a Semasiologia, sendo que a Onomasiologia está voltada para os estudos das designações (as palavras) e a Semasiologia foca seus estudos nas significações, ambas se complementam, todavia, tem objetos de estudo específicos.

Outra categoria de lexicólogos buscou estudar a relação entre léxico e sociedade. Destaque para Matoré, que publicou, em 1953, *La méthode en lexicologie*. Nessa obra, ele classifica a Lexicologia como uma disciplina sociológica. Em sua análise, o léxico é apenas uma testemunha de uma sociedade, de uma época, o que é defendido por Dubois na obra *Le vocabulaire politique et social em France de 1869 à 1872*, publicada em 1962.

Dessa forma, observamos que a Lexicologia é uma ciência antiga, é o ramo da Linguística que trata, se ocupa do estudo científico do léxico, tendo como objetos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.

Outrossim, defini-la dá legitimidade à Lexicologia como ciência e, ao mesmo tempo, define sua área de abrangência, haja vista ser o léxico um sistema em constante ampliação, aberto, que exige delimitações para ser estudado de forma sistêmica. Diante do exposto, Biderman (1981, p. 131) nos declara que

a Lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos e tem uma ligação com a semântica. Costuma ser definida como “a “ciência do léxico duma língua” e estuda o relacionamento das palavras com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações.

Barbosa (1991, pp.182-189) destaca e também estabelece algumas tarefas que cabem à Lexicologia:

definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade de base – a lexia –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

Lorente (2004, p. 19), por sua vez, conceitua Lexicologia como sendo uma “disciplina que se ocupa do léxico das línguas de forma completa e integrada.” Nos revela que nenhum registro de qualquer comunidade de fala deva ser desconsiderado, pois todos possuem sua importância.

Reconhecendo a importância do léxico no contexto das relações e interação laborais, apresentamos como exemplo o sociotermo *brau breu*, o qual é utilizado pelos membros do Batalhão de Busca e Salvamento – BBS para se referir à alimentação, por mais que em uma outra unidade especializada do CBMMA não se conheça e até mesmo não se considere esse termo como algo usual.

3.4.2 A Lexicografia

Segundo Barros (2004, p. 29), desde os tempos mais remotos, o homem tem o hábito de nomear animais, plantas, objetos e tudo o que vê, porém, tornar esse conhecimento mais abrangente e de domínio público data de 2.600 a.C, feito pelos sumérios em forma de tijolos de argila. Por volta de 1.800 a.C surgem no Egito os primeiros dicionários temáticos.

A denominada ciência dos dicionários teve início nos séculos XVI e XVII, período medieval no qual houve a produção de dicionários monolíngues e bilíngues, mas, na maioria das vezes, esses dicionários – tesouro ou thesaurus – não seguiam uma acomodação por resolução alfabética, por exemplo. Na verdade, conforme nos afirma Nunes (2012, p. 21), “não se dispunha de critérios para inserção de palavra nas obras.”

No Brasil, os primeiros registros históricos que podemos considerar como registros lexicográficos datam dos séculos XVI e XVII, a Carta de Pero Vaz de Caminha e os registros dos missionários jesuítas: o primeiro fazendo uma descrição do povo, da fauna e da flora encontrados e uma segunda tradução dos termos indígenas com o foco na comunicação e colonização.

Destacamos que o trabalho de Caminha consiste em um documento com riqueza de detalhes da colonização, do povo além-mar, de uma nova sociedade, bem como, de um

ambiente físico, social e culturalmente diferente do que o vivido em Portugal, e aquele criado pelos jesuítas, missionários que constroem um dicionário bilíngue.

Quanto ao processo de dicionarização, Isquierdo (2011, p. 119), nos afirma que

nota-se, pois, que o processo de dicionarização no Brasil tem início pelas mãos dos jesuítas nos séculos XVI-XVII que produziram no Brasil obras, em sua maioria vocabulários bilíngues – português-tupi – que registravam o universo vocabular veiculado nessa fase da história do Brasil. Na verdade, tanto essas produções “lexicográficas” quanto os relatos dos viajantes sedimentaram a base para a posterior construção das obras lexicográficas monolíngues.

Como registro dessa época, temos *O caderno da língua ou vocabulário português-tupi*, do Frei João de Arronches – 1739; o *Dicionário português-brasílico e brasílico-português* e o *Vocabulário português-brasílico*, do Frei José Mariano da Conceição Veloso, datados de 1700, obras publicadas no início do século XVIII.

O século XVIII marca o fim da fase colonial e o início da fase do império no Brasil, que se estende até o século XIX, e é caracterizado por dois momentos: i) luta pela independência do Brasil em relação a Portugal (1822) e ii) Proclamação da República (1889), esses acontecimentos históricos foram fundamentais para se desenvolver a busca por uma identidade nacional.

A primeira tentativa de se descrever o vocabulário brasileiro teria acontecido em 1888 e é atribuído a Antônio Joaquim Macedo Soares, entretanto, o primeiro dicionário publicado foi o *Dicionário da língua brasileira*, de Luís Maria Silva Pinto, em 1832, em Ouro Preto – Minas Gerais. Registram-se, ainda, as três primeiras edições do *Dicionário da Língua Portuguesa*, do brasileiro Antônio de Moraes Silva, publicadas respectivamente em 1789, 1813 e 1823. Essas obras sucederam o *Vocabulário Português Latino*, do Padre Raphael Bluteau, publicado em 1712.

Tivemos, ainda, uma edição *fac-símile* do *Dicionário da Língua Brasileira*, de autoria do brasileiro Luís Maria Silva Pinto, em 1832. Obra publicada pela Sociedade Goiana de Cultura, Centro de Cultura de Goiana e pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, em 1996.

Com o objetivo também de registrar os brasileirismos, temos a obra de Rodolpho Garcia, *Diccionario de Brasileirismo - peculiaridades pernambucanas*, publicada em 1915, na qual há uma tentativa de classificar os brasileirismos além de apresentar outros trabalhos produzidos no país, apresentando um apanhado de diversos trabalhos publicados entre os séculos XIX e XX.

Em 1922, durante a semana de arte moderna, foi retomada a questão da língua brasileira como marca da identidade nacional, fato este que levou a se distinguir o português do Brasil em relação ao de Portugal.

Seguindo a cronologia, temos, no final do século XIX, uma produção lexicográfica voltada para os brasileirismos na língua brasileira e no século XX obras voltadas para a língua portuguesa do Brasil, com o objetivo de amparar o léxico do português brasileiro. Krieger *et al.* (2006, p. 174) considera o século XX como um marco na história da lexicografia brasileira, pois surgem os dicionários editados com exclusividade por editoras nacionais e algumas produzidas em Portugal.

As autoras dividem esse momento em dois ciclos: o primeiro, no qual as obras são produzidas em Portugal, todavia com edições brasileiras, destaque para o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Candido Figueiredo, publicado em 1926, e o segundo ciclo no qual temos, em 1938, a publicação em um volume somente do *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa* (PDBLP), de Aurélio Buarque de Holanda, Manoel Bandeira, Gustavo Barroso e Hildebrando de Lima, obra considerada “um dicionário padrão do português brasileiro”. Essa avaliação conferiu ao PDBLP o título de dicionário fundador, por excelência, da Lexicografia brasileira. (KRIEGER *et al.*, 2006, p. 181)

Em 1975, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda, tornou-se uma referência nacional e internacional, tendo uma segunda edição pela Nova fronteira em 1999.

Em 1998, temos a primeira edição do Moderno Dicionário da Língua Portuguesa – Michaelis, elaborado com a participação de 84 profissionais especializados ao longo de dez anos. (ISQUERDO, 2001 p. 132)

No século XXI, temos as seguintes tendências lexicográficas: o lançamento de versões *online* e eletrônicas de dicionários gerais de língua portuguesa; o lançamento de dicionários gerais da língua de grande porte – destaque para o *Dicionário Houaiss (2001)* e o *Dicionário Aurélio (2004)*, com suas novas versões.

Ocorreram ainda a produção de dicionários com nomenclaturas extraídas de corpora textuais, destaque para o *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (2004)*, organizado por Francisco da Silva Borba. Destaque para o *Dicionário de Frequência do Léxico do Português Brasileiro Contemporâneo (1950-1990)*, pertencente à Professora Maria Teresa Camargo Biderman.

Diante desse apanhado histórico, constatamos que a Lexicografia tem como objeto de investigação a palavra, mas seu foco é a técnica de sistematização, o processamento

e a das palavras em dicionários, vocabulários e glossários, especializados ou não, se distinguindo, assim, da Lexicologia, que realiza estudos científicos do léxico. (NUNES 2012, p. 21)

Segundo Oliveira e Isquerdo (2001, p. 17),

a Lexicografia teve início na contemporaneidade, muito embora existisse desde a época dos glossários latinos e medievais, mas era muito diferente de hoje. [...] Os primeiros dicionários eram geralmente bilíngues, glossários que ofereciam traduções de palavras de uma língua para outra.

Conforme Barbosa, (1992, p. 08), com as contribuições das novas teorias linguísticas e das novas teorias de ensino de línguas, a Lexicografia moderna se expandiu. Hoje, a preocupação não consiste apenas na produção de dicionários, mas também, na análise das metodologias de produção lexicográfica, isto é, como e para que os dicionários têm sido feitos. Nesse contexto, surge a Lexicografia pedagógica que estuda os dicionários de aprendizagem de línguas, os quais são empregados nas escolas e auxiliam na formação dos alunos durante o processo de aprendizagem por intermédio da leitura e escrita.

Considerando as particularidades das obras lexicográficas, Faulstich (1995, p. 6) conceitua glossário como:

- a) Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.
 - b) Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência.
- Nota: os glossários em ordem alfabética e os em ordem sistemática podem também conter sinonímia, variante(s) e equivalente(s).
- c) Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência.
- Nota: este tipo de glossário é útil para tradutores e intérpretes; elabora-se, normalmente, a partir de bases textuais informatizadas

Para Krieger e Finatto (2004, p. 47), o espaço histórico ocupado pela Lexicografia entre as disciplinas que estudam o léxico, é algo milenar e ao mesmo tempo essencial.

Sendo assim, no entendimento de Rey (1975, p. 15) “a Lexicografia conservou, desde suas origens, o sistema de estabelecer a relação entre os elementos de um léxico as equivalências elaboradas na mesma língua, que vieram substituir as traduções, destinadas a revelar os significados.”

Para Henriques (2018, p. 15), a Lexicografia tem como função a descrição do léxico de uma ou mais línguas com o objetivo de criar obras de referência, principalmente, dicionários (em formato impresso ou eletrônico) e bases de dados lexicográficos.

Destacamos, assim, a importância desta ciência para o estudo do léxico das mais diferentes línguas, uma vez que a mesma objetiva o desenvolvimento de obras de referência.

3.4.3 A Terminologia

Ciência de profunda importância para a realização do nosso trabalho, a Terminologia, conforme Barros (2004, p. 34), teve a seguinte cronologia histórica:

O termo Terminologia conquistou um espaço nos dicionários europeus, com o “*Dictionnaire des sciences, des lettres et des arts* de Bouillet” (7^a. Ed.) que, em 1864, descrevia-o como palavra que designa um conjunto de termos técnicos de uma ciência ou de uma arte e das ideias que elas representam. Como campo de estudo, *terminologia* é finalmente registrada na terceira edição do *Webster*.

A afirmação da Terminologia como disciplina científica que estuda os termos de uma área de especialidade se deu mediante a contribuição de especialistas em outras áreas. Dessa forma, Eugen Wüster (1898-1977), engenheiro austríaco, nos anos de 1930, estabeleceu as bases da chamada Escola Terminológica de Viena e tornou-se um dos colaboradores da elaboração da Teoria Geral da Terminologia (TGT). Paralelamente aos seus trabalhos, desenvolveram-se, na ex-URSS, estudos linguísticos sobre termos de domínios especializados, sendo Dmitrij Semënovič Lotte (1898-1950) o fundador e principal expoente da linha soviética da Terminologia.

Sobre a Teoria Geral da Terminologia – TGT, Krieger e Finatto (2004, p. 31) afirmam ser um estudo teórico sobre o léxico especializado, desenvolvido por Eugen Wüster, com o objetivo de delinear diretrizes pragmáticas de normatização das terminologias, visando facilitar seu uso unívoco mundialmente, conforme atesta a obra póstuma de Wüster, *Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica*⁵, publicada na Alemanha, em 1979, por seu discípulo Helmut Felber.

A TGT tornou-se, assim, uma referência nos estudos terminológicos que objetivavam padronizar os léxicos especializados para favorecer a eficácia das comunicações

⁵ Obra póstuma de Eugen Wüster (1898-1977), *Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica*.

científicas e técnicas em plano internacional.

Como vantagens, a TGT possibilitou que a Terminologia se fortalecesse como ciência do léxico. Como desvantagens, temos: falta de ampliação do seu poder explicativo; fundamentada somente em produções terminográficas de cunho prescritivo; voltada para controlar e padronizar os usos de terminologias a nível mundial; não considerava os termos como pertencentes às línguas naturais; os conceitos eram identificados somente por rótulos, entendidos como denominações criadas com intuito de fugir das ambiguidades do léxico comum; dissociava a relação pensamento e linguagem e possuía uma visão fundamentada na onomasiologia.

No entanto, no final do século XX, a Terminologia segue um novo rumo, surgem novos fundamentos que analisam o desempenho dos léxicos terminológicos dentro do universo plural das comunicações especializadas. Considerando essa evolução dos estudos da Terminologia, posteriormente à Teoria Geral da Terminologia - TGT, temos a Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT, desenvolvida por Maria Teresa Cabré.

A TCT é uma reação crítica aos estudos da Teoria Geral da Terminologia baseada nos seguintes pontos cruciais: a própria finalidade da teoria, seu modo de conceber uma unidade terminológica e seu desinteresse pelas estruturas morfológicas, pelos aspectos sintáticos das unidades lexicais. (CABRÉ, 1999, p. 77).

Essa teoria contempla a variação linguística em toda sua dimensão real, pois está alicerçada na defesa de que

tanto o conhecimento especializado, quanto os textos especializados, como as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em diferentes níveis de representação. Só assim, a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade (CABRÉ, 1999, p. 126).

Bevilacqua (2004, p. 122) nos apresenta alguns pressupostos básicos da TCT:

1. É uma perspectiva linguística que incorpora, além de uma teoria da língua, uma teoria do conhecimento e uma teoria da comunicação;
2. Concebe a língua como um sistema que inclui gramática, semântica e pragmática;
3. Considera os textos ou os discursos especializados como base da comunicação especializada e, portanto, estes discursos fazem parte da língua natural;
4. Considera o texto como âmbito natural das Unidades de Significação Especializada, o que permite uma descrição mais ampla das unidades terminológicas bem como de outras unidades de significação especializada;
5. Considera as Unidades de Significação Especializada como unidades que são

- ao mesmo tempo linguísticas, cognitivas e comunicativas;
6. Considera que as Unidades de Significação Especializada são, em princípio, unidades léxicas que fazem parte do léxico do falante e que adquirem valor de acordo com seu uso em determinado âmbito especializado; e
 7. Admite a variação conceptual e denominativa das Unidades Terminológicas, levando em conta a dimensão comunicativa e discursiva dessas unidades.

Os embasamentos da TCT foram fundamentais para a coleta e análise do nosso *corpus*, uma vez que precisamos atentar para as características e individualidades dos nossos informantes, as especificidades do ambiente laboral no qual estão inseridos e suas relações com os demais membros do grupo. Essa afirmativa se ratifica devido ao registro do sociotermo *guardadores da cidade*, utilizado pelos membros do 1º Batalhão de Bombeiros Militar quando de serviço operacional naquele quartel, vislumbramos assim, uma característica marcante e, ao mesmo tempo, uma especificidade daquele ambiente, o autorreconhecimento da importância dos seus serviços prestados à sociedade, do quanto seu trabalho é valoroso.

Na contramão da TGT, Cabré (1999) nos apresenta como vantagens da TCT uma teoria que valoriza os aspectos comunicativos das linguagens especializadas, em oposição aos objetivos de normatização da TGT, defendendo o entendimento de que as unidades terminológicas são partes integrantes da língua natural e da gramática das línguas. Na TCT, uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados. (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 35).

A Unesco mantém, desde 1971, o Centro Internacional de Informação sobre Terminologia (InfoTerm), cuja função é difundir informações sobre publicações terminológicas, bibliotecas e centros de documentação especializada em Terminologia, realizar eventos científicos e cursos na área, elaborar material didático e informar sobre instituições de ensino que ofereçam formação em Terminologia, sobre projetos desenvolvidos nessa área no mundo todo, sobre os princípios e métodos de elaboração de obras terminográficas e sobre organismos nacionais e internacionais de Terminologia.

A partir de 1996, o InfoTerm passou a ser uma associação internacional independente. Em 1977, nasceu a Rede Internacional de Terminologia (TermNet), impulsionada pelo InfoTerm.

No Brasil, os estudos terminológicos passaram a se desenvolver, de modo mais contundente, a partir dos anos de 1980. Na lista das entradas do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara, edição de 2011, a Terminologia é definida como: “s. f. conjunto dos termos próprios de uma arte ou ciência”.

Barros (2004, p. 31-34) ainda nos diz que as definições descritas, anteriormente, mostram que a diferenciação entre terminologia e nomenclatura não está totalmente resolvida:

O termo terminologia é, ainda, empregado com o sentido de disciplina científica e de conjunto de termos de uma língua de especialidade. [...] ou o estudo científico dos conceitos e dos termos em uso nas línguas de especialidade. Enquanto que nomenclatura como sendo conjunto de termos que são objeto de uma pesquisa terminológica. Ou repertório de termos apresentando relações conceptuais fortemente estruturadas e correspondendo a regras sistemáticas de denominação.

De forma geral, podemos afirmar que Terminologia é uma ciência relativamente nova, que se desenvolve paralelamente às mudanças e transformações que ocorrem no mundo, principalmente nas áreas da ciência, tecnologia e comunicação.

O objeto de trabalho da Terminologia é o termo. Para Oliveira e Isquardo (2001, p. 193) “as linguagens especializadas se caracterizam pelo emprego da terminologia, que representa a estrutura conceptual de determinadas matérias, enquanto os termos denominam os conceitos da rede estruturada da matéria em questão”.

Segundo Pontes (1997, p. 45 apud SAGER, 1990, p. 03), para se compreender a pluralidade de definições da terminologia é necessário o entendimento de três noções fundamentais:

- (1) A “terminologia” entendida como o sistema conceptual e de designações de alguma especialidade técnica e científica, isto é, como um **conjunto de termos técnicos ou científicos**.
- (2) “terminologia” entendida como o **conjunto de métodos e práticas usadas para coleta, descrição, processamento e apresentação de termos**;
- (3) “terminologia” entendida como o **conjunto de premissas, argumentos e conclusões requeridos para esclarecer os relacionamentos entre conceitos e termos**, o que é fundamental para dar coerência a atividade terminológica. (**grifo nosso**)

Essa polissemia tende a diferenciar o que seria Terminologia ciência da terminologia disciplina.

Cabré (1993, p. 52), por sua vez, nos apresenta a seguinte conceituação para Terminologia:

A terminologia é, antes de tudo, um estudo do conceito e dos sistemas conceptuais que descrevem cada matéria especializada; o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceptual, e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa.

Para Rondeau (1984, p. 89), a Terminologia abrange a

na maior parte das obras lexicográficas produzidas pela terminologia, nos últimos anos, encontram-se as seguintes tendências: delimitação de domínios e subdomínios; delimitação da amplitude do trabalho (número aproximado de noções a serem tratadas); estabelecimento e diferenciação de catálogo, compreendendo obras lexicográficas e não lexicográficas; consultas permanentes de especialistas de área; apresentação, segundo a ordem sistemática, acompanhada de índice alfabético; preparação e difusão limitada de um manuscrito provisório, seguido de comentários; acompanhamento de ilustrações no caso ou na matéria em questão.

A Terminologia tem, em suma, o objetivo de reunir os resultados da investigação terminológica para pô-los à disposição dos usuários de maneira sistemática. Os produtos dessa atividade são as obras terminológicas, as quais se diferenciam das obras lexicográficas que têm como *corpus* a língua comum. Como bem assinala Bevilacqua e Finatto (2006, p. 48),

Essa linguagem técnica ou científica, segundo nossa ótica, não corresponde a uma língua à parte da língua cotidiana, mas perfaz um uso seu que a torna peculiar, especializada, em uma dada situação de comunicação. O reconhecimento dessa linguagem, procedido segundo determinados princípios e critérios, gerará o dicionário ou glossário, grosso modo percebido apenas como uma “lista de termos”.

Conforme Krieger e Finatto (2004, p. 77), um nome tem direito ao título de termo quando se distingue conceitualmente de outra unidade lexical de uma mesma terminologia. Um nome somente poderá adquirir o direito à denominação de termo quando este se diferenciar conceitualmente de uma outra unidade lexical dentro de uma mesma terminologia, assim, uma das características do termo é o fato da homonímia não se constituir um risco de ambiguidade.

3.4.3.1 O termo

Sabemos que a Terminologia possui como referência de estudo o termo, conforme Barros (2004, p. 39-40) esclarece, termo é uma unidade lexical com conteúdo específico dentro de um domínio, sendo ainda chamado de *unidade terminológica*. Explica ainda que o conjunto de termos de uma área de especialidade chama-se *conjunto terminológico ou terminologia*.

O termo, como signo linguístico das línguas de especialidade,

pode ser analisado em seus diferentes aspectos: do ponto de vista do significante e do significado, das relações de sentido que mantem com outros termos (sinônimos, homônimos, etc.), de seu valor sociolinguístico (usos, preferências, conotações, processo de banalização etc.) e outros. (BARROS, 2004, p. 39-40).

Segundo Rey (1979, p. 40), a Terminologia apresenta três objetos que compõem de diversas formas a base do conhecimento especializado: o termo, a fraseologia e a definição, e ressalta que tanto o termo quanto a definição são faces da mesma moeda.

as palavras *definição* e *termo* são ligadas por um traço comum: elas designam na origem o estabelecimento de um limite, de um fim (*définir*) e seu resultado (termo). No plano nocional, para que um nome tenha direito ao título de termo, é necessário que ele possa, enquanto elemento de um conjunto (uma terminologia), ser distinguido de outro. O único caminho para exprimir esse sistema de distinções recíprocas é a operação dita *definição*.

Henriques (2018, p. 13) conceitua fraseologia como

é a parte da LEXICOLOGIA que se ocupa das combinações estáveis de unidades lexicais constituídas, no mínimo, por duas palavras gráficas e, no máximo, por uma frase completa. Por um ponto de vista mais amplo compõem o sistema fraseológico as locuções (exs. *De dar pena / à medida que*), as colocações (exs.: *branca nuvem / abrir um inquérito / redondamente enganado*) e os enunciados fraseológicos, que se subdividem em provérbios (exs.: *Devagar se vai longe / Casa de ferreiro, espeto de pau*), alegorias (exs.: *Tudo vale a pena quando a alma não é pequena / Transportar um punhado de terra todos os dias e farás uma motanha*) e fórmulas de rotina (exs.: *Desculpe a demora / Durma bem/ No momento não podemos atendê-lo*).

Nesse sentido, Alain Rey (1979, p. 22) declara que

o nome é o objeto mesmo da terminologia: com efeito um nome definível no interior de um sistema corrente, enumerativo e/ou estruturado, é um termo; o conteúdo de sua definição correspondendo a uma noção (conceito), analisável em compreensão.

De acordo com Krieger e Finatto (2004, p. 75), a Terminologia é um campo do conhecimento que possui identidade própria e estabelece o termo – um dos objetos de estudo da Terminologia — como um objeto distinto de ponderação e de tratamento. Ambas conceituam termo como sendo um elemento constitutivo da produção do saber, enquanto componente linguístico, cujas propriedades favorecem um único significado, ou seja, não

permite a ambiguidade no léxico especializada.

Segundo Andrade (2001, p. 192), a terminologia pode ser encarada como uma “especificidade” da Lexicologia, por ela tratar, não de todas as palavras da língua, mas daquelas que constituem as linguagens especializadas.

Assim, ratificamos as palavras de Andrade (2001, p. 193):

os termos são unidades sógnicas distintivas e significativas ao mesmo tempo, apresentando-se de forma tão natural no discurso especializado quanto as palavras nos discursos que se valem da língua comum como forma de expressão.

O estudioso Wüster (1998, p. 21 apud KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 77) por sua vez destaca a função do conceito como elemento responsável por atribuir um instituto terminológico a uma unidade lexical da língua, estabeleceu distinções entre termos e palavras, “salientando que a compreensão de uma unidade da língua, enquanto o termo, está fundamentada no papel da dimensão conceitual do signo linguístico que responde, neste caso, pelo denominado conteúdo especializado”.

Nesse contexto, conforme Reformatskii (2000, p. 152), “[...] se faz necessário estabelecer de que forma o termo se deslinda, se diferencia das outras palavras, e quais são os traços que facilitam essa diferenciação.”

Para Pontes (1997, p. 47), o termo, que é o objeto de estudo da Terminologia, é essencialmente um signo linguístico formado de uma denominação (significante) e um conceito (significado).

A invariância conceitual da TGT, esclarecida por Krieger e Finatto (2004, p. 77), está conexas com as propriedades ativas de monossímia, de monorreferencialidade e de exclusividade denominativa. Elas nos afirmam que, de acordo com Rondeau (1984, p. 19),

O termo caracteriza-se no sentido de que para uma noção dada há, teoricamente, uma única denominação. Esta característica do termo se funda sobre um postulado da terminologia: o da relação de univocidade entre denominação (significante) e noção (significado, relação do tipo reflexiva).

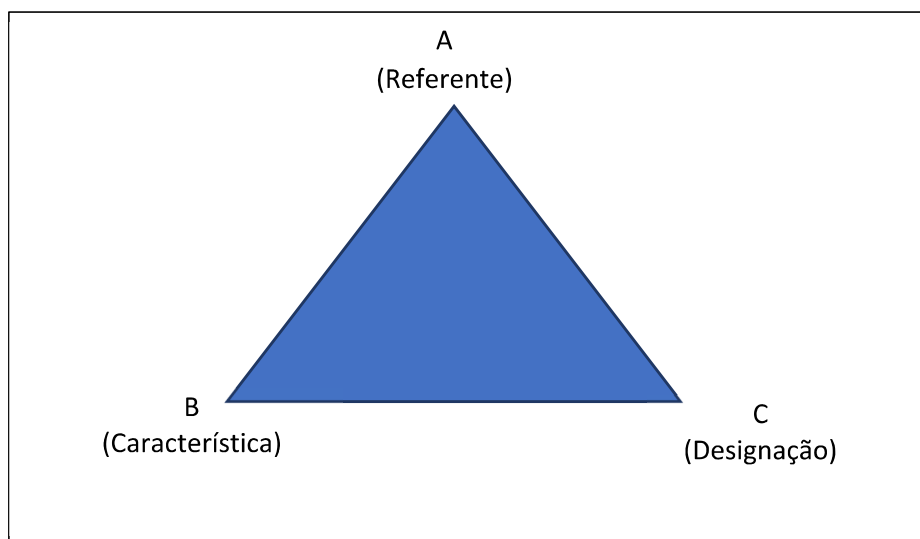
Gouadec (1990, p. 3 apud KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 77) ratifica ainda que “um termo é uma unidade linguística que designa um conceito, um objeto ou um processo. O termo é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido. Ele raramente se confunde com a palavra ortográfica.”

Considerando a natureza constitutiva do termo, segundo Pontes (1997, p. 47), a denominação é a forma linguística externa do termo. É, igualmente, o resultado de uma relação estabelecida, seja pelo uso, seja pela criação artificial, para representar o conceito.

Para Dubois (*et.al* 2014, p. 126), dá-se o nome de conceito a toda representação simbólica, de natureza verbal, que tem uma significação geral conveniente a toda uma série de objetos concretos que possuem propriedades comuns.

A representação desta definição foi elaborada utilizando-se um triângulo conceitual. O triângulo de representação do conceito é um trabalho efetuado pelos investigadores britânicos, Charles Kay Ogden (1889-1957) e Ivor Armstrong Richards (1893-1979), em um ensaio intitulado *The Meaning of Meaning*, de 1923, no qual ambos buscaram sistematizar seus conhecimentos e suas estratégias de estudo acerca do significado com uma perspectiva interdisciplinar. Ogden tinha formação como linguista e Richards como crítico literário.

Figura 4 – Triângulo Conceitual de Ogden e Richards



Fonte: Ogden e Richards (1923)

Segundo o triângulo conceitual, os três principais fatores de destaque em toda enunciação são os processos mentais, o símbolo (ou signo, palavra, significante, etc.) e o referente (ou objeto, realidade dada, o elemento externo ao qual alguém se refere).

Conforme Blikstein (1983, p. 47), o “referente” (ou outra denominação utilizada) é considerado a interpretação (percepção; ponto de vista) de uma determinada realidade, uma vez que a língua “não divide a realidade propriamente, mas a realidade produzida”, estabelecida na praxe social.

Ao avaliarmos esse triângulo conceitual, observando os três principais fatores - o *significante*, *significado* e o *referente* – entendemos que o *referente* seja a base de entendimento que um indivíduo necessita ao elaborar seus conceitos e definir as características originárias desse conceito, uma vez que o referente possui diversas características, o que varia de acordo com o ponto de vista ou os objetivos de quem se expressa. Constatamos que o ponto essencial está na harmonia entre esses três entes

3.4.4 A Terminografia

A disciplina que se preocupa com a prática terminológica é a Terminografia, cuja atividade consiste em recolher e organizar os termos e as noções de uma mesma área sob a forma de dicionários, glossários, léxicos etc., ou seja, compreende o registro, o tratamento e a apresentação dos dados terminológicos obtidos em pesquisa terminológica (HENRIQUES, 2018, p. 26).

A Terminografia tem como característica demonstrar suas informações somente naquela área do conhecimento que aborda, de maneira concisa e delimitada, porém, ligada a um texto de referência, de conhecimento específico e voltado para um ambiente laboral. Durante sua criação, muitas das vezes, opta-se por trabalhar somente com as informações contidas no verbete.

De acordo com Henriques (2018, p. 26), um princípio teórico básico da Terminografia é que para cada conceito diferente deve corresponder a uma entrada diferente devidamente sinalizada. Nesse sentido, definições diferentes pressupõem conceitos diferentes individualizados, válidos em determinadas situações e não em outras.

Barros (2004, p. 68), nos diz que a Terminografia é uma prática de elaboração de vocabulários técnicos e especializados. Para a autora a Terminografia tem relação direta com a Terminologia, pois auxilia na fundamentação teórica dos seus trabalhos e, consequentemente, nos estudos elaborados sobre o *termo*, com destaque para o *conteúdo*, o *valor linguístico* e a *sua expressão*, os quais dão sustentação teórica à produção das obras terminográficas.

A função da Terminografia é analisar seu objeto de estudo (dicionários terminológicos), propor novos padrões de tratamento dos dados, ponderar quanto a cientificidade dos seus trabalhos e construir uma metalinguagem adequada, além de consolidar seus processos de elaboração de dicionários terminológicos.

Diferenciando-se da Terminologia, a Terminografia tem caráter tecnológico enquanto a Terminologia tem estilo científico, contudo, ambas são complementares quanto ao procedimento da unidade terminológica, sendo que a Terminologia se caracteriza como ciência fundamental, enquanto que a Terminografia como ciência aplicada, devido a sua estrutura no ser e fazer tem estatuto de ciência básica, podendo ser classificada ao mesmo tempo como ciência básica e aplicada. (BARROS, 2004, p. 68)

3.4.5 A Socioterminologia

De acordo com François Gaudin a socioterminologia surge no início de 1980, por intermédio dos trabalhos de Jean-Claude Boulanger, Pierre Lerat, Monique Slodzian, sendo em 1986 no *colóquio sobre fertilização nas línguas românicas* ser construído de maneira pragmática por Yves Gambier. (GAUDIN, 2014, p. 295)

A Socioterminologia surge depois que Boulanger afirma, em 1991, em seu artigo “*Une lecture socio-culturelle de la terminologie*” - (Uma leitura sociocultural da terminologia), que o ponto de vista socioterminológico nasce como uma nova corrente, pois “vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas” (BOULANGER, 1991, p. 25).

Para Boulanger (1991, p. 25), o termo Socioterminologia refere-se à disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes situações de uso da língua.

Pierre Auger (1993), a Socioterminologia é uma reação às escolas hipernormalizadoras, desconectadas dos contextos sociais dos usos linguísticos; o que é ratificado por Gaudin (1993, p. 53): “Essa corrente busca suas origens no cruzamento da sociologia da linguagem e da harmonização linguística.”

Em 1993, Gaudin, em sua tese de doutorado intitulada “*Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*”⁶ “Para uma socioterminologia - problemas semânticos para práticas institucionais”, discute com mais propriedade o estudo da terminologia voltado para o social ao declarar que

⁶ Em 1993, François Gaudin, lança tese de doutorado intitulada “*Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*” “Para uma socioterminologia - problemas semânticos para práticas institucionais”

a socioterminologia, com o suposto de que deseja ultrapassar os limites de uma terminologia “de escrivão”, deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas do insucesso e as do sucesso, no âmbito das práticas linguísticas e sociais concretas dos homens que empregam tais termos. Estas práticas são essencialmente aquelas que se exercem nas esferas de atividade. Eis porque a socioterminologia devia reencontrar as reflexões nos laços que se criam entre trabalho e linguagem. (GAUDIN, 1993, p. 216).

Ou seja, Gaudin nos propõe uma libertação da Terminologia, ao passo que propõe, por intermédio da Sociologia, um reencontro com os estudos adequados e coerentes entre trabalho e linguagem.

Para Barros (2004, p. 69 apud GAUDIN, 1993, p. 216), a

Socioterminologia procura analisar a terminologia do ponto de vista das práticas linguísticas e sociais concretas dos homens que a empregam. Opõe-se à análise *in vitro* das terminologias (como o faz a TGT) e propõe um estudo *in vivo* nas línguas de especialidade.

Barros (2004, p. 69 apud GAUDIN, 1993, p. 212) afirma que para a Socioterminologia é essencial considerar o uso dos termos e a comunicação especializada na sociedade, quando nos afirma que

Para a Socioterminologia, é fundamental levar em consideração o uso dos termos e situar a comunicação especializada em seu lugar social. Privilegia, portanto, os aspectos sociais da linguagem de especialidade e parte do pressuposto de que a prática terminológica é inseparável tanto do conhecimento do espaço da ação onde ela se dá, quanto das práticas de linguagem que visa modificar ou assegurar.

No Brasil, os estudos em Socioterminologia tiveram início na Universidade de Brasília – UNB, mais especificamente, no Grupo de Pesquisa Léxico e Terminologia, coordenado pela Professora Enilde Faulstich, o qual buscava organizar a Socioterminologia em dois campos: a) a Socioterminologia como prática do trabalho terminológico, fundamentada na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem, e b) a Socioterminologia como disciplina descritiva que estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social.

Para Barros (2004, p. 69-70) a Socioterminologia concebe o termo como sendo um signo linguístico, mesmo sentido concebido por Saussure, isto é, aquela unidade composta por conteúdo e expressão que são indissociáveis uma da outra, porém sem que um seja prioritário ou anteceda o outro.

Constatamos, então, o quanto a Socioterminologia se opõe à TGT, haja vista a primeira reconhecer a existência da sinonímia, da homonímia, da polissemia, por conseguinte, da variação linguística na linguagem especializada. Para Faulstich (2006, p. 29), esta vertente possibilitou criar o postulado máximo da Socioterminologia que é ter, como base da pesquisa, a variação linguística dos termos no meio social e, por consequência, entender a mudança terminológica como mecanismo resultante da pragmática discursiva.

No entendimento de Faulstich (1999, p. 167), a Socioterminologia é, portanto, um campo da Terminologia que se destina a depurar o conhecimento dos estudos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação linguística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade.

Ratifica, ainda, que é na teoria socioterminológica que se assentam os princípios e os fundamentos que constituem os eixos principais (planificação linguística, explorara as ligações entre terminologia e a sociedade e refinar o conhecimento dos discursos especializados) de uma revisão prática e subsidiam as reformulações do que se fazia em anos anteriores. Assim, uma teoria socioterminológica tem como *modus operandi*, numa mesma área de conhecimento, os diferentes níveis de comunicação que dependem das circunstâncias de emissão, das características dos interlocutores, do suporte por meio do qual se dá a comunicação, entre outros.

Faulstich (2006, p. 30) esclarece inclusive que, como prática do trabalho terminológico, a Socioterminologia - fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo durante o funcionamento da linguagem como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social. O que permitiu a Socioterminologia ter na base da pesquisa a variação linguística dos termos no meio social, como resultado compreender as mudanças terminológicas como mecanismo oriundo da pragmática discursiva.

Faulstich (1995, p. 22-23) esclarece inclusive que, como prática do trabalho terminológico, a Socioterminologia - fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no meio social e seu funcionamento da linguagem como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social.

Nesse sentido, Enilde Faulstich (1995, pp. 22-23) nos propõe que a pesquisa em Socioterminologia é norteadas pelos

- 1) princípios da sociolinguística, tais como os critérios de variação linguística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança;
- 2) princípios de etnografia: as comunicações entre membros da sociedade

capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito.

Por essa razão, hoje, os estudiosos da Socioterminologia focam seu olhar nos diferentes discursos especializados, destacando-se aqueles ocorridos nos contextos orais, por entenderem que os termos de um modo geral variam e suas variantes, por sua vez, precisam ser consideradas na preparação de uma obra terminográfica.

Em síntese, de acordo com Faulstich (1995, p. 282), a Socioterminologia, como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem. Nos apoiamos nessas palavras para demonstrar, por intermédio dos estudos dessa autora, que os estudos da Socioterminologia proporcionam conhecimentos acerca do funcionamento discursivo e social dos termos, rompendo com os estudos tradicionais da Terminologia, isto é, aprofundando o campo de ação de estudo dos termos.

Assim sendo, segundo Gaudin (2014, p.302), a língua que permite as interações da linguagem, por meio das quais a língua se recria e se renova. Não existe língua sem prática de linguagem; não existem práticas de linguagem sem língua.

Dessa forma, para Gaudin (2014, p. 444),

a circulação dos termos é projetada sob o ângulo da diversidade dos usos sociais, o que engloba o estudo das condições de circulação e da apropriação dos termos, considerados como signos linguísticos, e não como etiquetas de conceitos.

A partir dessa informação, compreendemos o sociotermo como o termo sob o ponto de vista social, sob o ponto de vista de sua circulação nas diferentes camadas sociais existentes dentro das mais diferentes especialidades e do convívio diário das pessoas no ambiente de trabalho.

O sociotermo é, portanto, o termo sob a perspectiva da diversidade de interações sociais, conforme Faulstich (1995, p. 2), assim, reflete a diversidade social existente também dentro do ambiente laboral.

Sendo assim, concluímos que o sociotermo encontra-se dentro dos discursos especializados refletindo os usos sociais da língua.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza exploratória e descritiva e de cunho quali-quantitativo, tendo por finalidade transformar em um glossário os resultados alcançados, de modo a favorecer uma melhor interação entre os membros pertencentes aos diferentes batalhões especializados do CBMMA.

4.1 *Locus da Pesquisa*

O Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão – CBMMA, instituição secular, encontra-se presente em 18 municípios maranhenses, todavia, nesta pesquisa, definimos como público-alvo os bombeiros militares que trabalham e/ou trabalharam apenas em São Luís, no período que se estende do primeiro ano de emancipação – 1992 – até a atualidade, por entendermos que esses sujeitos acompanham/acompanharam toda a evolução operacional, administrativa e histórica dessa instituição.

Temos plena ciência da relevância e do papel funcional das unidades situadas nos demais municípios do Estado, pois fazem parte da história do CBMMA e, obviamente, contribuem com as especificidades do léxico dessa corporação, contudo, nossa escolha pelas unidades especializadas apenas da capital considerou os acontecimentos históricos ocorridos em São Luís, que vão desde a criação e efetivação desses quartéis especializados ao longo dos últimos anos, devido à capital possuir o maior efetivo de bombeiros militares do Estado, e pelas nossas limitações de deslocamento físico para os demais municípios para a realização de coleta de dados.

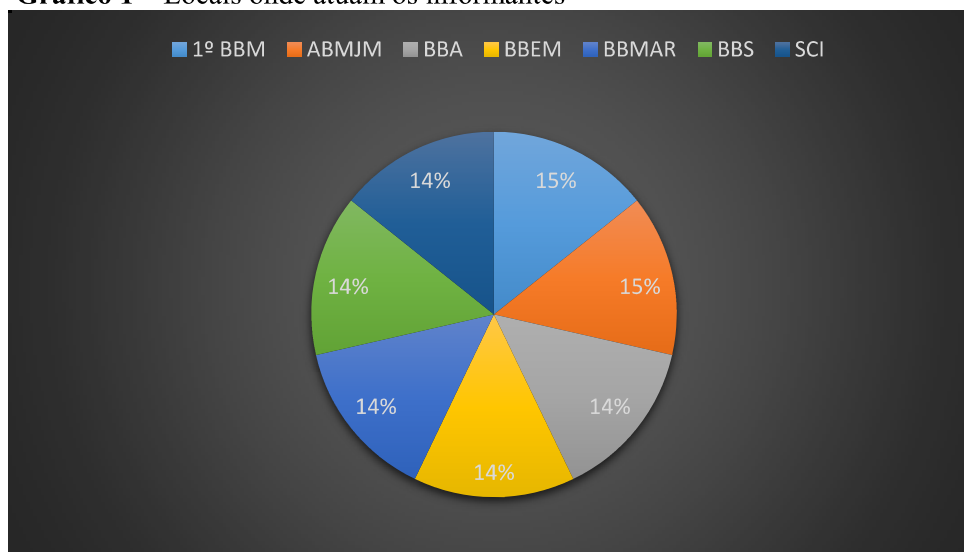
A pesquisa foi desenvolvida no município de São Luís, também, pelo fato de, somente na capital, se ter os trabalhos executados especificamente pelas unidades operacionais especializadas do Corpo de Bombeiros: a) o Batalhão de Bombeiros Marítimos – BBMAR, que trabalha com resgate no mar; b) o Batalhão de Bombeiros de Emergência – BBEM, que trabalha com emergências médicas; c) o Batalhão de Busca e Salvamento – BBS, que executa atividades de busca e salvamento; d) o Batalhão de Bombeiros Ambiental – BBA, que atua com incêndio florestal e urbano, além da captura e resgate de animais; e) o 1º Batalhão de Bombeiros Militar – 1º BBM, que executa o serviço de combate a incêndio urbano; f) a Seção de Combate a Incêndio em Aeródromo – SCI, que trabalha somente com incêndio e ocorrências no aeroporto; g) a Academia de Bombeiros Militar “Josué Montello” – ABMJM, que operacionaliza a formação dos futuros oficiais da instituição.

Ressaltamos, pois, que existem dois quartéis de combate a incêndio em São Luís, todavia, escolhemos apenas o 1º BBM em virtude da sua importância histórica, por ter sido a 1ª unidade de bombeiro militar criada na capital.

A escolha da ABMJM, por sua vez, deu-se por ser o centro de formação dos futuros oficiais e comandantes do CBMMA e ainda por ofertar, em nível de ensino superior, o Curso de Formação de Oficiais – CFO, em parceria com a Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

Destacamos que a escolha do CFO ocorreu: i) por ter a duração de três anos; ii) porque os cadetes formados nesse curso conhecem operacionalmente as unidades especializadas escolhidas, iii) e devido ao estágio curricular obrigatório. Elucidamos, ainda, que somente alunos do 3º ano do CFO são partícipes desta pesquisa, por entendermos que esses já têm um período suficiente de convivência nos quartéis do CBMMA de São Luís.

Gráfico 1 – Locais onde atuam os informantes



Fonte: Autor (2020)

Nosso objetivo foi, assim, contemplar todas as unidades especializadas da capital e, ainda, a ABMJM, por ser o local de trabalho dos futuros oficiais da corporação, denominados de cadetes. Buscamos entrevistar três bombeiros militares por unidade.

Com o intuito de atendermos à diversificação social dos participantes, selecionamos duas mulheres e um homem nos quartéis nos quais o número de mulheres é bem expressivo, como o BBMAR, BBEM, BBA e ABMJM.

O questionário – constituído de 42 (quarenta e duas) perguntas fechadas distribuídas em 12 (doze) campos semânticos e mais 01(uma) aberta – foi aplicado

individualmente e, embora as entrevistas tenham sido realizadas nos respectivos locais de trabalho dos colaboradores, ocorreram somente entre pesquisador e participantes.

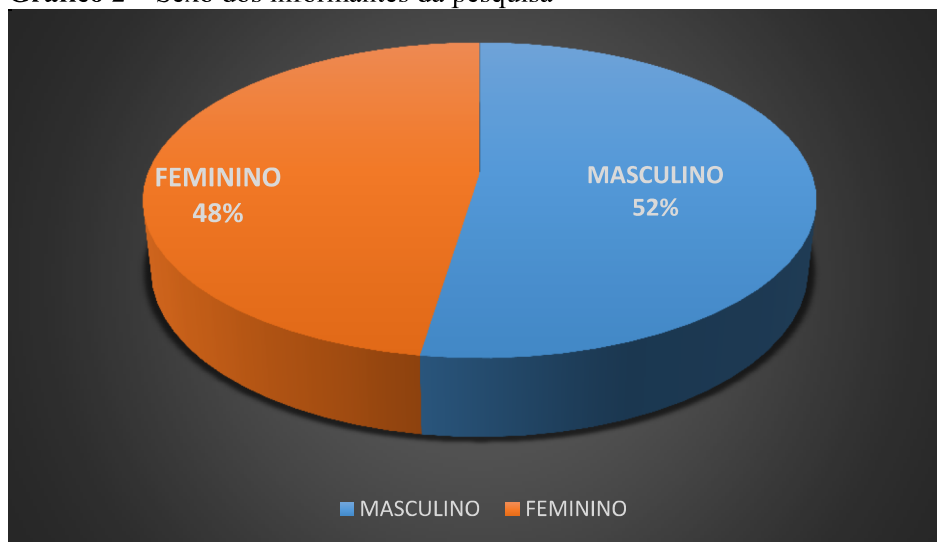
4.2 Perfil dos sujeitos da pesquisa

4.2.1 Sexo

Efetuamos este trabalho com o quantitativo de 21 (vinte e um) participantes, sendo 11 (onze) homens e 10 (dez) mulheres. O número de mulheres não foi igual ao dos homens em virtude de, até a presente data, somente serem lotados homens no quadro de pessoal da Seção de Combate a Incêndio em aeródromos, denominada SCI, do CBMMA.

No gráfico a seguir, é possível observarmos melhor a distribuição dos participantes da nossa pesquisa quanto ao sexo, uma vez que uma das nossas indagações busca responder se há diferenças consubstanciais entre o léxico especializado usado por homens e mulheres dentro do CBMMA e, ainda, qual a participação efetiva das mulheres nesse processo de interação, aquisição e utilização dos termos e socioterms das unidades especializadas investigadas.

Gráfico 2 – Sexo dos informantes da pesquisa



Fonte: Autor (2020)

Estão inseridos, nesta pesquisa, portanto, militares de ambos os sexos com o objetivo de ratificar a presença das mulheres no serviço operacional do CBMMA e mostrar que elas participam ativamente das atividades da corporação assim como os homens, quer seja na execução, na administração e na coordenação das diversas ocupações operacionais.

Tivemos, uma média de 52% (cinquenta e dois por cento) de homens entrevistados e 48% (quarenta e oito por cento) de mulheres.

Ratificamos que nas unidades BBMAR, BBA e ABMJM, por terem uma maior representatividade feminina no serviço operacional em comparação com as demais unidades especializadas, optamos por realizar entrevistas com um maior número de mulheres: 2 por UBM.

4.2.2 Tempo de serviço

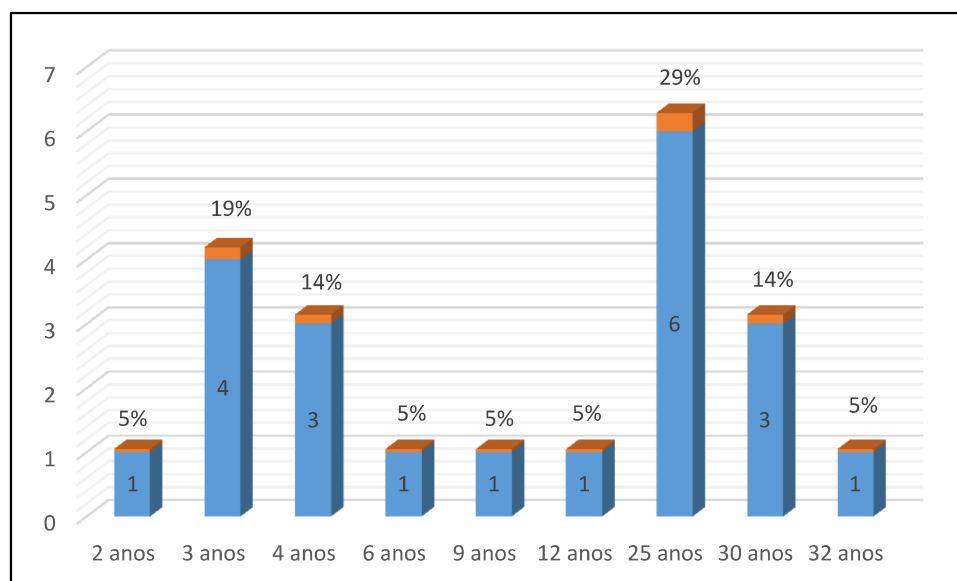
O segundo fator de análise diz respeito ao tempo de serviço, uma vez que também buscamos responder à seguinte indagação: os membros com mais tempo de serviço usam um léxico especializado diferente do usado pelos que têm menos tempo na corporação?

Nesse sentido, contemplamos, entre os sujeitos da nossa pesquisa, desde bombeiros militares com 02 (dois) anos de CBMMA até os aposentados (da reserva remunerada e/ou reformados) que atingiram de 30 a 35 anos de tempo de efetivo serviço na instituição.

Mais especificamente, adotamos, os seguintes critérios de tempo de serviço: (i) tempo de serviço 1 – TS1, de 2 a 10 anos; (ii) tempo de serviço 2 – TS2, de 15 a 25 anos; e (iii) – tempo de serviço 3 - TS3, a partir de 30 anos de serviço.

O gráfico 3, apresentado a seguir, nos mostra essa divisão de tempo de serviço em porcentagem.

Gráfico 3 – Tempo de Serviço



Fonte: Autor (2020).

Conforme exposto no gráfico, tivemos mais colaboradores na categoria TS1 (2 a 10 anos de serviço), totalizando 12 participantes. Na categoria TS2 (15 a 25 anos de serviço), foram 05 participantes, e na TS3 (30 anos ou mais), 04 participantes. Porém, dentro desse quantitativo, os bombeiros que possuem tempo de serviço de 2, 6, 12 e 32 anos de caserna⁷, possuem apenas um participante.

No que se refere à categoria TS3, cabe-nos salientar que agrega alguns militares já aposentados e outros ainda na ativa, uma vez que aqueles que desejam podem ainda permanecer por um período de mais 5 anos a instituição após terem completado o tempo de serviço obrigatório.

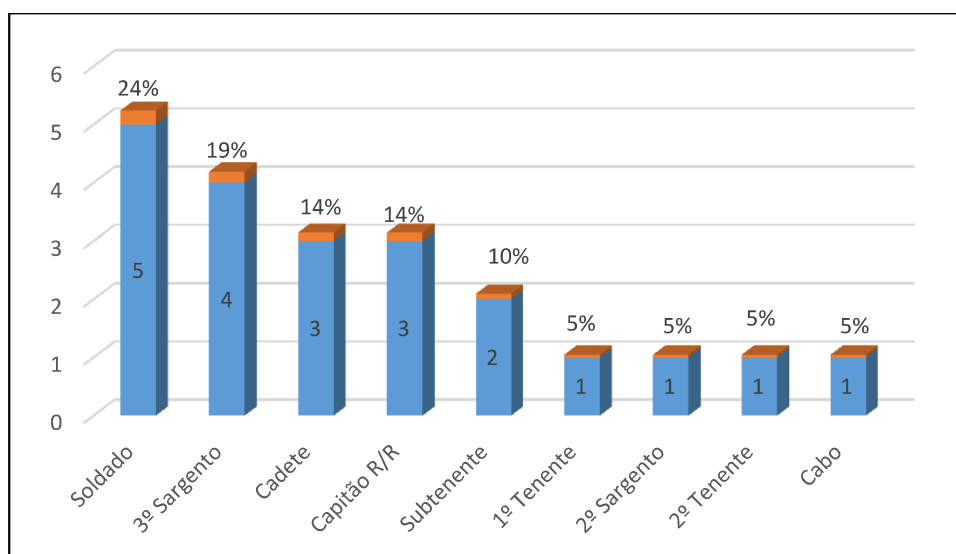
4.2.3 Codificações

O terceiro fator de análise trata do sistema de organização da corporação e diz respeito aos cargos, postos e graduações dos nossos colaboradores, características essas que fazem parte do sistema organizacional do CBMMA, estabelecidas no plano de carreira da corporação, e constituem a hierarquia e a disciplina entre seus membros.

No intuito de inserir um número satisfatório de militares pertencentes aos diversos postos e graduações da instituição, aplicamos questionários com bombeiros pertencentes aos quadros de soldado, cabo, sargento, subtenente, tenente e capitão.

Apresentamos, a seguir, o gráfico referente aos postos e graduações dos nossos bombeiros informantes.

Gráfico 4 – Postos e graduações dos informantes



Fonte: Autor (2020).

⁷ Denominação dada aos quartéis de um modo geral.

Quanto à escolha desses postos, consideramos que são os mais participativos na vida operacional e administrativa do CBMMA, ou seja, são os mais produtivos, pois os colaboradores desses postos interagem, sobremaneira, diuturnamente em seus locais de trabalho, e por serem os cargos que mais atuam no cotidiano operacional da corporação, nos diferentes quartéis especializados, e também na ABMJM.

No intuito de preservarmos a identidade pessoal dos nossos colaboradores, estes são identificados pelo posto ou graduação, pelas iniciais de seu nome, tempo de serviço, sexo e batalhão ao qual pertence.

Cabe esclarecermos, ainda, para melhor compreensão da identificação dos nossos colaboradores, que a denominação posto é dada aos oficiais, enquanto que graduação envolve desde o cargo de soldado até o de subtenente, conforme consta a seguir:

Posto: Aspirante a Oficial (ASP OF), Tenente (TEN), Capitão (CAP), Major (MAJ), Tenente coronel (TC) e Coronel (CEL)

Graduações: Soldado (SD), Cabo (CB), Sargento (SGT), Subtenente (SUBTEN).

Para o tempo de serviço: (i) tempo de serviço 1 – TS1, de 2 a 10 anos; (ii) tempo de serviço 2 – TS2, de 15 a 25 anos; e (iii) – tempo de serviço 3 - TS3, mais de 30 anos.

Oportunamente, elucidamos, também, que usamos M para masculino e F para feminino. Para os Batalhões, estabelecemos as seguintes identificações: o Batalhão de Bombeiros Marítimos – BBMAR; o Batalhão de Bombeiros de Emergência – BBEM; o Batalhão de Busca e Salvamento – BBS; o Batalhão de Bombeiros Ambiental – BBA; o 1º Batalhão de Bombeiros Militar – 1º BBM; a Seção de Combate a Incêndio em Aeródromo – SCI; a Academia de Bombeiros Militar “Josué Montello” – ABMJM.

4.3 Instrumentos de coleta de dados

Em uma primeira etapa, fizemos a coleta de dados *in loco*, por intermédio de entrevistas informais com militares aposentados da corporação, os quais vivenciaram o período de submissão do CBMMA à Polícia Militar do Maranhão – PMMA e também o período de emancipação do CBMMA.

Posteriormente, e com base nesse primeiro momento, elaboramos uma Ficha do Perfil dos Informantes (Apêndice A), em seguida, produzimos um questionário (Apêndice B - Questionário Aplicado aos Informantes) constituído de 43 (quarenta e três) perguntas, sendo 42 (quarenta e duas) fechadas – organizadas em 12 (doze) campos semânticos, a saber: formação, acessórios/equipamentos, alimentação, armamentos, atividades

físicas/treinamentos, documentos oficiais, instalações, formas de tratamento, meios de comunicação, meios de transporte, produção de documentos e vestuário – e 01 (uma) questão aberta na qual o informante, considerando as perguntas anteriores, nos apresentaria outros termos que fossem de uso exclusivo do seu quartel e/ou do CBMMA: “Fique bem à vontade e cite alguns termos que em seu conhecimento são exclusivos do seu local de trabalho e/ou de conhecimento geral do CBMMA”.

Com a organização do questionário nesses campos, objetivamos obter o máximo possível de unidades terminológicas nas diferentes áreas de trabalho (incêndio urbano, florestal e em aeródromo, atendimento pré-hospitalar, salvamentos aéreo e aquático) consideradas primordiais dentro do CBMMA.

Assim, os campos semânticos foram organizados de acordo com as atividades desenvolvidas nas unidades especializadas, conforme detalhamento descrito abaixo:

- I) Campo semântico 1 - Formação - 09 questões;
- II) Campo semântico 2 - Acessórios/Equipamentos - 05 questões;
- III) Campo semântico 3 - Alimentação - 07 questões;
- IV) Campo semântico 4 - Armamentos – 03 questões;
- V) Campo semântico 5 - Atividades Físicas/Treinamentos – 05 questões;
- VI) Campo semântico 6 - Cursos – 04 questões;
- VII) Campo semântico 7 - Documentos Oficiais - 01 questão;
- VIII) Campo semântico 8 - Instalações - 01 questão;
- IX) Campo semântico 9 - Formas de Tratamento - 01 questão;
- X) Campo semântico 10 - Meios de Comunicação – 02 questões;
- XI) Campo semântico 11 - Meios de Transportes - 01 questão; e
- XII) Campo semântico 12 - Vestuário - 03 questões;

Durante as realizações das entrevistas, utilizamos um gravador de pequeno porte para registrar o diálogo entre entrevistador e entrevistado.

Esclarecemos que o quantitativo de questões escolhido por campo semântico ocorreu devido às características e importância de cada campo.

Assim, escolhemos o campo semântico *formação* por representar o momento de adaptação, a fase inicial na carreira na qual o bombeiro passa a adquirir esse léxico e conhecer o universo das linguagens especializadas de cada quartel, o que ocorre inclusive nos cursos de qualificação e especialização.

O campo semântico *acessórios e equipamentos* diz respeito aos diversos tipos de materiais de uso pessoal e coletivo utilizados pelos bombeiros militares durante o serviço de

24 horas, operações, prevenções e nos treinamentos, algo que nos acompanha por toda a vida profissional.

Já o campo semântico *alimentação* diz respeito à comida distribuída durante o serviço, nas operações, prevenções e treinamentos, a qual, a depender do local, recebe diferentes denominações terminológicas.

O campo semântico *armamento* explora as armas de fogo mais utilizadas na corporação, embora, no Corpo de Bombeiros, armas de fogo sejam pouco utilizadas.

A atividade física é uma ferramenta fundamental para as atividades operacionais exercidas pelos bombeiros, por isso o campo *atividades físicas/treinamentos* teve um número considerável de questões.

O campo semântico *curso* contempla questões sobre a formação, qualificação e especialização do bombeiro para atividades operacionais específicas.

Enquanto que o campo semântico *documentos oficiais* teve o objetivo de registrar, informar e esclarecer os tipos de procedimentos operacionais e administrativos, geral e específico, de cada unidade.

Quanto ao campo semântico *instalações*, investiga o nome do quartel, sigla adotada, o local de trabalho do bombeiro, a estrutura física da unidade.

O campo semântico *formas de tratamentos* explora as formas de tratamento com/entre superiores, pares e subordinados e os graus de formalidade e informalidade empregados nesse tratamento.

Já o campo semântico *meios de comunicação* diz respeito aos equipamentos e códigos utilizados pelos bombeiros militares em uma unidade durante sua atividade operacional e fora do serviço.

O campo semântico *meios de transporte* trata dos veículos, denominados de viaturas, do tipo operacional e administrativo utilizados pelos bombeiros militares nos quartéis.

Por fim, o campo semântico *vestuário* aborda especificidades sobre os uniformes utilizados pelos bombeiros para identificar cada tipo de atividade exercida.

4.4 A macro e a microestrutura do glossário do CBMMA

No que diz respeito à organização interna das obras lexicográficas, seja um dicionário ou um glossário, o contexto organizacional adotado obedece ao que determina a sua macroestrutura e microestrutura.

4.4.1 Macroestrutura

Conforme Barros (2004, p. 151)

Por macroestrutura, entende-se a organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica. Esse tipo de organização está relacionado às características gerais do repertório, ou seja, à estruturação das informações em verbetes (que podem se suceder vertical e/ou horizontalmente), à presença ou não de anexos, índices, remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceitual e outros.

Quanto à ordem de entrada, Krieger e Finatto (2004, p. 131) concebem que a organização dos verbetes podem ocorrer por ordem temática e subtemática, refletindo a estruturação conceitual de um domínio concebida pelo especialista da área, ou podem ser apresentados em ordem alfabética, o que é mais comum.

Frübel (2006, p. 64), nesse sentido, também afirma que

quanto à ordem das entradas, no que se refere às formas de organização das entradas de uma obra lexicográfica, tradicionalmente, utiliza-se, principalmente nos dicionários gerais, a ordem alfabética. Porém, podem ser utilizadas também a ordem alfabética inversa, as famílias de palavras, ou o campo conceitual.

Seguindo a abordagem técnica característica dos glossários especializados, Barros (2004, p. 152) sustenta que

A ordem pode ser alfabética contínua e descontínua. Na ordem alfabética contínua, a sequência não leva em conta os espaços em branco, nem os caracteres não-alfabéticos ou sinais diacríticos, tais como apóstrofo, hífen, cedilha, til, acentos diferenciais e outros. Já na ordem alfabética descontínua, o espaço em branco precede sinais como apóstrofo, dois pontos, etc. Assim, na ordem contínua, ignora-se a presença de apóstrofo e hífen; na ordem descontínua, apóstrofo e hífen têm precedência no que diz respeito à letra.

Para Haensch (1982, p. 452), a premissa fundamental na estruturação da macroestrutura é a ordem alfabética das entradas. Contudo, em uma obra terminológica, pode-se, ainda, ordená-las por famílias de palavras, sendo que a primeira, denominada lema, será acompanhada por suas demais derivações. Cabe salientarmos que, quaisquer que sejam suas derivações, essas devem entrar nas macro e microestruturas.

Torna-se imprescindível, por intermédio de um dicionário e/ou glossário, apresentar o trabalho por meio de uma introdução, a qual esclarece os critérios adotados para

sua elaboração, explicita o público especializado a que se destina, qual demanda busca atender, conforme elucida Barros (2004, p. 151),

Em geral, todos os dicionários apresentam logo nas primeiras páginas uma introdução, texto fundamental que expõe ao leitor as características da obra, os critérios adotados para sua elaboração, seu público-alvo, seus objetivos, informações básicas sobre o domínio especializado cuja terminologia é tratada na obra.

Quanto à macroestrutura do glossário do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão, as 71 entradas são apresentadas verticalmente em ordem alfabética.

4.4.2 Microestrutura

A microestrutura diz respeito à disposição interna dos verbetes, isto é, ao conjunto de informações contidas nos verbetes. Inclui o próprio lema, a informação gramatical sobre esse lema, as definições e os conceitos reais de uso, as possíveis variações terminológicas e as informações enciclopédicas.

Andrade (2000, p. 42) define qual seria a microestrutura básica de um verbete: artigo + enunciado lexicográfico (EL), que se compõe de três macroparadigmas: (a) paradigma informacional (PI): constituído de abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, etc. (b) paradigma definicional (PD): no qual se descrevem os semas ou unidades de significação; (c) paradigma pragmático (PP): contém informações contextuais como exemplos e abonações.

Segundo Haensch (1982, pp. 480-501), no paradigma informacional, estariam as diferenças ortográficas, cronológicas e geográficas, a etimologia, níveis de estilo e conotações, atribuição a uma matéria ou especialidade, marcas registradas, denominações oficiais.

No que diz respeito ao paradigma pragmático, Haensch (1982, p. 470) ainda o subdivide em duas partes: a sintagmática (colocações e fraseologia) e a paradigmática (sinônimos, antônimos, parônimos e hipônimos).

Almeida (2006, p. 92), por sua vez, esclarece como se constitui cada verbete, afirmando que este possui informações sistemáticas (obrigatórias) e não sistêmicas (informações não-correntes).

De acordo com Almeida (2006, p. 92), as informações sistemáticas podem ser:

- Entrada;
- Classe morfológica, seguida do gênero, para os substantivos, e da transitividade, no caso de verbos;
- Equivalência em língua estrangeira, se for o caso;
- Definição (pode haver casos de polissemia em que um mesmo verbete poderá conter duas ou mais definições; nesse caso, elas aparecerão numeradas;
- Contexto;
- Remissivas, simbolizadas por *CF* (=conferir), que farão referência aos termos constantes da definição (unitermos) e, sempre que for possível, a outro(s) termo(s) afim(ns), ou seja, que mantenha(m) alguma relação semântica com o termo entrada: relação de equivalência semântica, antonímia, hiperonímia, co-hiponímia e termo(s) complementar(es).

Almeida (2006, p. 93) esclarece, ainda, que os conhecimentos não-sistemáticos dizem respeito a:

- Informações enciclopédicas;
- Sinônimos: item importante, em se tratando de uma terminologia descritiva que prevê uma variação denominativa. Dentre as formas sinônimas, a apresentação da definição deve vir junto ao termo de uso mais difundido, com remissões para as demais formas, ainda que o termo mais difundido não seja o termo normalizado.

A variação conceitual deve ser analisada no âmbito da TCT, e por isso, deve-se assegurar um tratamento terminográfico para os casos de homonímia e polissemia.

Dessa forma, nos casos de homonímia, as entradas devem ser separadas e numeradas, haja vista existir dissimilaridade semântica, isto é, as unidades podem pertencer a campos lexicais diferentes.

No que concerne à polissemia, as definições devem vir enumeradas, sequencialmente, pois cada definição representa um conceito.

Quanto à microestrutura do glossário do CBMMA, as entradas têm a seguinte estrutura:

- **Termos** - organizados em ordem alfabética;
- **Informação gramatical** – a composição do termo e/ou sociotermo (verbo, adjetivo, nome)
- **Definição** - informação, por meio definitório, da unidade em questão.
- **Contexto** – trechos de fala extraídos das entrevistas.
- **Variante** - variantes dos termos e sociotermos que os bombeiros utilizam.
- **Notas do discurso** - explicações acerca de especificações do uso e importância do termo ou sociotermo.

Baseando-nos nas informações anteriores, temos, por exemplo, no glossário do CBMMA:

ESTAR BRANCA ÀS NUENS

Informação Gramatical: adjetivo

1. Estar de folga do serviço.

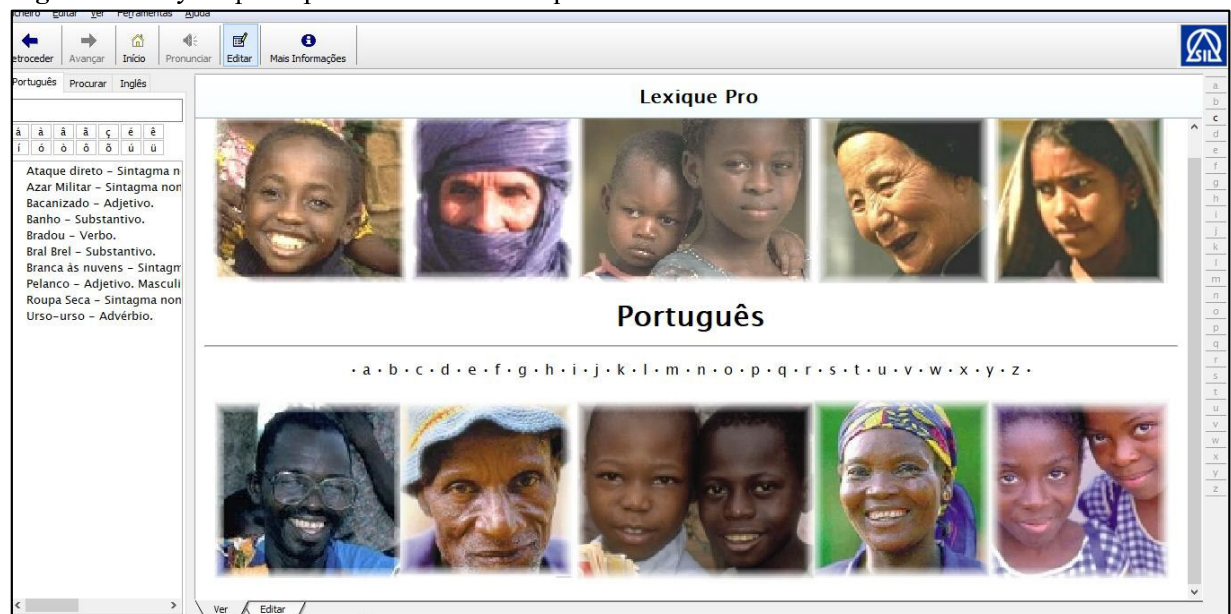
INF. – Hum... quando a gente tá tranquilo, assim, em casa, quando a gente tá branca às nuens. (BABM, TS2, F, BBS.)

Variantes: estar de folga, estar de boa.

Sociotermo utilizado por homens e mulheres do BBS, de todas as faixas etárias.

4.5 O Programa Lexique Pro

Figura 5 – Layout principal do software Lexique Pro



Fonte: Lexique Pro (2019)

O programa Lexique Pro pertence a uma instituição não-governamental europeia, sem fins lucrativos, denominada Summer Institute of Linguistic – SIL, Incorporacion a qual, por sua vez, produz softwares gratuitos para o processamento de linguagens disponíveis na página: www.lexiquepro.com

O Lexique Pro é um programa que oferece diversas possibilidades aos seus usuários, permitindo gerenciar, movimentar e criar bases de dados no formato word ou web; o algoritmo possibilita, ainda, ao usuário criar dicionários e glossários em sua própria plataforma no formato digital, além da concepção de um índice exclusivo para impressão.

Segundo Nuvens (apud ORENHA, 2000, p.01), glossários produzidos a partir de recursos eletrônicos são, em linhas gerais, mais confiáveis em relação àqueles compilados utilizando-se dos métodos mais convencionais.

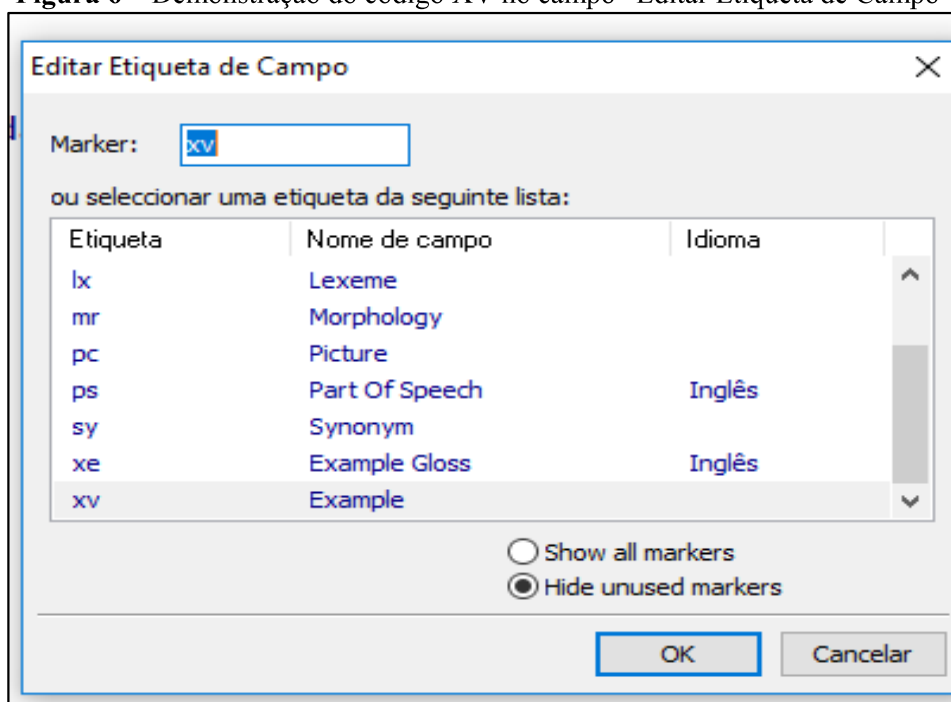
Como ferramentas, o programa disponibiliza fichas terminológicas, reprodução de imagens (em formato jpg.), som (em formato mp3 e avi) e vídeos (em formato jvg.).

O Lexique Pro, para melhor atender ao seu usuário, utiliza a versão 2007 do Microsoft Word, do Rich Text e do Br Office. O referido programa não trabalha adequadamente com versões anteriores ou atualizadas desses softwares citados.

Para uma versão impressa, se faz necessário que o autor a organize, de forma que se torne compreensível, pois as informações são organizadas no modo automático pelo programa.

O usuário, logo após escolher as etiquetas com as quais irá trabalhar e a informação que deverá constar, deve inserir na plataforma do Lexique Pro os dados de acordo com o solicitado pelo programa, cada dado inserido é chamado de etiqueta.

Figura 6 – Demonstração do código XV no campo “Editar Etiqueta de Campo”



Fonte: Lexique Pro (2019)

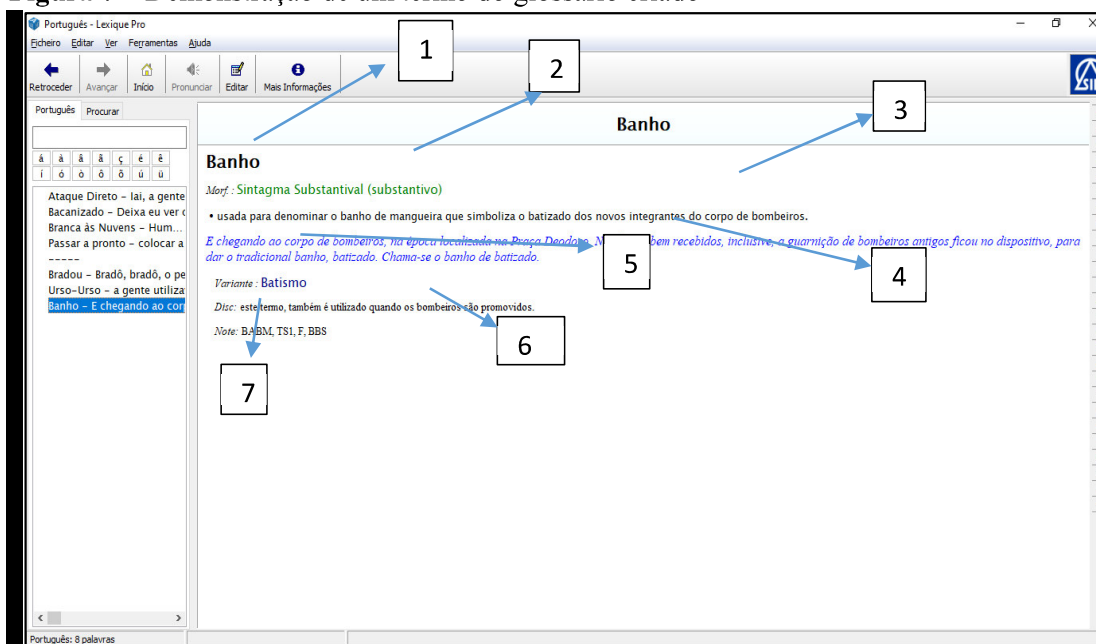
As etiquetas, os códigos com os quais o programa trabalha, passam a decompor as informações inseridas em determinada área de cada algoritmo, conforme uma entrada de dicionário, contendo a entrada principal, informações gramaticais, sinônimos, dentre outros.

Em seguida, o usuário seleciona seus códigos (etiquetas), detalha sua informação de acordo com o objetivo. Cabe informar que o programa nos possibilita decidir, também, qual estrutura queremos adotar para os itens definição e ilustrações.

Outra vantagem é que propicia ao autor ver seu trabalho de criação do glossário ou do dicionário, antecipadamente, observando a disposição da informação além da composição de entrada por meio do botão “salvar”.

Logo após a conclusão de todos os dados inseridos, esses aparecem como sendo a entrada do dicionário ou do glossário criado. Cabe ressaltarmos que existem diferentes códigos no programa acessíveis em uma determinada caixa de diálogo, a qual surge sempre que o usuário clicar com o botão esquerdo na barra que fica ao lado direito da referida plataforma.

Figura 7 – Demonstração de um termo do glossário criado



Fonte: Lexique Pro (2019)

As denominações adotadas para etiquetas do nosso glossário foram organizadas da seguinte forma: **1.** Termo-entrada (\lx); **2.** Informação gramatical (\ps); **3.** Definição/conceito (\dv); **4.** Contexto (\ps); **5.** Variante (\va); **6.** Notas de discurso (\nd); **7** e **Notas gerais (\nt).**

5 ANÁLISE DOS DADOS

Como coletamos dados expressivos tanto do ponto de vista quantitativo como do qualitativo, analisamos, neste capítulo, os campos semânticos que foram mais produtivos, ou seja, aqueles nos quais obtivemos o maior número de termos e socioterms, a saber: *formação, acessórios e equipamentos, alimentação, documentos oficiais e vestuário*. Bem como, analisamos os termos e/ou socioterms mais recorrentes em cada um desses campos.

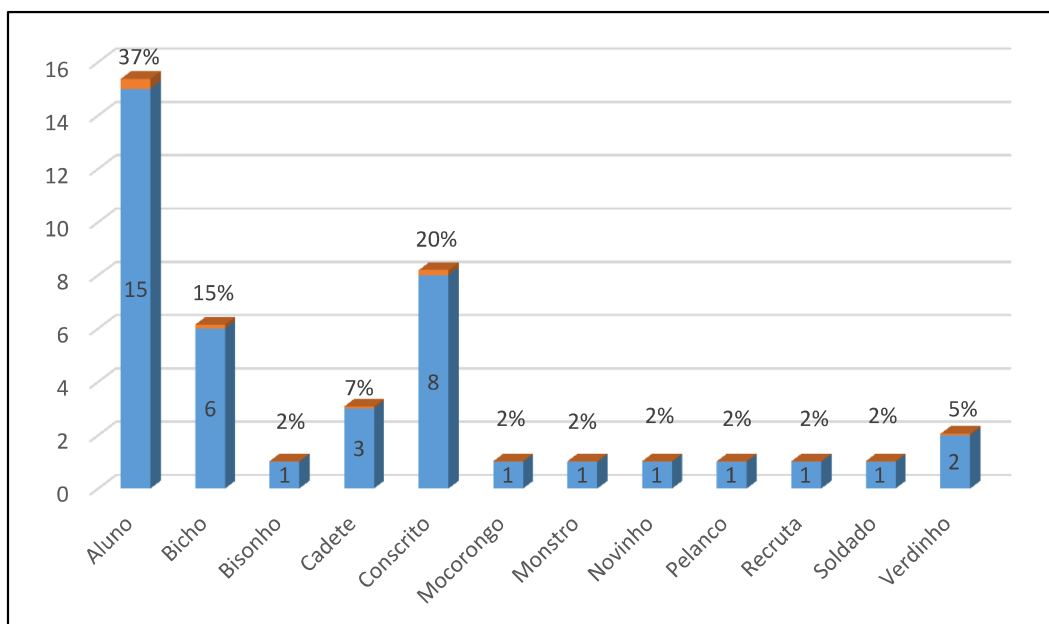
5.1 Campo semântico - *formação*

5.1.1 Denominações dadas para um bombeiro ingressante nos cursos de formação específicos do CBMMA.

Para procedermos à análise de unidades terminológicas desse campo, trazemos a pergunta 1A do nosso questionário, pertencente ao campo semântico 1 – formação: *Quando da sua entrada na instituição, qual nome era recebido naquele momento de ingresso durante o curso?*

Como resposta, obtivemos os seguintes termos: *aluno, cadete, conscrito, recruta e soldado*, e como socioterms registramos: *bicho, bizonho, mcorongo, novinho, pelanco, e verdinho*, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Denominações dadas para um bombeiro ingressante nos cursos de formação específicos do CBMMA



Fonte: Autor (2020)

As ocorrências descritas no gráfico 5 foram apresentadas pelos informantes das três faixas de tempo de serviço (TS1, TS2 e TS3), todas elas produtivas, ou seja, constituem um fator de variação terminológica, pois geram uma diversidade de termos e sociotermos dentro do CBMMA. Entretanto, a faixa de tempo TS1 foi aquela que mais apresentou termos e sociotermos.

Os bombeiros do 1º BBM e da ABMJM foram os que mais se destacaram, isto é, que forneceram dados para nosso trabalho.

Destaque para as mulheres da ABMJM, que foram as que mais contribuíram para a obtenção de itens terminológicos nesse campo. Essa colaboração das mulheres da ABMJM, ocorre devido à dinâmica da ABMJM, por ser uma unidade-escola, alguns termos e sociotermos são bastante utilizados por seus membros, ênfase para: *cadete*, *aluno*, *bicho*, *monstro*, *mocorongo*, e *bisonho*.

Constatamos, desse modo, que as mulheres, assim como os homens, dominam esse léxico especializado referente ao campo *formação* voltado mais especificamente para o ingresso dos bombeiros no CBMMA, um marco na carreira de todos, conforme comprova o trecho de uma entrevista a seguir:

INQ. – Então, Ana, vamos partir agora para o nosso questionário. O questionário é dividido em 12 campos e o primeiro deles é a formação. Lá atrás, quando você começou o curso de soldado né, quando você ingressou no corpo de bombeiros, como que era chamado lá, como vocês eram chamados lá durante o curso?

INF. – De bicho

INQ. – Tinha um outro termo?

INF. – Bicho, porque, assim, aluno é bicho.

INQ. – Mas por que bicho? Lembra ou não?

INF. – É como se a gente não soubesse de nada, a gente ainda tava assim muito cru né, muito...como é que eu posso dizer...como é que eu poderia usar a expressão... eles usam bicho, a gente precisava ser moldado né, a gente era civil, então, a gente era um bicho que precisava ser moldado para ser militar, eu acho que era mais ou menos assim esse termo que eles utilizavam...

INQ. – Certo, era só bicho ou tinha outro termo ou não?

INF. – Que eu lembro assim, eles chamavam muito a gente de bicho e de monstro, tá tudo ali, bicho e monstro. A.C.S.L., TS2, F, BBEM.

Ao serem chamados, por exemplo, de *bicho* ou *monstro* pelos bombeiros mais antigos da corporação durante a formação, os alunos ingressantes na vida militar já entram em contato com o repertório linguístico próprio do CBMMA, como fica claro na fala dessa informante.

É neste momento que a lexia *bicho* por exemplo ganha uma nova carga semântica pois, dentro do CBMMA não possui apenas o sema depreendido na/da língua geral, mas é feita uma agregação semântica a isso – *aluno novato que adentra à corporação e que ainda não é militar* – uma vez que não concluiu o curso de formação e está construindo conhecimentos básicos.

Os informantes da faixa de tempo TS3, militares com mais de 30 anos de serviço e, com no mínimo, 50 anos de idade, apresentaram alguns termos voltados especificamente para o ambiente do curso de formação de soldado, tais como: *recruta, aluno e conscrito*.

Comprovamos que para o termo *conscrito* obtivemos 08 ocorrências de uso, sendo que 06 foram realizadas por homens e 02 pelas mulheres.

Observamos que apenas as mulheres da ABMJM utilizaram o termo *conscrito* dentro do CBMMA, uma vez que nessa unidade se dá muita importância à condição de aluno na fase inicial do curso:

INQ. – Quando na sua entrada aqui no CFO, como vocês são chamados ou eram chamados?

INF. – De... bicho (risos)... conscritos, no início, era mais assim...

INQ. – e o principal que é?

INF. – cadete.

INQ. – cadete, né?

INF. – Conscrito era só pra zoar, uma brincadeira. K.S.B, TS1, F, ABMJM

No que se refere aos resultados do sociotermo *bicho*, houve maior ocorrência *entre* as mulheres do que entre os homens: um total de 03 realizações entre as mulheres e entre os homens, somente 02 ocorrências.

Os socioterms *bisonho, mocoongo, novinho e pelanco* foram aqueles com o menor número de ocorrência – somente uma –, tendo sido registrados na fala dos homens da faixa TS2 e de uma mulher da faixa TS1 dos quarteis BBS e BBA.

Observamos também que a variável tempo de serviço foi relevante no que diz respeito ao uso do sociotermo *bicho*, uma vez que os bombeiros dos grupos mais novos, TS1 e TS2, foram os que mais utilizaram essa lexia. Quanto ao uso desse sociotermo pelo grupo TS3, houve somente 01 ocorrência, sendo a segunda opção de resposta de um dos informantes.

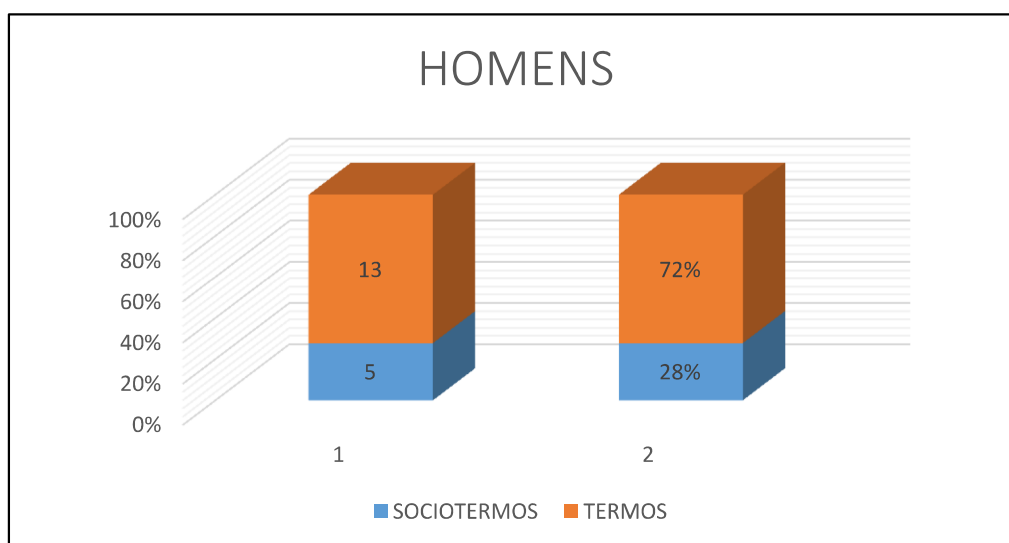
Constatamos ainda que, quanto ao tempo de serviço, na faixa TS1 houve 09 ocorrências, sendo que as unidades mais utilizadas foram: *conscrito, aluno, verdinho, monstro e bicho*. Em seguida, tivemos o TS2 com 04 realizações e o TS3 com apenas 03 ocorrências.

De um modo geral, os homens utilizam mais termos e sociotermos para denominar o bombeiro ingressante nos cursos de formação específicos do CBMMA, foram 09 ocorrências, sendo 03 por cada faixa de tempo de serviço. Entre as mulheres foram 07 ocorrências registradas, sendo 06 pertencentes à TS1 e apenas 01 à TS2.

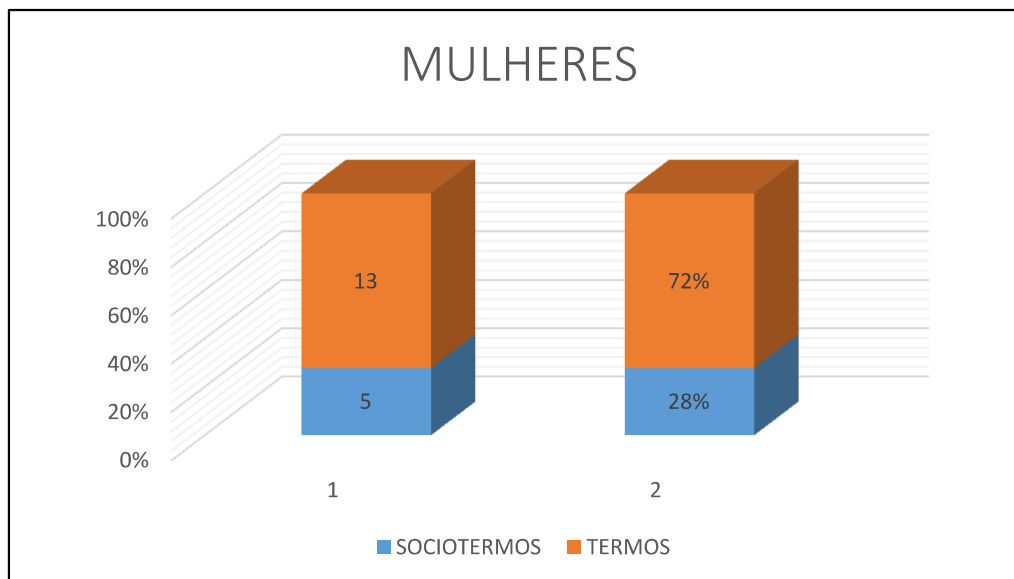
Ratificamos que, quanto aos resultados obtidos nesse item, os informantes pertencentes ao TS1, o qual diz respeito aos militares de 2 a 10 anos, absorveram de forma significativa esse léxico, assim como os com tempo de serviço TS2, de 15 a 25 anos, que apresentaram muitos dos resultados apresentados. O grupo do TS3 apresentou poucos resultados, contudo, todos responderam.

Apresentamos gráficos com distribuição dos informantes por sexo para a constatação de que tanto os homens como as mulheres utilizam, no cotidiano da corporação, mais termos do que sociotermos em relação às denominações para alunos novatos, ingressantes.

Gráfico 6 – Uso de termos e sociotermos por homens



Fonte: Autor (2020)

Gráfico 7 – Uso de termos e socioterms por mulheres

Fonte: Autor (2020)

5.1.2 Denominações dadas ao ano de entrada do bombeiro na corporação.

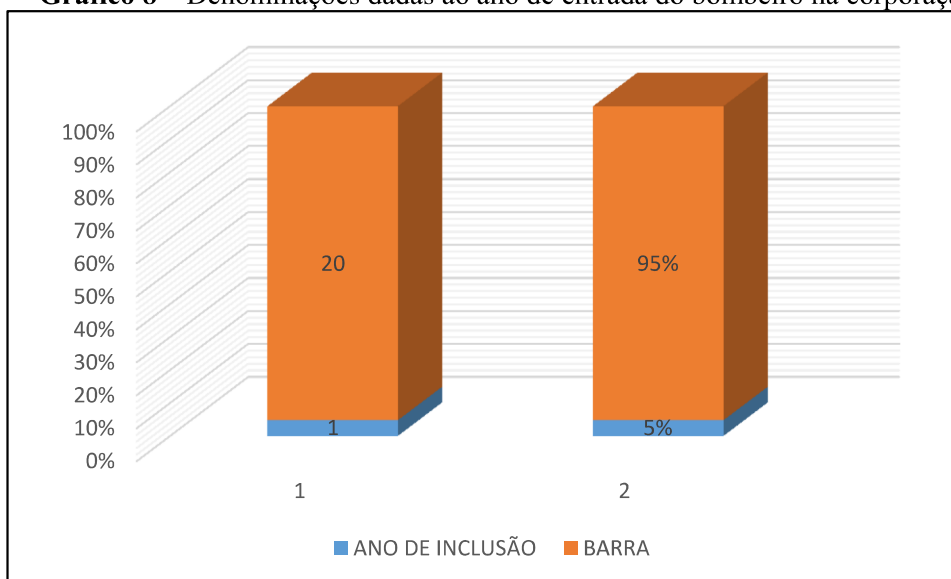
Apresentamos a análise dos dados obtidos para a pergunta: *Quanto a sua entrada na instituição, qual nome era dado aquele momento que você havia ingressado na corporação durante o curso?*

Essa indagação diz respeito ao termo ou socioterms dado ao bombeiro no ano de sua entrada no CBMMA, um marco na carreira dos militares da corporação, denominação assimilada e apreendida pelos demais bombeiros, pois funciona como um registro. Podemos dizer que é a data de nascimento do praça⁸ e até mesmo do oficial ao ingressar nas fileiras⁹ do CBMMA.

Constatamos que o ano de entrada, denominado *barra*, é um socioterms de conhecimento quase unânime dos que fazem parte da instituição, uma vez que esse termo foi utilizado por todos os informantes, exceto um que nos deu como resposta a variante *ano de inclusão*, o informante J.F.R.C., TS2, M, BBS. Cabe-nos ressaltar que a terminologia *barra* é apreendida pelo bombeiro militar no ato de sua matrícula no curso de formação.

⁸ Termo dado aos militares que possuem cargos inferiores aos dos oficiais, que vai desde soldado a subtenente, sendo que os oficiais são denominados de praças especiais.

⁹ Termo equivalente a carreira.

Gráfico 8 – Denominações dadas ao ano de entrada do bombeiro na corporação.

Fonte: Autor (2020)

Observamos que tanto os homens quanto as mulheres fazem uso desse termo e que todas as faixas de tempo de serviço estabelecidas para esse trabalho (TS1, TS2 e TS3) confirmaram o uso desse sociotermo voltado para o ano de entrada do militar na corporação.

Para um melhor entendimento, o termo *barra* é utilizado seguido do referido ano de entrada, por exemplo, quem entrou em 1994 é chamado por todos de *barra 94*, escrito conforme informação entre parênteses - (/94) -; quem entrou em 2017, por exemplo, é denominado de *barra 17 (/17)*, sendo algo utilizado para todos os bombeiros a partir de seus respectivos anos de entrada. Ressaltamos que a Polícia Militar do Maranhão também adota essa nomenclatura para essa situação.

Conforme registro efetuado durante a aplicação do questionário, tivemos a seguinte resposta quanto a esse termo dada por L.C.A.M, TS3, M, BBMAR, o qual começou a trabalhar no CBMMA em 1981:

INQ.- No ano de entrada os alunos recebem um número de entrada? INF.- Barra, barra oitenta e um. A primeira barra na polícia militar foi 66 (meia-meia), antes de 66 (meia-meia) não existia barra. A primeira barra foi meia, meia, sessenta e seis.

Outra informante, a A.C.S.L., TS2, F, BBEM, com 25 anos de serviço, sobre o termo *barra*, nos deu a seguinte resposta:

INQ. – Quando você entrou nesse ano de 1994, como é que a gente se refere? Porque entrou um pessoal em 94, entrou um pessoal em 2010.
 INF. – É a barra 94.
 INQ. – A barra 94 né, esse negócio de barra.
 INF. – É até hoje.

INQ. – Mas você sabe o porquê do termo barra?

INF. – É por causa... ao referente ao ano mesmo que a gente ingressou nas fileiras, barra 94.

No intuito de ratificarmos o quanto os militares conhecem o termo adotado como registro de entrada na Corporação, a informante I.L.S.R.C., TS1, F, BBA, com 2 anos de corporação, nos respondeu:

INQ. – Ai você é de 2017, certo?

INF. – Isso.

INQ. – Essa nomenclatura, dentro da corporação, agora desde 2017, como é que vocês foram chamados? ...Tem quem entrou em 2017, quem entrou em 2015...

INF. – Barra 17...

INQ. – Barra. Barra 17, ok.

Diante dos dados apresentados, confirmamos que o sociotermo *barra* é utilizado por todos os nossos informantes, dos três níveis de tempo de serviço – TS1, TS2 e TS3 –, tanto os homens quanto as mulheres. Em contrapartida, o informante J.F.R.C, TS2, M, BBS, não utilizou esse termo, apresentando como resposta *ano de conclusão*, talvez por não ter compreendido a pergunta, constatamos, contudo, o quanto esse termo é usual e marca a identidade de homens e mulheres dentro do CBMMA.

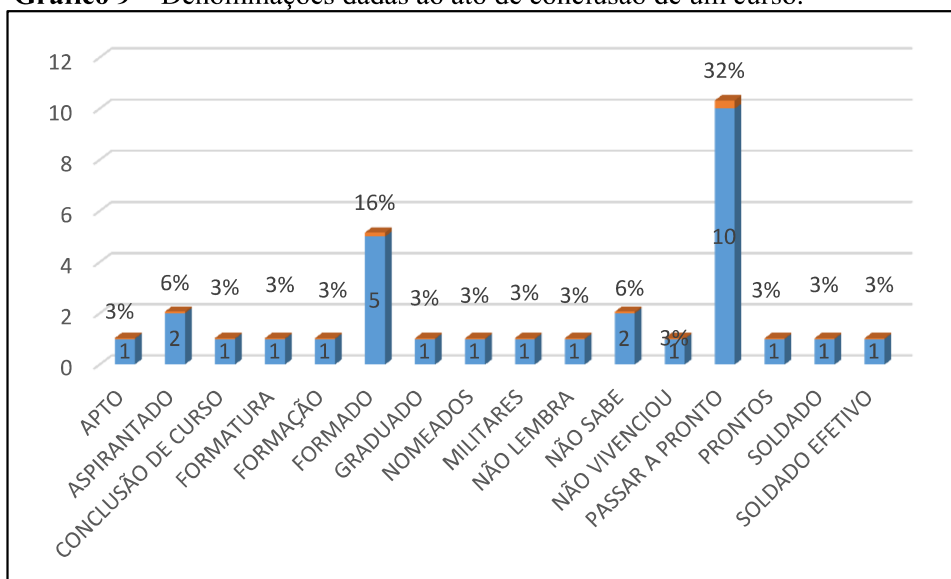
5.1.3 Denominações dadas ao ato de conclusão de um curso.

O terceiro dado a ser analisado no campo formação diz respeito à pergunta: *O ato de conclusão de curso era chamado de?*

Essa indagação tinha o propósito investigar os itens terminológicos relacionados, especificamente, ao ato de conclusão dos cursos de formação, os quais podem ser: CFSD, CFC, CFS e o CFO.

Obtivemos as seguintes respostas: *aprovado, apto, aspirantado, graduado, conclusão de curso, formação, formado, formatura, militares, passou a pronto, prontos, soldado, soldado efetivo*, cujo número de ocorrências podemos observar no gráfico.

As formas *aptos e pronto* foram agrupadas em *passar a pronto*. As respostas *formatura e formação* foram agrupadas em *formado*. Já as formas *soldado e soldado efetivo* agrupadas em *militares*, como podemos observar no gráfico seguir.

Gráfico 9 – Denominações dadas ao ato de conclusão de um curso.

Fonte: Autor (2020)

Para esclarecer as respostas dadas, informamos que: (i) o ato de conclusão de curso de formação possui algumas diferenciações quanto à sua nomenclatura, uma vez que para os cadetes, que são alunos do Curso de Formação de Oficiais - CFO, o encerramento foi denominado de *aspirantado*. (ii) os militares pertencentes ao Curso de Formação de Sargentos - CFS denominaram *graduados*. (iii) os soldados e os cabos, por sua vez, logo após o término do Curso de Formação de Soldados – CFSD e do Curso de Formação de Cabos - CFC, uma graduação anterior à de sargento, todos apresentaram como resposta *passaram a prontos*, ou seja, que estão aptos a assumir a função de bombeiro militar, estão formados.

Diante dos resultados obtidos para essa questão, fizemos a seguinte análise quanto às graduações dos nossos informantes do CBMMA: (i) no que diz respeito ao CFC e CFSD, isto é, os militares pertencentes aos quadros de cabos e soldados, logo após a formação, é dito aos mesmos que *passaram a pronto*, que estão *formados*, *prontos para o serviço*, *aptos* a exercerem as suas funções e a executar suas atividades operacionais, a partir desse momento são *soldados efetivos*, pois concluíram o curso; (ii) quanto aos termos *graduado*, *formado* e *aprovado* são característicos dos militares que são sargentos e subtenentes na Corporação, pois, após a conclusão do CFS, administrativamente, são considerados *graduados*, devido ao cargo que ocupam que vai de 3º sargento (3º SGT) a subtenente (SUBTEN); e (iii) quanto ao termo *aspirantado* é a situação na qual o cadete se encontra logo após conclusão do CFO, ao ser declarado aspirante, sendo que esse período de estágio que dura em média de oito meses a um ano é chamado de *aspirantado*. Em seguida, é considerado apto a assumir a função de oficial, sendo promovido ao posto de 2º tenente.

Os mais novos (TS1) utilizam o termo *nomeados*, conforme fala da Informante I.L.S.R.C., TS-1, F, BBA, que entrou no CBMMA em 2017:

INQ. – Outra pergunta que eu te faço é a seguinte, quando terminou o seu curso em, lá em 2017, o que disseram pra vocês? A partir de agora vocês estão como? Qual foi a situação que disseram pra vocês? Lá atrás...

INF. – Nós fomos nomeados...

INQ. – Isso

INF. – E fomos inclusos no bombeiro.

INQ. – Ah, então só disseram assim: Agora vocês estão nomeados.

INF. – Isso, agora vocês estão nomeados como soldado BM

INQ. – Certo, tem outro nome que vocês foram chamados? Agora vocês estão nessa situação, além de nomeados?

INF. – Que eu me recorde não (risos)

Em contraponto com a resposta dada por essa informante, obtivemos a resposta do N.P.G.M., TS3, M, SCI, bombeiro militar aposentado que entrou na Corporação em 1975, como sargento:

INQ. - Vamos supor que você vai se formar, como é chamado esse ato de conclusão de curso? ...

INF. – ...Conclusão de Curso, aí tinha formatura, mas os antigos chamavam de “passar a pronto” ...

INQ. – Passar a pronto significa o que assim? ...

INF. – Passar a pronto é terminar um curso e passou a pronto, já tá apto pra trabalhar.

Contudo, o Cadete F.C.S, TS1, M, ABMJM, com 2 anos e 3 meses de CBMMA, nos respondeu o seguinte:

INQ. – Vamos supor que você vai se formar, como é chamado esse ato de conclusão de curso?

INF. – O senhor pode explicar melhor?

INQ. – Eh... você terminou teu curso, concluiu o curso, então é dado um nome a esse ato de conclusão de curso, quando terminou o curso, tem alguns nomes, né? Oficiais e tem alguns nomes que a tropa diz e tal?

INF. – O senhor tá falando com relação a nomeação?

INQ. – É, pode ser em relação a nomeação, ou não. Pode ser relacionado a alguma coisa internamente como é dado, como é dado nome internamente. A nomeação, vamos supor, qual seria esse nome que você acha?

INF. – Aspirantado.

INQ. – Aspirantado, né? No caso terminou o curso e agora é aspirantado, que são oito meses, saindo dessa questão de aspirantado, tem algum outro nome?

INF. – Não me recorde.

INQ. – Não, você já ouviu assim um nome chamado passa a pronto? A partir de agora vocês passaram a pronto.

INF. – Não, senhor, nunca tinha ouvido isso não.

INQ. – Ou a partir de agora vocês concluíram o curso, mas na verdade, a oficial lá é aspirantado, é isso?

INF. – Uhum...

INQ. – Ok.

Verificamos para o ato de conclusão de curso algumas diferenças existentes nas falas dos informantes apresentadas anteriormente, pois, em 1975, conforme o informante N.P.G.M., TS3, M, SCI., utilizavam *passar a pronto* e hoje, 45 anos depois, observamos uma mudança de acordo com a informante I.L.S.R.C, TS1, F, BBA, utilizamos o termo *nomeados*, mas para o CFO é *aspirantado*.

Constatamos ainda, abstenções por parte de três informantes, todos pertencentes ao grupo TS1, os quais não responderam a questão, sendo um homem e duas mulheres: o primeiro por não lembrar, e as duas outras informantes devido a uma não saber e a outra responder que não vivenciou esse momento em sua carreira.

Averiguamos que as mulheres, são as que mais utilizam esses termos voltados para conclusão de curso, nos apresentaram 09 lexias, enquanto que os homens realizaram apenas 08 lexias.

Verificamos, também, que durante a análise do termo *prontos*, tivemos registro de ocorrência dessa variante somente no BBEM e SCI, respectivamente, identificados na fala da informante C.S.A., TS1, F, BBEM, e do informante N.E.B., TS1, M, SCI.

Os socioterms com maior número de ocorrências foram: *passar a pronto*, com 04 ocorrências; *formados* e *aspirantado*, ambas com 02.

Mais uma vez, diante das respostas dadas, averiguamos que tanto as mulheres quanto os homens assimilam esse léxico especializado de forma natural dentro do CBMMA.

Observamos, ainda, que os membros do TS1 foram os que forneceram um maior número de lexias: 09 variantes, seguidos dos do TS2, que apresentaram 06 e o TS3, mais uma vez, manteve-se participativo tanto quanto os demais em suas respostas, porém com um quantitativo de 04 termos apresentados.

Quanto aos socioterms os membros do TS1 nos apresentaram 04 ocorrências, o TS2 03 e o TS3 02 socioterms somente.

Os batalhões que mais nos apresentaram termos durante o levantamento para essa questão foram o BBMAR, com 07 unidades e o BBA, com 04 unidades, quantitativos de termos apresentados por duas mulheres no BBMAR e um homem do BBA, respectivamente.

Ressaltarmos que os únicos quartéis nos quais não identificamos o uso da variante *passar a pronto* foram o BBEM e a ABMJM.

Observamos, ainda, que somente na ABMJM se faz uso do termo *aspirantado*, por ser o local de formação dos futuros oficiais da Instituição.

5.1.4 Denominações dadas aos grupos de serviço nos quartéis.

Outra questão significativa e importante diz respeito, ainda no campo semântico *formação* ao seguinte questionamento: *Quando de serviço, qual nome era dado para ao grupo de trabalho?*

Trata-se de um aspecto que retrata diretamente a atividade operacional dos bombeiros, motivo da sua existência em nossa sociedade, ou seja, diz respeito a sua atividade fim, quer seja de combate a incêndio, salvamento no mar, resgate veicular, atendimento pré-hospitalar, ou de busca e salvamento.

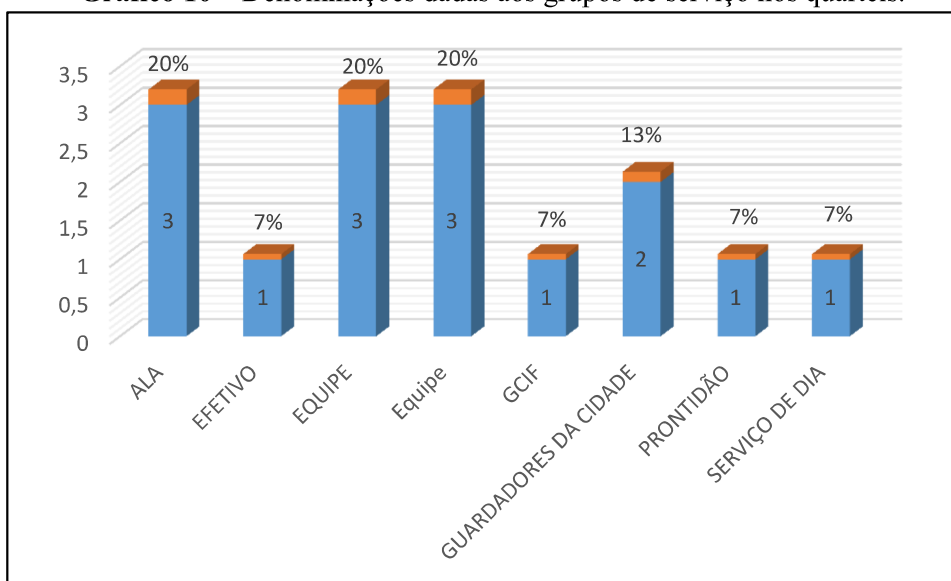
Ocorre que essas atividades são desempenhadas por intermédio de um instrumento interno chamado de *escala de serviço*, ferramenta pela qual todos os membros da Instituição são escalados de acordo com o seu local de trabalho, constando função, horário de apresentação e atribuições quando chamados para atender a sociedade.

O termo com maior número de ocorrências foi *guarnição*. Com o dinamismo e a evolução das atividades desenvolvidas pelos membros dos Corpos de Bombeiros, ao longo do tempo as denominações para os grupos de serviço foram se modificando nos quartéis: *equipe*, *equipe de serviço*, *guarnição de serviço*, *guarnição de serviço de combate a incêndio e serviço de dia*.

Cabe esclarecermos que os termos *equipe de serviço* e *equipe de resgatista* foram agrupadas na lexia *equipe*, assim como *guarnição de serviço* e *guarnição de serviço de combate a incêndio* foram incorporadas à *guarnição*.

Segue o gráfico com os termos coletados na questão em análise:

Gráfico 10 – Denominações dadas aos grupos de serviço nos quartéis.



Fonte: Autor (2020)

O termo *guarnição* se mostrou mais produtivo, com 14 ocorrências distribuídas nas faixas de tempo de serviço investigadas, dentre os 21 informantes, 10 do TS1, 3 do TS2 e apenas 01 do TS3 registraram essa forma.

Para o termo *ala*, tivemos 03 ocorrências, sendo 02 do TS1 e as faixas TS2 e TS3, somente com 01.

Para o termo *equipe*, tivemos 03 ocorrências divididas entre as três faixas de tempo de serviço investigadas.

Já *guardadores da cidade*, oriundo do 1º BBM, apresentou 02 ocorrências, uma na categoria TS1 e a outra na TS2, somente entre os homens.

Constatamos, ainda, que ao analisarmos o uso dessas lexias por faixa de tempo de serviço, a faixa TS1 foi aquela que mais nos apresentou ocorrências, 17 no total, enquanto que a faixa TS2, nos forneceu 10 e a TS3, apenas 05.

Do mesmo modo, ao analisarmos nesta questão os informantes pelo sexo, observamos que as mulheres utilizam menos lexias, apenas 09, enquanto que os homens registraram 15 ocorrências.

O ato do bombeiro militar ser escalado para o serviço de 24 horas, independente do batalhão especializado e da ABMJM, recebe diversas denominações. Contudo, no BBA, os grupos de serviço recebem a denominação *GCIF*, que significa *Guarnição de Combate a Incêndio Florestal*, termo citado por A.E.S., TS-2, M, BBA, conforme dados da entrevista a seguir:

INQ.- Qual é o nome da equipe que está de serviço hoje?

INF.- Guarnição de serviço.

INQ.- Tem outro nome?

INF.- No caso, quando a gente tá no campo de atuação, no campo específico, quando a gente tá no mato, tá aí combatendo, tá nas áreas aí, nos parques, nas reservas, a gente chama GCIF.

INQ.- O que seria esse GCIF?

INF.- O GCIF é formado por sete a oito homens, porque ela fica mais fácil de se controlar, ainda mais em uma situação como essa. Quando você tá, por exemplo, um terreno enorme, adentrar a mata, se você for com mais gente, fica meio difícil de você controlar.

INQ.- E o que significa GCIF?

INF.- É Guarnição de Combate a Incêndio Florestal.

INQ.- Além de guarnição, como são chamadas as equipes de serviço? INF.- É ala A, B, C e D.

Já no 1º BBM, além de serem utilizados pelos bombeiros os termos *guarnição*, *guarnição de serviço*, *guarnição de serviço de combate a incêndio* e *ala*, é utilizado ainda, o sociotermo *guardadores da cidade*, conforme citação de J.S.M., TS-1, M, 1º BBM:

INQ. Quando de serviço, como é o nome dado aquela equipe de serviço?
 INF. – O grupo que tá de serviço... Guarnição. Guarnição mesmo.
 INQ. – Guarnição mesmo, né? Tem outro nome, não? Ou só guarnição?
 INF. – Prontidão.
 INQ. – Prontidão. Certo.
 INF. – Guardadores da cidade. (risos)
 INQ. – Guardadores da cidade? INF. – Guardadores da cidade (risos) INQ. –
 Esse termo aí “guardadores da cidade” é específico daqui do primeiro, ou...
 INF. – Ouvi já aqui no primeiro, por conta, acho que do nosso convívio
 mesmo, a gente acabamos designando isso por levar em consideração que o
 nosso batalhão ele, ele, ele... está englobando ali uma boa área, uma área
 bem extensa de bairros e aí os colegas nossos chamam “guardadores da
 cidade”.

Todavia, no quartel do BBS, a denominação mais recorrente dada ao grupo que se encontra de serviço é *equipe*, mas o termo *guarnição* e *guarnição de serviço* também são utilizados conforme resposta dada pelo entrevistado B.G.S., TS2, M, BBS:

INQ. – Aí quando de serviço, qual a denominação para o grupo de trabalho, como o pessoal chamava naquela época, é o mesmo que ainda se chama hoje ou não?
 INF. – repita a pergunta...
 INQ. – Aí quando de serviço, qual a denominação para o grupo de trabalho, é o mesmo de hoje ou não?
 INF. – Equipe mesmo, equipe.
 INQ. – Naquela época já era equipe?
 INF. – eu penso que o termo equipe ele já veio ser utilizado de um tempo pra cá... com mais, assim... veio sendo mais utilizado de um tempo pra cá, o termo equipe, na época era guarnição.
 INQ. – Era guarnição, né?
 INF. – era guarnição, aí de um tempo pra cá o pessoal começou a utilizar guarnição e equipe...
 INQ. – Certo.

Diante da fala do nosso informante B.G.S., TS2, M, BBS, verificamos que o termo *guarnição* é o mais recorrente, utilizado até mesmo pelos mais novos, contudo, utilizam-se outras lexias com menor frequência: *equipe* e *ala* para definir guarnição.

Ao analisarmos minuciosamente essa questão, constatamos a participação efetiva de todas as categorias, assim como sem diferenças entre os homens e as mulheres.

Quanto as faixas de tempo de serviço, a categoria TS1 foi a que mais se destacou, com 15 ocorrências registradas. Ratificamos que os membros do TS2 ficam em segundo lugar quanto ao uso desses termos e socioterms com 10 registros e quanto ao TS3 registramos 5 ocorrências.

Quanto aos bombeiros novos, eles reconhecem e também, são os que mais fazem uso dos termos aqui apresentados.

5.1.5 Denominações dadas ao momento de folga do militar um dia antes do serviço.

Ao tratarmos das lexias no campo semântico 1 – *formação*, relativas ao *fato de se estar de folga no dia anterior ao serviço no quartel*, obtivemos como lexia mais recorrente o termo *sobreaviso*. Seguido de *QAP*, *prontidão*, *remanejado*, *branca às nuvens*.

Verificamos que as mulheres pertencentes à faixa TS1 foram as que mais apresentaram lexias para essa questão: *branca as nuvens*, *prontidão* e *QAP (pronto)*. Apenas 01 homem pertencente a TS2 forneceu a lexia: *remanejado*.

Ao analisarmos o critério tempo de serviço, observamos que a faixa TS1 foi a que mais apresentou termos, com 12 ocorrências, seguida da TS2 com 05 ocorrências e a TS3 com 04 ocorrências. Somente que 01 informante, pertencente ao TS1, não respondeu a essa pergunta.

Encontramos durante a entrevista o sociotermo *estar branca as nuvens*, conforme relato da informante B.A.B.M., TS1, F, BBS:

INQ.- Isso... Você tá de vinte e quatro horas aqui

INF.- Mas tudo numa situação de que o pessoal precisou, né?! Não de serviço normal?

INQ.- Não, serviço normal.

INF.- Hum... quando a gente tá tranquilo, assim, em casa, quando a gente tá branca às nuvens que a gente tá.... e a gente vem pra cá?! O senhor fala como as pessoas se referem no grupo, né?! (intit.) o pessoal pede voluntário, prontamente; geralmente, não é imposto. Ah, fulano faltou, ficou doente, vem fulano amanhã que tá mais folgado.

INQ.- Uma situação em que o teu nome tá lá, né, amanhã é quarta-feira, Cabo Brenda tá lá de resgatista, mas na terça-feira, especificamente, você tá de quê? Tudo bem que você tá de branca às nuvens, mas tem um nome...

INF.- Sobreaviso?

INQ.- É, pode ser sobreaviso?

INF.- A gente fica...

Contudo, no mesmo quartel, o informante B.G.S, TS2, M, BBS, tem conhecimento sobre o termo *sobreaviso*, mas não recorda do sociotermo mais utilizado em seu quartel para essa situação.

INQ. – Aí, vamos supor, também outra questão, meu amigo estava de folga, vamos supor, ontem meu amigo estava de folga, aí hoje você está de serviço, então, ontem de folga, que nome era dado lá... tu estavas de folga mas sabendo que tu estarias de serviço hoje? Tu estarias em que situação?

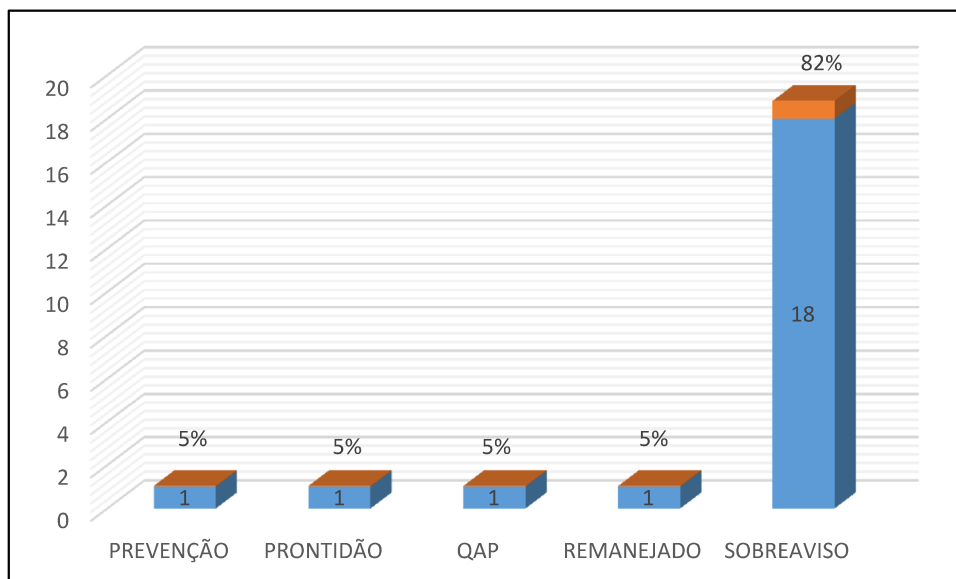
INF. – é o famoso sobreaviso, mas a gente utiliza outro termo, peraí, deixa eu me lembrar desse termo aí...

INQ. – hum

INF. – na verdade, é esse mesmo, é sobreaviso, é o termo mais utilizado, num tem um termo específico que a gente falava não, isso aí não.

Segue o gráfico com as lexias coletadas:

Gráfico 11– Denominações dadas ao momento de folga do militar um dia antes do serviço



Fonte: Autor (2020)

Como podemos observar no gráfico 11, para essa pergunta foram fornecidas 04 respostas.

Cabe salientarmos que o termo *prontidão* diz respeito à atividade dos bombeiros e significa tanto o ato de estar de serviço no quartel por 24 horas quanto ao fato de estar pronto para um chamado específico, principalmente, nos períodos chuvosos, quando em algumas áreas de São Luís e de outros municípios do Estado do Maranhão, frequentemente ocorrem inundações.

Quase todos os informantes responderam a questão feita, com exceção de uma bombeira pertencente ao BBEM, que não respondeu a indagação, pois não lembrou no momento da aplicação do questionário.

Diante dos resultados obtidos, logo após analisarmos este campo semântico, constatamos que as mulheres conhecem, fazem uso e participam ativamente da atividade operacional do CBMMA, contrastando com o senso comum de que elas trabalham somente no setor administrativo.

Averiguamos nas 5 questões aqui estudadas, registros do sexo feminino, nos apresentando novos termos, socioterms, conhecimento operacional e administrativo como

exemplo as informantes: A.C.S.L., TS2, F, BBEM no item 5.1.2; I.L.S.R.C., TS1, F, BBA, no item 5.1.3; B.L.R, TS1, F, ABMJM na questão 5.1.4; e da. B.A.B.M., TS1, F, BBS: na questão 5.1.5.

5.2 Campo acessórios e equipamentos

5.2.1 Denominações dadas para a peça metálica do antigo capacete dos bombeiros.

Esse campo trata dos acessórios e equipamentos utilizados pelos bombeiros nos batalhões especializados, os quais se referem aos equipamentos de proteção individual, em sua maioria, e a outros que são utilizados para corte, extração, combate a incêndio, salvamento em altura, etc.

No intuito de resgatar um pouco da história dos bombeiros no Estado do Maranhão, trouxemos um questionamento com a finalidade de obter subsídios para confirmar o conhecimento, ou não, por parte dos bombeiros acerca da peça *quebra-telha*, muito utilizada na década de 1990.

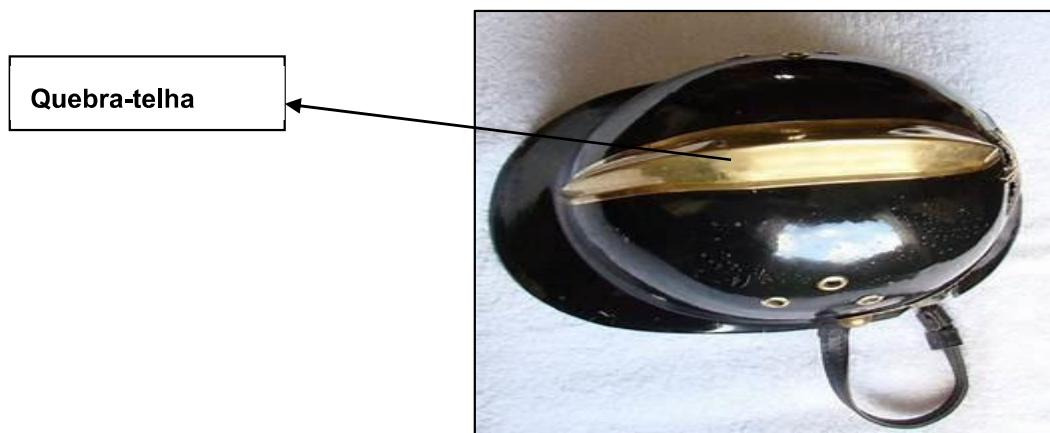
Sabemos que tal peça é um artefato não mais utilizado pela Corporação. O *quebra-telha*, como era chamado e é conhecido pelos bombeiros que possuem mais de 20 anos de profissão, tornou-se uma peça de museu.

Ao indagarmos sobre essa peça metálica acoplada à parte superior do capacete, que possui a função de proteger a cabeça do bombeiro durante as ocorrências, caso um objeto viesse a atingir o seu crânio confirmamos que está em desuso totalmente, servindo muito mais como algo nostálgico e até mesmo como relíquia, caso deste pesquisador.

Para tanto, efetuamos a seguinte pergunta: *Como se chama a peça do modelo antigo de capacete que servia para proteger o militar quando de serviço operacional?*

Chamou-nos atenção, durante a análise dos dados, o somatório elevado, entre aqueles que não vivenciaram e os que não lembram do objeto denominado *quebra-telha*, um total de 52% (cinqüenta e dois por cento), caracterizando assim que este modelo de capacete e ainda a sua peça que tem por finalidade proteger o bombeiro durante a ocorrência, é de desconhecimento por um número expressivo de militares do CBMMA.

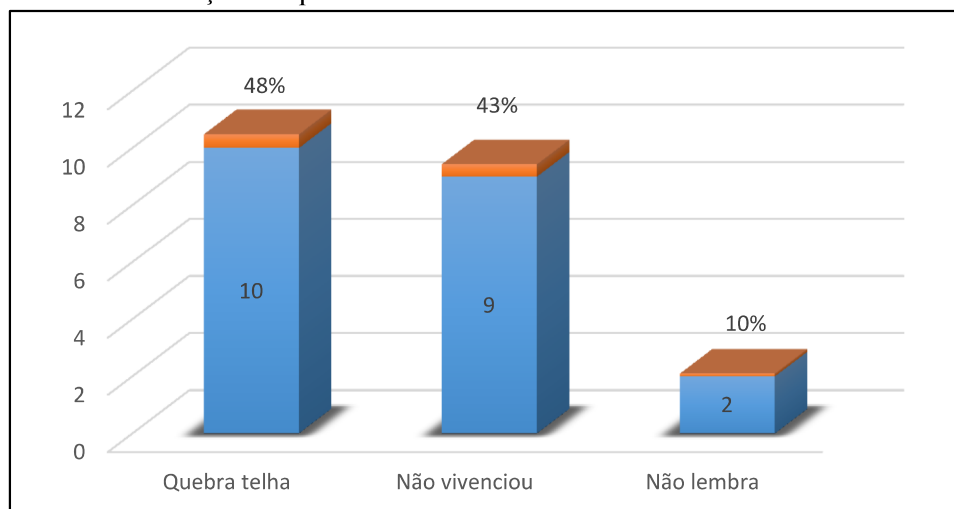
Figura 8 – Imagem do antigo capacete dos Corpos de Bombeiros



Fonte: Google imagens (2019)

Quanto ao resultado das entrevistas obtivemos os seguintes resultados de acordo com o gráfico:

Gráfico 12 – Peça do capacete dos Bombeiros



Fonte: Autor (2020)

De forma geral constatamos que: (i) das 10 mulheres entrevistadas nenhuma disse a denominação *quebra-telha*; o que pode ser explicado pela recente presença feminina nos batalhões, trabalhando mais especificamente no serviço operacional de incêndio, que se deu a partir de 2007. (ii) somente 02 informantes pertencentes ao grupo TS1 conhecem esse termo; (iii) 04 bombeiros pertencentes ao TS2 reconheceram o termo *quebra-telha*; e (iv) no que diz respeito ao grupo TS3, os quatro que conviveram com esse equipamento, lembraram do nome da peça.

Temos uma demonstração de que esse capacete tornou-se obsoleto, e também de que parte da história de um equipamento de proteção importante para a vida profissional dos bombeiros aos poucos se perdeu, caiu no esquecimento.

Averiguamos que, no BBEM (batalhão de bombeiros de emergência médica), não obtivemos o registro do termo em estudo. Pois a informante C.S.A, TS1, F, BBEM, não vivenciou esse momento na Corporação, enquanto que os demais entrevistados, ambos pertencentes a faixa de tempo TS2, até conheceram o artefato, porém, não fizeram uso, isso se deve a peculiaridade de sua atividade, que é atendimento pré-hospitalar, de acordo com o relato de A.C.S.L, F, TS2, BBEM:

INQ. – Lembra daquele capacete preto antigo que o bombeiro tinha?

INF. – Lembro, não cheguei a usar, porque era geralmente específico do pessoal do combate a incêndio, mas eu lembro do capacete.

INQ. – Ele tinha uma peça que protegia a cabeça, você lembra mais ou menos esse nome aí ou não?

INF. – Não, eu não lembro. Eu lembro do capacete, mas não lembro dessa peça específica não. Não vivenciei, pois era direcionada para emergência médica.

Constatamos, assim, que a evolução das novas tecnologias trouxe modernidade quanto a alguns equipamentos e fez com que outros se tornassem obsoletos e desnecessários para o momento, em face de vários aspectos, tais como o peso, a estrutura, o material confeccionado.

Com isso, o antigo capacete dos bombeiros, apresentado na foto 3, deixou de ser utilizado e tornou-se até mesmo desconhecido pelos novos membros do CBMMA, tornando-se um equipamento nostálgico, uma peça de museu, que serve, na maioria das vezes, como parte da história de vida de muitos militares do TS2 e TS3 que, outrora, fizeram uso desse artefato.

5.3 Campo alimentação

5.3.1 Denominações dadas ao local onde são realizadas as refeições no quartel.

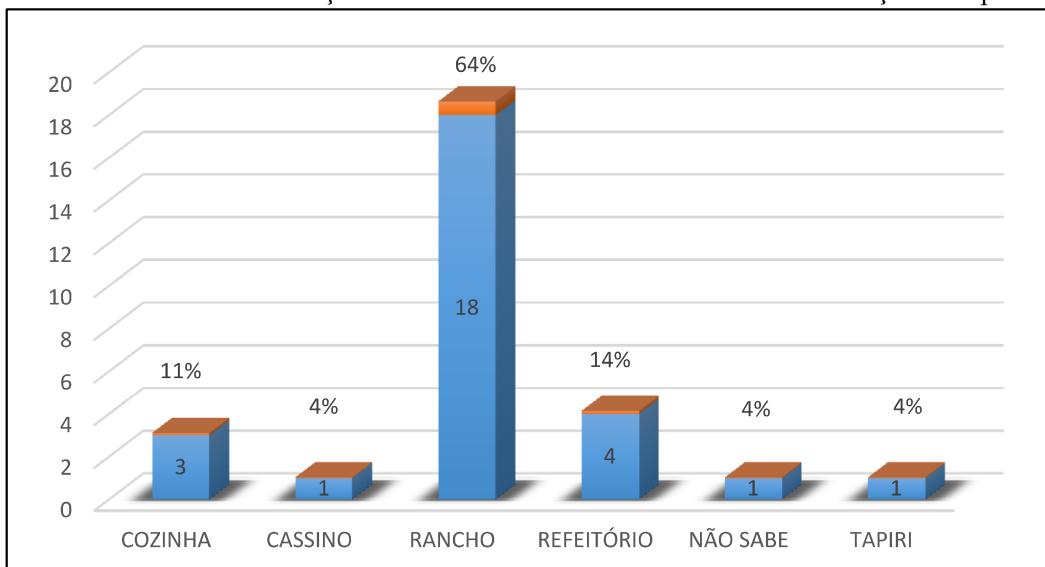
Um local pertencente ao cotidiano do CBMMA do qual todos em algum momento fazem uso é contemplado na pergunta: *como se chama o local onde são preparadas e servidas a refeição?*

Como respostas, obtivemos *cassino, cozinha, rancho, refeitório e tapiri*.

Uma única informante, do sexo feminino, do grupo TS1, não soube responder a esta indagação, todos os demais responderam.

Os resultados alcançados são apresentados no seguinte gráfico:

Gráfico 13 - Denominações dadas ao local onde são realizadas as refeições no quartel.



Fonte: Autor (2020)

O termo *rancho* apresentou 18 ocorrências em seu registro nas três faixas de tempo de serviço estabelecidas, sendo que na TS1 houve 10 ocorrências, na TS2 05 e na TS3 03 ocorrências.

A segunda lexia mais recorrente foi *refeitório*, com 04 registros, nela não houve registro dos informantes da faixa TS2.

O termo *refeitório* ocorreu somente na SCI, com 02 ocorrências, com bombeiros pertencentes a TS3.

O termo *cozinha* apareceu com 03 ocorrências, tendo o maior registro no BBS, 02 ocorrências.

Contatamos que os mais novos identificados como TS1, são os que mais utilizam esses termos voltados para alimentação, seguidos da faixa TS2 e logo após do TS3.

Diante das respostas apresentadas, uma nos trouxe uma lexia diferente das demais, obtida com uma informante do Batalhão Ambiental, algo característico do BBA.

Esclarecemos que essa terminologia, o bombeiro adquire no cotidiano daquela unidade e também ao fazer a especialização em incêndio florestal.

Apresentamos a resposta de L.F.S.M.A, TS1, F, BBA, que nos trouxe a variação *tapiiri*:

INQ. – Qual o nome do lugar prepara a refeição?

INF. – Rancho.

INQ. – Tem outro nome não?

INF. – Não.

INQ. – Alguém te explicou o porquê de rancho?

INF. –Não, também tem outro nome, porque sempre que a gente vai fazer a alimentação que tem uma quantidade maior de pessoas, a gente faz lá no tapiri. Que é aquela casinha que fica lá afastada.

*Ratificamos que tapiri é um termo dicionarizado [do tupi *tapi'ri*] que significa cabana, uma espécie de barraca. Estrutura bastante utilizada pelos bombeiros em áreas de matas fechadas, que não permitem o uso de uma composição mais apropriada, situação que ocorre durante as operações de grandes incêndios florestais fora e dentro do Estado.*

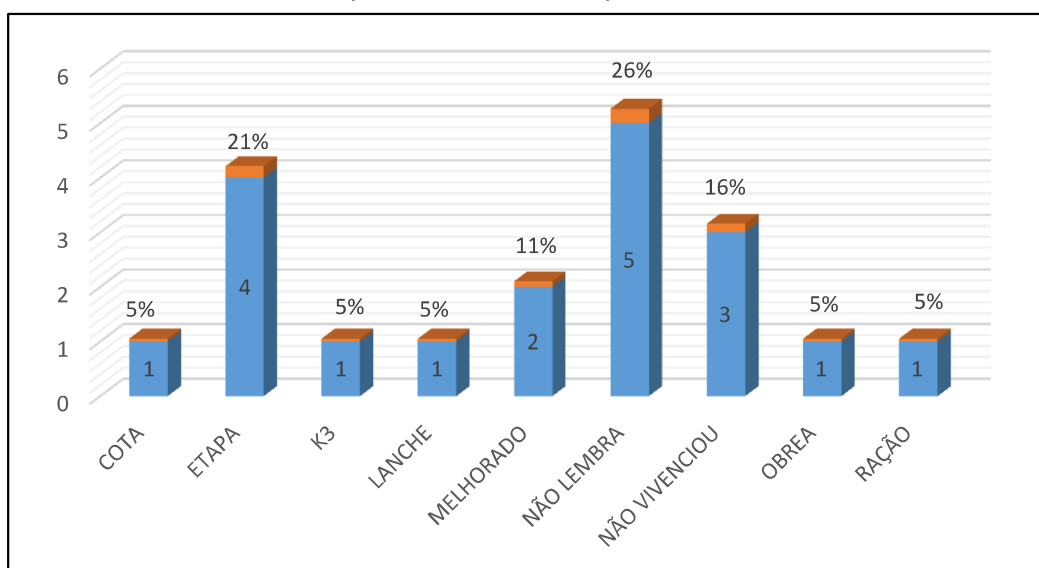
5.3.2 Denominações dadas à alimentação servida durante os treinamentos.

Alguns termos, aqui analisados, são parte do cotidiano do CBMMA e das demais instituições militares, contudo, quanto ao campo alimentação, existem aqueles que são específicos para cada situação. Como forma de registro elaboramos a seguinte pergunta: *Qual o nome da alimentação servida durante o treinamento militar?*

Como podemos observar no gráfico 14, para essa questão obtivemos 08 itens lexicais: *alimentação, brau-breu, cota, etapa, k3, lanche, obrea e ração*.

A forma k3 foi agrupada em alimentação.

Gráfico 14 - Denominações dadas à alimentação servido durante os treinamentos.



Fonte: Autor (2020)

Temos como destaque a lexia *etapa* que foi registrada na fala de 03 informantes, cada um pertencente a uma faixa de tempo de serviço (TS1, TS2 e TS3). Os homens apresentaram 02 ocorrências e as mulheres apenas 01, sendo que os homens pertencem à TS2 e TS3 e a mulher à faixa TS1.

Obtivemos, ainda, a denominação *obrea*, termo utilizado também no Exército Brasileiro - EB, registrada por um bombeiro da faixa TS2, do BBS, que tempos atrás trabalhou naquela instituição. Todavia, a significação dada por ele difere daquela apresentada por Gusmão (2016, p.122) que diz: “*obreia*: adesivo ou pedaço de papel colante usado para cobrir furos feitos pelo projétil de uma arma no alvo de papel. Geralmente, existe nas cores branca e preta. Após coberto o furo, o alvo pode ser reutilizado”.

Segundo o Informante B.B.S., TS2, M, BBS, o termo *obrea*: ...INF. “É referente a comida, lanche que a pessoa tem ali guardado, seja uma barra de cereal um melzinho, um bom bom.”

Constatamos, ainda, que 08 informantes não souberam responder a essa pergunta destes, 06 são pertencentes a TS1 e 02 a TS3, deste quantitativo temos 02 homens pertencentes a faixa TS3, esclarecemos que 01 não lembrou e o outro deixou de responder por não saber e das 05 mulheres pertencentes a TS1, ressaltamos que 02 deixaram de responder por não vivenciar e 03 por não saberem.

Contudo, essa negativa é uma prova que este termo (*ração*), estaria caindo em desuso pelos bombeiros, pois durante o nosso trabalho o que mais se ouviu em relação à alimentação em todos os batalhões e inclusive na ABMJM foram as variantes melhorado e k3, uma referência a todo tipo de alimentação.

O quantitativo de registros efetuados por tempo de serviço ocorreu da seguinte forma: a TS1 com 06 ocorrências; TS2 com 05 e o TS3 com 02 ocorrências.

Destacamos também, que os homens foram aqueles que mais fizeram uso dos termos relacionados a essa questão com 08 registros, enquanto as mulheres nos apresentaram 05 registros.

Quanto a uso da variante melhorado, conforme resposta de A.E.S., TS2, M, BBA, seria:

INF.- A gente chama café da manhã. Às vezes, o pessoal faz aí o chamado melhorado né que a gente chama aí, às vezes a gente não quer comer a alimentação daqui, aí a gente compra e faz aqui.

INQ.- Esse melhorado é tanto pro café quanto pro almoço?

INF.- É, de repente, pode ser pro café, pro almoço, pra janta, né.

Constatamos assim, que o termo *melhorado* tem sido utilizado de forma significativa no cotidiano das relações laborais, na vida operacional dos bombeiros em seus respectivos batalhões, tornou-se usual e rotineiro.

5.4 Campo atividades físicas e treinamentos

5.4.1 Denominações dadas para a atividade de educação física semanal.

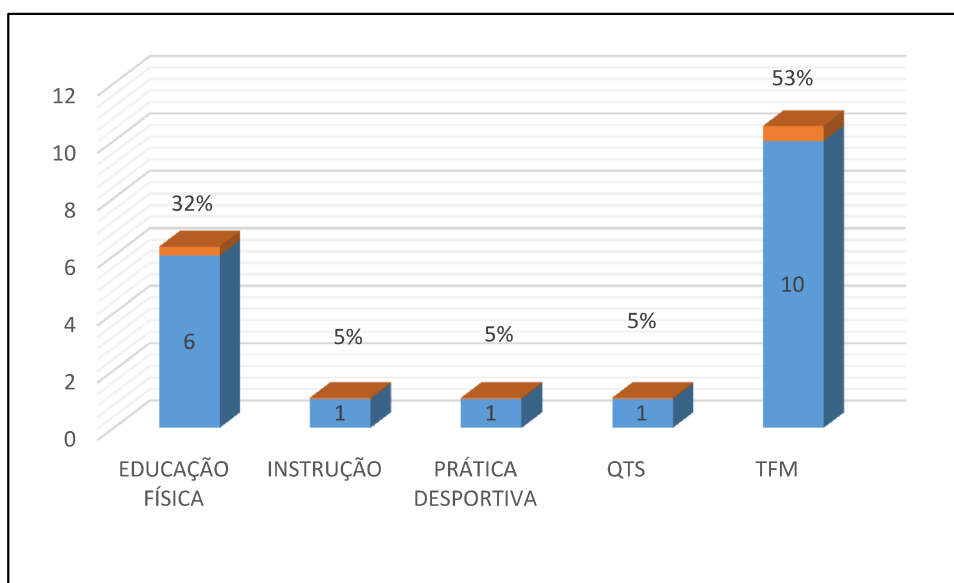
O condicionamento físico do bombeiro é condição fundamental para o bom desempenho de suas atividades laborais, principalmente por em alguns casos necessitar locomover-se em locais de difícil acesso, entrar em manguezais para resgatar cadáveres, em bueiros para retirar animais, subir em torres para retirar suicidas, etc., para fazer tudo isso, é necessário que esteja em boas condições físicas.

De modo que o treinamento físico é uma ferramenta que propicia ao bombeiro desempenhar suas funções com maior força e resistência a fadiga nos diferentes tipos de ambientes em que atua, tais como: quentes, alagadiços, confinados.

Com o objetivo de coletar dados, quanto ao campo semântico *atividades físicas e treinamentos* foi elaborada a pergunta: *Qual o nome da atividade física semanal?*

No gráfico a seguir apresentamos os termos coletados: *treinamento físico militar (TFM)*, *educação física*, *instrução*, *QTS* e *tática esportiva*.

Gráfico 15 - Denominações dadas para a atividade de educação física semanal



Fonte: Autor (2020)

Constatamos que o termo *treinamento físico militar – TFM* teve o maior número de ocorrências 11 no total, sendo mais utilizados pelas mulheres, que elas apresentaram 07 no total.

Quanto a faixa de tempo de serviço, os informantes do TS1 obtiveram maior frequência foram 09 ao todo, seguidos do TS3 com 02 registro, enquanto que não foi encontrado qualquer registro na faixa TS2.

O quartel com o maior número de ocorrências desse termo foi a ABMJM, um total de 03 informantes.

O segundo termo com mais registros encontrados foi *educação física* com 06 ocorrências, os homens fizeram mais uso desse termo, num total de 04 informantes, enquanto apenas 02 mulheres o forneceram. A faixa de tempo de serviço com maior frequência de utilização foi a TS2, com 03 ocorrências, seguida da TS1 com 02 e a TS3 com apenas 01 registro. Obtendo a mesma quantidade de informantes no BBS e no BBMAR, com 02 informantes cada, seguidos do BBA, com apenas 01.

5.5 Campo documentos oficiais

5.5.1 Denominações dadas para os documentos oficiais mais utilizados nos quartéis do CBMMA.

Uma das premissas do cotidiano operacional bombeiro militar é o registro diário, nos quartéis, das atividades e atendimentos realizados que são registrados em relatórios, certidões ou em livros que servirão ou serviram como referência documental para familiares, órgãos públicos e particulares.

A depender da magnitude dessas atividades e atendimentos, os registros, são direcionados para estudos de casos internos no intuito de qualificar e preparar as guarnições para casos futuros relacionados a determinado campo de atuação.

De modo que o ato de fazer todo tipo de registro quer seja por escrito, por imagem fotográfica e até mesmo por meio de pequenos filmes em celulares particulares são elementos que servem para subsidiar uma das funções existentes na Corporação que é a atividade de *perito*, responsável por descobrir a origem do incêndio, por essa razão, durante o combate a incêndio mesmo com toda dificuldade e até mesmo destruição do ambiente a forma como o bombeiro efetua o rescaldo na maioria das vezes descaracteriza o ambiente e torna difícil para o perito identificar a origem do sinistro.

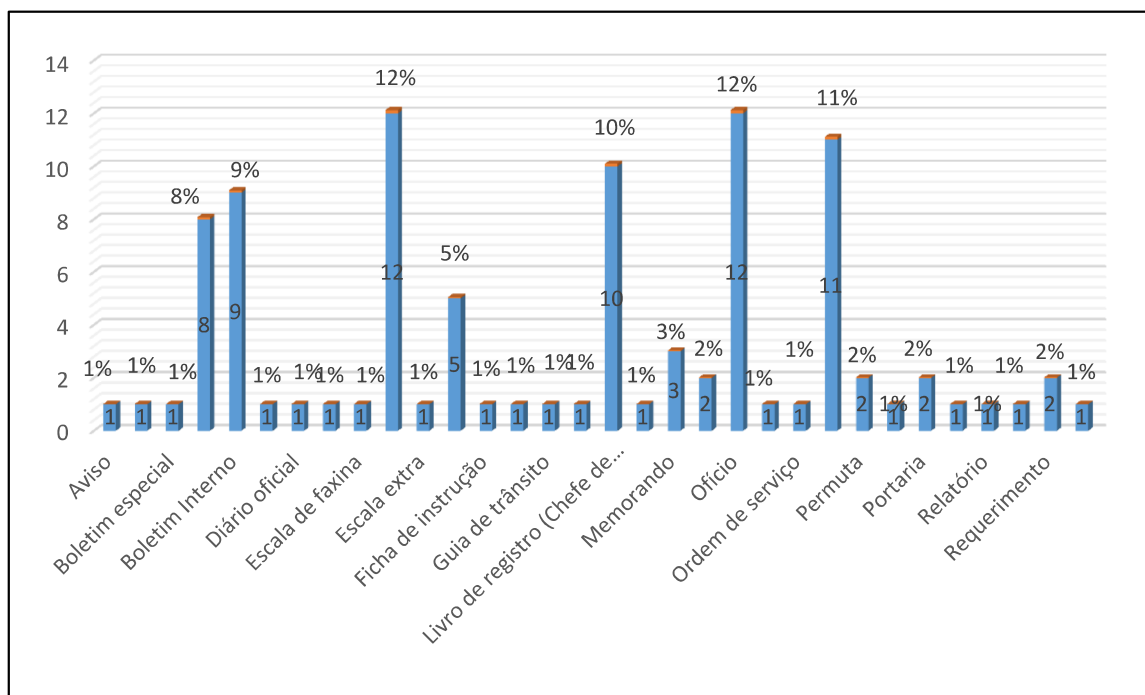
Buscamos, assim, identificar neste campo de denominações, para tanto fizemos a seguinte pergunta: *Quais os documentos mais comuns utilizados nas atividades diárias do quartel?*

Diante dos diferentes tipos de registro documentais existentes no CBMMA, quer seja voltados para atividades fim, conforme descrito anteriormente, quer seja para o cotidiano administrativo geral e específico de cada batalhão e da ABMJM, registramos um quantitativo de 35 documentos para os mais diversos tipos de situação existentes, porém, com o intuito didático específico trabalhamos somente com aqueles de maior número de ocorrência: *boletim geral, boletim interno, escala de serviço, livro de registro, memorando, nota de instrução ofício, parte, permuta e requerimento*.

Quanto aos documentos oficiais existentes no CBMMA, os únicos que se diferem da conceituação que os outros órgãos estaduais e privados utilizam são aqueles específicos da atividade militar:

Vejamos esse registro no gráfico a seguir:

Gráfico 16 - Denominações dadas para os documentos oficiais mais utilizados nos quartéis do CBMMA



Fonte: Autor (2020)

Os termos com maior número de registros foram *escala de serviço e ofício*, com 12 ocorrências cada um, seguidos de *parte* com 11, *de livros de registro* com 10, *boletim*

interno, com 09, *boletim geral* com 08, *memorando* com 03, *permuta*, *requerimento* e *nota de instrução* com 02 ocorrências cada uma.

Constatamos que os informantes da TS1 foram os que mais efetuaram registros, um total de 70, seguidos da TS2, com 30 ocorrências e os da TS3 com 24 ocorrências.

O quartel com o maior número de ocorrências registradas foi a ABMJM, com 31 lexias apresentadas.

As mulheres, por sua vez, quanto a esse campo semântico investigado foram as que mais apresentaram termos, 61 no total, e os homens, apenas 52 registros.

5.6 Vestuário

5.6.1 Denominações dadas para peças do tipo chapéu.

As corporações militares de um modo em geral possuem vários modelos de uniformes, cada um para uma ocasião específica. No caso do CBMMA, são utilizados para cumprir o expediente semanal nos quartéis o *uniforme de passeio* composto de uma peça para a cabeça que poder ser: *bibico*, *boina* ou *quepe*, camisa social, denominada de *canícula*; com uma camisa vermelha por dentro, *calça social* do tecido cinza modelo panamá com um *cinto tipo cadarço* na cor vermelha seguro na calça e uma *fivela* com a logomarca do CBMMA, um par de *sapato preto* modelo social, com uma meia social preta.

Para cerimônia de gala, uma ocasião mais pomposa, requer o uniforme do tipo *túnica*, podendo ser na cor branca ou cinza a depender do evento, composta por *botões* banhados a ouro e a *platina* indicativa dos postos nos ombros e *divisas* das graduações nos braços, com uso de *medalhas* de tempo de serviço e *condecorações*.

Para trabalhar no serviço operacional, é utilizado um uniforme mais resistente capaz de suportar diferentes tipos de ambientes enfrentados durante as ocorrências, denominado de *uniforme de prontidão*, composto por *calça* e *gandola*.

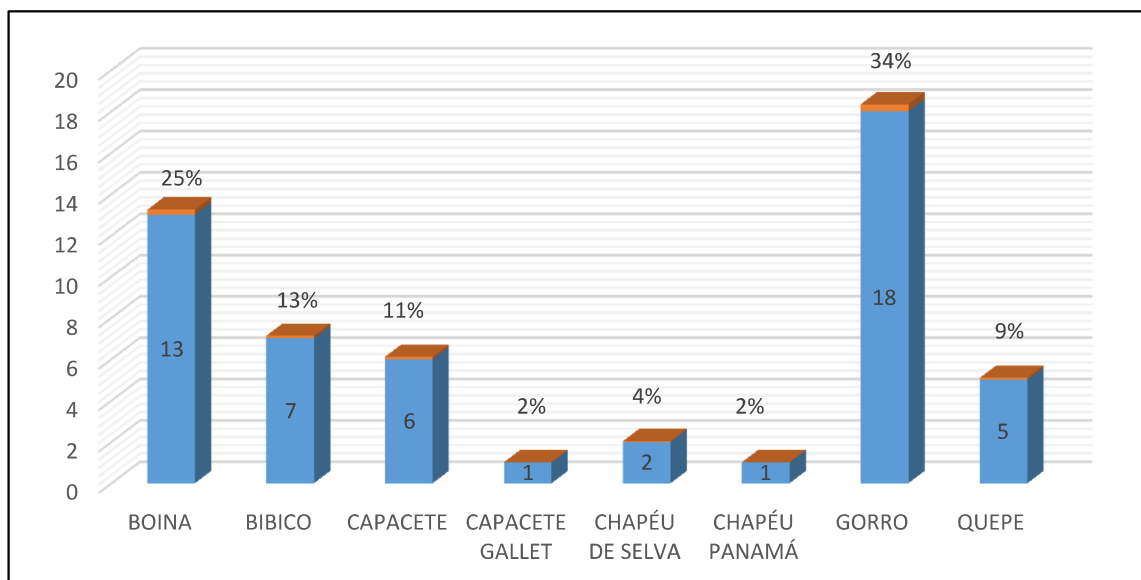
E para efetuar as práticas desportivas há o *uniforme de educação física*, composto de camiseta regata, calção vermelho, meias brancas e tênis preto.

Todos esses uniformes apresentados, anteriormente, recebem uma numeração, de modo a serem identificados mais rapidamente, e cada membro da Corporação deve ter o seu.

Neste item específico, iremos trabalhar com as peças que protegem a cabeça do bombeiro: *quais são e/ou eram as peças do tipo 'chapéu', utilizadas em sua época?*

Como resultados obtivemos os seguintes termos: *bibico*, *boina*, *capacete*, *capacete gallet*, *chapéu de selva*, *chapéu panamá*, *gorro* e *quepe*. Conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 17 – Denominações para peças do tipo chapéu.



Fonte: Autor (2020)

Averiguamos, que o termo com maior quantidade de registros foi *gorro*, com 18 ocorrências, seguido de *boina*, com 13, de *bibico* com 07; *capacete*, com 06; *quepe*, com 05; com 02 ocorrências *chapéu de selva* e *capacete gallet*; e *chapéu panamá*, com 01 registro.

Por considerarmos *chapéu panamá* uma variante, para essa questão, será agrupada em *chapéu de selva* por se tratar do mesmo utensílio.

Para essa questão ainda, as variantes *capacete* e *capacete gallet* serão agrupadas em *capacete*, uma vez que *gallet* é somente um modelo de capacete.

Averiguamos que os informantes da faixa TS1 foram os que mais efetuaram registros, um total de 29, seguidos do TS2, com 22 ocorrências e o TS3 com 12.

O quartel com o maior número de ocorrências de termos registrados foi a ABMJM, com 12 e o BBMAR com menor número, com 04.

Entre as mulheres houve um registro de 28 ocorrências e entre os homens 37.

Destaque para os componentes do BBA, que apresentaram um termo específico daquele ambiente laboral a variante *chapéu panamá* também denominada de *chapéu de selva*, apresentados aqui pelas mulheres pertencentes a TS1.

Concluindo esse capítulo de análise dos dados, por intermédio das entrevistas realizadas, diante dos resultados obtidos, logo após analisarmos cada campo: *formação, acessórios e equipamentos, alimentação, documentos oficiais e vestuários*, contatamos que:

Diante da expressividade e importância dos termos e sociotermos da terminologia dos bombeiros do Maranhão, no campo *formação* na primeira questão (1A) do nosso questionário, verificamos a quantidade elevada de unidades lexicais voltadas para o início da carreira no CBMMA, tais como: *bicho, bisonho, moco-rongo, novinho, pelanco, soldado e verdinho*, cada um deles para um ambiente laboral diferente, conforme destacado neste capítulo.

Averiguamos, durante todo o desenvolvimento do nosso trabalho, que os informantes conhecem e fazem uso do termo *barra* em seu cotidiano, tornando-se assim uma unidade lexical de referência quanto ao ano de entrada no CBMMA - questão (4A) do campo semântico *formação*. Destacamos que é uma unidade lexical frequente na PMMA.

Evidenciamos na pergunta (5A), uma diferenciação no que diz respeito à terminologia adotada nos diferentes postos e graduações quanto a conclusão de curso, situação que proporcionou itens lexicais díspares. Foram eles: *aprovado, apto, aspirantado, graduado, conclusão de curso, formação, formado, formatura, militares, passou a pronto, prontos e soldado*.

Quanto ao termo para designar o público interno, tanto os militares do CBMMA como um todo quanto ao de um batalhão específico, o termo a ser utilizado é *efetivo*.

Ratificamos que três informantes masculinos pertencentes a faixa de tempo TS1, respectivamente da SCI, ABMJM e do BBA foram os que mais contribuíram com sociotermos para o nosso trabalho.

Apuramos, inclusive, que alguns termos catalogados em determinados batalhões são oriundos e específicos daqueles ambientes: *agasalha, aspira, bacanizado, bob esponja, branca às nuvens, cristalina, esbórnia, Phelps, guardadores da cidade, macaco preto, melhorado, não quer ovo, obrea, olho de tanderá, perneira, pressão-pressão, sala fria, tapiri, tchofi empanado, timbó (suco), tincha, tincheiro*.

Quanto ao uso de sociotermos oriundos do Exército Brasileiro, doravante denominado de EB, conforme registro no livro *O linguajar verde-oliva*, pertencente à professora Célia Rodrigues Gusmão, lançado em 2016, encontramos alguns que são utilizados pelos membros do CBMMA no cotidiano de suas respectivas unidades: *azar militar, barata voa, bisonho, bizurado, canga, gaivota, golpe, guerreiro, laranjeira, macete, macetoso, moco-rongo, moita, muquiço, peixe, safo, sugado, torar, zaralho*. (GUSMÃO, 2016, p. 69-

145). Um total de 19 socioterms encontrados e registrados nesse livro, todos de uso dos bombeiros militares do CBMMA, muitos dos quais oriundos do Exército Brasileiro e das demais forças armadas.

6 GLOSSÁRIO DE TERMOS E SOCIOTERMOS DO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO MARANHÃO

Este glossário é uma parte do universo lexical encontrado por intermédio das entrevistas realizadas para composição do *corpus* desta dissertação. Composto por termos e sociotermos, acrescido da definição, estrutura gramatical, contexto de uso, variantes e notas do discurso. Adotamos um critério semasiológico.

Procuramos registrar em nosso glossário somente os termos e sociotermos que consideramos mais utilizados nos batalhões especializados e na Academia de Bombeiros Militar “Josué Montello”, obtidos durante nossas entrevistas.

Demonstração importante desse registro dos 28 anos de emancipação do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão, da Polícia Militar do Maranhão, a partir do desmembramento das suas atividades em segmentos especializados, apresentados e descritos anteriormente, objeto e essência dessa obra.

Quanto a organização dos verbetes adotamos os seguintes procedimentos:

- As entradas obedecem a ordem alfabética, escritas em times new roman e em negrito;
- As definições adotadas para sociotermos foram colhidas durante as entrevistas com os nossos dos informantes, contudo, para a definição dos termos, utilizamos os conceitos técnicos de uso;
- A categoria gramatical adotada foi a classificação gramatical, indicando se o termo ou sociotermo trata-se de verbo, adjetivo, substantivo, etc.;
- Os contextos apresentados estão de acordo com as entrevistas orais dos nossos informantes;
- As variantes são as formas como o termo e sociotermo também são utilizados pelos bombeiros em substituição aquele termo ou sociotermo apresentado na entrada; e
- A nota do discurso diz respeito a uma explicação mais detalhada quanto as especificações, quem as utiliza e onde utiliza, bem como a importância do uso daquela lexia.

Figura 9 - Abafador

Fonte: CBMMA 2019



Fonte: Autor 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Equipamento utilizado no combate aos incêndios florestais, possui um cabo de madeira e pode ser feito de aço em formato de molas espirais e/ou de borracha.

INF. —...durante o incêndio florestal nós usamos o abafador para combater, serve para extinguir o incêndio. (L.F.S.M.A, TS1, F, BBA).

Variantes: abafador de aço, abafador de borracha.

Equipamento importantíssimo e bastante utilizado pelos bombeiros em incêndios de grande e médio porte e ainda em incêndios florestais.

Figura 10 - Aceiro

Fonte: CBMGO 2017

Morf: substantivo masculino.

1. Retirada da vegetação de uma área, de limpeza de um terreno para evitar a propagação do incêndio.

INF. — lá na reserva do mirador durante um grande incêndio tivemos que fazer um aceiro de 4 metros pra impedir a propagação do incêndio de um lado pro outro. (A.E.S., TS2, M, BBA).

Variante: limpeza da área.

Termo que designa ação destinada a evitar que o incêndio se propague para uma outra área, para tal se utiliza o serviço manual com facão, pá e enxadas ou o apoio de um trator.

Alteração

Morf: substantivo feminino.

1. Anormalidade.

INF. –...vez ou outra tem uma alteração no serviço. (B.L.R, TS1, F, ABMJM)

Variante: problema.

Termo conhecido e utilizado em todas as unidades do CBMMA.

Figura 11 - Aluno



Fonte: Autor 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Participante de cursos de formação.

INF. – Durante o curso nós éramos chamados de aluno, cadete. (N.E.B, TS1, M, SCI.)

Variantes: cadete, conscrito, novinho, pelanco, recruta, verdinho, bicho, bisonho, mcorongo.

Termo utilizado durante os cursos de formação, qualificação e especialização independentemente do posto ou graduação, os militares são chamados por esses termos apresentados, no intuito de diferenciá-los de quem não está no curso.

Arranchar

Morf: verbo.

1. Ação de relacionar bombeiros para efetuar o arranchamento do quartel.

INF. –...daí, nos finais de semana, o Tenente mandava arranchar os cadetes. (F.C.S, TS2, M, ABMJM)

Variantes: arranchamento, arranchados, relacionados.

Sociotermo conhecido e utilizado no Exército Brasileiro e na PMMA.

Figura 12 - Aspirantado



Fonte: CBMMA 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Condição do cadete ao ser declarado aspirante-a-oficial.

INQ. – Vamos supor que você vai se formar, como é chamado esse ato de conclusão de curso?

INF. – O senhor pode explicar melhor?

INQ. – Eh... você terminou teu curso, concluiu o curso, então é dado um nome a esse ato de conclusão de curso, quando terminou o curso, tem alguns nomes, né? Oficiais e tem alguns nomes que a tropa diz e tal?

INF. – O senhor tá falando com relação a nomeação?

INQ. – É, pode ser em relação a nomeação, ou não. Pode ser relacionado a alguma coisa internamente como é dado, como é dado nome internamente. A nomeação, vamos supor, qual seria esse nome que você acha?

INF. – Aspirantado. (B.L.R., TSI, F, ABMJM)

Variantes: aspirante, aspira.

Termo conhecido somente na ABMJM. Utilizado também no Exército Brasileiro e na PMMA.

Figura 13 - Ataque Direto



Fonte: diário online 2019

Morf: locução substantiva.

1. Procedimento de combate ao princípio do fogo diretamente.

INF. – Iai, a gente usava uma linha para o resfriamento do... o..o isolamento, propriamente, dito. Quando caía uma labareda em cima da casa de palha, onde tava molhada, não tinha como formar combustão. Iai, a outra linha dava o ataque direto nas outras chamas. (EMC, TS2, M, 1º BBM.)

Variante: linha direta.

Termo utilizado na situação em que os bombeiros querem combater o fogo diretamente em sua origem.

Azar Militar

Morf: locução substantiva.

1. Chamado urgente. 2. Situação adversa que consiste em um bombeiro ser escalado com urgência para exercer sua função em período de folga.

INQ.- Se alguém faltou, você, automaticamente, é puxada, não é isso?!

INF.- Certo.

INQ.- Então, essa situação a gente chama de quê? Qual nome era dado?

INF.- Pra essa situação? A gente pode chamar de azar militar, às vezes, ou então eh... como é que o pessoal falar. (F.C.S, TS2, M, ABMJM.)

Variante: falta de sorte.

Sociotermo também usado no Exército Brasileiro, com a mesma significação: expressão utilizada quando algo de ruim acontece com o militar, quer seja escalado de última hora para um evento, ou durante um período festivo, quer seja de uma viagem a serviço inesperadamente. No Bombeiro, mais precisamente na ABMJM e no BBS, se utiliza a sigla AZM.

Bacanizado

Morf: adjetivo.

1. Algo bom.

INF. – Deixa eu ver outra palavra aqui... ah, a gente utiliza bacanizado também pra dizer que uma coisa tá boa. (BABM, BBS, TS1, F, BBS)

Variante: melhorado.

Sociotermo específico e encontrado somente no BBS.

Figura 14 - Baixar



Fonte: farmácia parque 2019

Morf: verbo.

1. Adoecer

INF. – ...com um tempo aprendemos que estar doente significa baixar, está baixado. (B.L.R, TS1, F, ABMJM)

Variante: adoecer.

Sociotermo utilizado pelos bombeiros para dizer que irão adoecer. Muito conhecido e utilizado no Exército Brasileiro e na PMMA.

Figura 15 - Banhar



Fonte: CBMMA 2019



Fonte: CBMSC 2019

Morf: verbo.

1. Batismo dos novos integrantes do corpo de bombeiros.

INF. – E chegando ao corpo de bombeiros, na época localizada na Praça Deodoro. Nós fomos bem recebidos, inclusive, a guarnição dos bombeiros antigos ficou no dispositivo, para dar o tradicional banho, batizado. Chama-se o banho de batizado. (BABM, TS1, F, BBS.)

Variante: batismo.

Termo recorrente em término de cursos e em dia de promoção.

Barra

Morf: substantivo feminino.

1. Ano de entrada na corporação.

INQ.- No ano de entrada os alunos recebem um número de entrada?

INF.- Barra, barra oitenta e um. A primeira barra na polícia militar foi 66 (meia-meia), antes de 66 (meia-meia) não existia barra. A primeira barra foi meia, meia, sessenta e seis.

Sociotermo utilizado para designar o ano de entrada na corporação, utilizado também na PMMA.

Figura 16 - Bibico



Fonte: autor 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Acessório utilizado para cobrir a cabeça.

INQ. – No quesito vestuário, qual é a peça tipo chapéu que vocês utilizam aqui, específico de vocês que não tem em outro quartel?

INF. – Pode falar de outro quartel?

INQ. – O uniforme de passeio?

INF. – Bibico. Só lembro isso. (L.F.S.M.A., TS1, F, BBA.)

Variante: cobertura.

Sociotermo referente a um acessório utilizado somente com a farda de passeio. Oriundo do Exército Brasileiro e da PMMA.

Bisonho

Morf: adjetivo

1. Bombeiro inexperiente e que comete erros.

INQ. – Bizonho?

INF. – Ah, é, Bisonho. Confirmo.

INQ. – O que significa bizonho?

INF. – Bizonho é uma pessoa... o voador também, bizonho voador, são pessoas que são dispersas assim, que dão aquela bisonhada, ou seja, que não captaram a informação no momento que era pra ter sido captada. Então, ela bisonhou. Ou também, eu acho que essa definição, senhor, tá mais associada a avoadada.

INQ. – Uhum

INF. – Né? O bizonho é aquele que destoa do restante da tropa, em relação a alguns padrões assim, destoa, é a pessoa que é atrasado ali nos movimentos (init.), por exemplo.

INQ. – Certo. (K.S.B., TS1, F, ABMJM)

Variante: lerdo.

Sociotermo dado ao bombeiro durante o curso de formação e logo após formado quando erra. Muito conhecido e utilizado no Exército Brasileiro e na PMMA.

Figura 17 - Bob Esponja



Fonte: Panelaterapia 2019

Morf: locução substantiva.

1. Torta.

INF. – É a torta, de qualquer coisa, torta de qualquer coisa. Eh... de comida que eu lembre são só esses, porque eu não costumo comer muito aqui. (E.M.M.C, TS2, M, 1º BBM)

Variante: torta.

Sociotermo encontrado em todos os Batalhões, e também na SCI e na ABMJM.

Figura 18 - Boina



Fonte: autor 2019

Morf: substantivo feminino.

1. Acessório utilizado para cobrir a cabeça, confeccionado em lã.

INQ. – Vamos falar do chapéu, quais os tipos de protetor na cabeça que os militares usam aqui no corpo de bombeiros?

INF. – É o gorro.

INQ. – Certo. Ai tem outro tipo de proteção pra cabeça que se usa aqui?

INF. – De serviço operacional, não.

INQ. – Mas, de passeio, tem alguma coisa?

INF. – De passeio tem, tem a boina.

Tem aquele outro que eu não sei o nome não, aquele bicudinho assim. (Risos)

INQ. – Entendi, o bicudinho.

INF. – Nunca usei.

INQ. – Uhum... (R.M.E, TS1, F, 1º BBM)

Variante: cobertura

Acessório utilizado com o uniforme de prontidão e passeio.

Figura 19 - Boletim

Fonte: autor 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Documento de registro diário das atividades administrativas do CBMMA.

INF. – Existem os documentos internos e gerais nos quais são registrados tudo o que ocorre nos quartéis, no caso o Boletim Geral, tem o Boletim Interno dos Batalhões, o Boletim Reservado que é só dos oficiais. (A.C.P.F.V., TS1, F, BBMAR)

Variantes: boletim geral, boletim interno, boletim reservado e boletim especial.

No termo boletim geral, são registradas inclusive documentos oficiais do Estado, com o objetivo de que o efetivo do CBMMA tenha conhecimento.

Figura 20 - Bradar

Fonte: O diário 2019

Morf: verbo

1. Gritar. 2. Alardar. 3. Indicar a entrada de uma ocorrência por meio do toque da sirene.

INF.- Bradô, bradô, o pessoal saía correndo, bradô.

INQ.- Esse bradou é tanto para incêndio, quanto para qualquer outro tipo de atendimento?

INF.- É, é para incêndio, atendimento. (BLR, TS1, F, ABMJM)

Variante: ocorrência.

Termo conhecido e utilizado em todos os quartéis; entrada de qualquer tipo de ocorrência.

Brau breu

Morf: locução substantiva.

1. Lanche rápido ou refeição.

INQ.- Qual o nome era dado ao lanche oferecido pela manhã?

INF.- Assim como as outras refeições a gente chama de K3, só o restante, o almoço, o jantar que a gente usa termos específicos, como: melhorado, brau breu.

INQ.- Brau breu é para quê?

INF.- Tá no mesmo contexto.

INQ.- O mesmo que almoço?

INF.- Melhorado, é o mesmo que melhorado. (BBS; B.G.S., TS2, M, BBS.)

Variantes: k3, melhorado.

Sociotermo utilizado somente no BBS. Diz respeito à refeição.

Figura 21 - Cabo Solteiro



Fonte: Autor 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Material de uso individual e obrigatório por todos os bombeiros, produzido com fibra natural ou sintética torcida ou trançada entre si.

INQ. - Vamos comparar o batalhão de busca e salvamento com outros quartéis. Dentro desse contexto de salvamento e altura de material operacional.

INF.- É o mosquetão e o cabo solteiro que todo mundo sabe, né isso que o senhor tá perguntando?

INQ.- O termo cabo solteiro tem outro nome pra ele ou só esse aí?

INF.- É esse aí.

INQ.- O cara do incêndio também sabe o que é cabo solteiro?

INF.- É. Cabo solteiro todo mundo sabe. (B.G.S, TS2, M, BBS)

Variante: cabo da vida, cabo de prontidão.

O sociotermo *cabo solteiro* é absorvido pelo bombeiro desde o curso de formação, é fundamental nas operações atendidas pelos bombeiros por ser um equipamento de proteção individual – EPI; utilizado também para auxiliar nos resgates de terceiros em áreas de ribanceiras, para puxar equipamento e pessoas. Utilizado até hoje para fazer nós e amarrações

Figura 22 - Canícula

Fonte: Autor 2019

Morf: substantivo feminino.

1. Peça de roupa que compõe o uniforme de passeio.

INQ. – Sobre o tipo roupa, vestiário, quais são os que você conhece?

INF. – Ah, 2A, Quarto A é o TFM, tá, passeio que é canícula, o sapato e a boina ou bibico... nós temos uma farda chamada histórico, aí tem acessório pra poxa. (F.C.S, TS2, M, ABMJM)

Variante: camisa social.

Sociotermo *canícula* é também utilizado nas forças armadas e na PMMA. O uniforme de passeio é composto por: *bibico, canícula, camiseta vermelha, calça social cinza pérola e sapato social preto* com *meias pretas*, utilizado durante o expediente e eventos externos.

Cassino

Morf: substantivo masculino

1. Local onde os oficiais fazem sua refeição.

INQ.- Como é que se chama um local que se prepara as refeições?

INF.- Antigamente, era chamado de rancho, né, ou cassino. Cassino oficiais e ranchos para praças era assim que era feito. (J.F.R.C., TS2, M, BBS)

Variante: refeitório, rancho, cassino dos oficiais.

Sociotermo utilizado para se referir ao local onde os Oficiais fazem sua refeição.

Figura 23 - Chefe de Socorro



Fonte: fotopúblicas.com 2019

Morf: locução substantiva.

1. Função exercida por oficial na guarnição de serviço operacional.

INF. – *Chefe de socorro é a função que o oficial de serviço no socorro exerce e aqui na academia é Oficial de dia. (K.S.B, TS1, F, ABMJM)*

Variante: oficial de socorro, comandante.

O sociotermo *chefe de socorro* diz respeito a uma função existente na guarnição de serviço, independente do Batalhão, é específica dos oficiais, tanto que até o capacete é diferenciado dos demais, na cor branca, de modo que se identifique o oficial responsável pela guarnição de serviço na ocorrência e no Batalhão que se encontra de serviço de 24 horas.

Figura 24 - Cristalina



Fonte: Bis 2019

Morf: substantivo feminino.

1. Esposa de militar.

INQ. – *A esposa de um determinado militar, vocês têm um termo específico pra esposa?*

INF. – *Um nome extraoficial? Cristalina?*

INQ. – *É? Mas esse cristalina desde que você chegou aqui, é comum usar aqui, não?*

INF. – *É, ainda.*

INQ. – *Aqui usa cristalina?*

INF. – *Usa, ainda usa.*

INQ. – *Caramba, gostei. Tem outro nome ou só cristalina?*

INF. – *Geralmente usa cristalina. (L.C.A.M., TS3, M, BBMAR)*

Variante: esposa.

Sociotermo utilizado por grande parte dos membros do grupo TS2 e TS3.

dez do K3

Morf: locução substantiva.

1. Alimentação muito boa, uma das melhores.

INF. –...a gente utiliza, né, 10 do K3, pra dizer que a alimentação tá muito boa, excelente, uma das melhores já servida aqui no quartel. (N.E.B, TS1, M, SCI)

Variante: excelente.

Sociotermo utilizado somente na SCI.

Figura 25 - Estar branca às nuvens



Fonte: Benpensante.com 2019

Morf: locução verbal.

1. Estar de folga do serviço.

INF. – Hum... quando a gente tá tranquilo, assim, em casa, quando a gente tá branca às nuvens. (BABM, TS2, F, BBS.)

Variantes: estar de folga, estar de boa.

Sociotermo utilizado no BBS, em todas as faixas etárias, para se referir à pessoa que está de folga do serviço.

Figura 26 - Etapa



Fonte: Apontador 2019

Morf: substantivo feminino.

1. Refeição individual.

INF. – A etapa é a unidade de comida pra cada pessoa. (J.F.R.C, TS2, M, BBS)

Variantes: alimentação, brau-breu, cota, k3, lanche, obrea e ração.

O sociotermo *etapa*, diz respeito à alimentação que cada bombeiro recebe durante o serviço, operações emergenciais e também em ocorrências duradouras, há nas forças armadas e na PMMA.

Figura 27 - Gandola



Fonte: Autor 2019

Morf: substantivo feminino.

1. Peça de roupa que compõe o uniforme de prontidão.

INQ. – Quais são as peças do tipo vestuário que você conhece?

INF. – É o uniforme, calça, gandola. (L.F.S.M.A., TS1, F, BBA)

O sociotermo *gandola* é também utilizado nas forças armadas e na PMMA. A *gandola* é uma peça exclusiva do *uniforme de prontidão*. O *uniforme de prontidão* é composto pelo *gorro*, *gandola*, *camiseta vermelha*, *calça* e *coturno preto* com *meias pretas*, utilizado para expediente e eventos externos.

Figura 28 - GCIF



Fonte: Autor 2019

Morf: SIGLA.

1. Guarnição de incêndio florestal.

INF.- Guarnição de serviço.

INQ.- Tem outro nome?

INF.- No caso, quando a gente tá no campo de atuação, no campo específico, quando a gente tá no mato, tá aí combatendo, tá nas áreas aí, nos parques, nas reservas, a gente chama GECIF.

INQ.- O que seria esse GCIF?

INF.- O GCIF é formado por sete a oito homens, porque ela fica mais fácil de se controlar, ainda mais em uma situação como essa. Quando você tá, por exemplo, um terreno enorme, adentrar a mata, se você for com mais gente, fica meio difícil de você controlar.

INQ.- E o que significa GCIF?

INF.- É Grupo de Combate a Incêndio Florestal. (A.E.S., TS2, M, BBA)

Variante: guarnição

Sociotermo utilizado somente no BBA designar guarnição.

Figura 29 - Gorro



Fonte: Autor 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Acessório utilizado para cobrir a cabeça, conhecido no meio civil por boné.

Vamos falar do chapéu, quais os tipos de protetor na cabeça que os militares usam aqui no corpo de bombeiros?

INQ.-Para proteger cabeça quais são os vestuários que vocês utilizam?

INF.- Essa aqui nós chamamos de gorro. (A.E.S., TS2, M, BBA)

Variantes: cobertura.

Sociotermo utilizado nas forças armadas e na PMMA. Acessório utilizado somente com o fardamento operacional.

Figura 30 - Grupamento



Fonte: CBMMA 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Batalhão. 2. Unidade de trabalho própria dos Corpos de Bombeiros.

INF. – Anteriormente chamávamos de Grupamento, hoje são conhecidos por Batalhões, sendo a mesma coisa. (R.N.O.S, TS3, M, SCI)

Variantes: batalhão, unidade, quartel.

Sociotermo utilizado até o ano de 2014, as unidades de Bombeiros no Estado do Maranhão eram denominadas de Grupamento, em 2015 com a mudança da lei, passou a denominar-se batalhão. O conceito adotado pelo Exército Brasileiro difere do nosso.

Guardadores da cidade

Morf: locução substantiva.

1. Autonomia dos bombeiros do 1º BBM durante o serviço operacional.

INF. –.....acho que do nosso convívio mesmo, a gente acaba designando isso por levar em consideração que o nosso batalhão ele, ele, ele... está englobando ali uma boa área, uma área bem extensa de bairros e aí os colegas nossos chamam “guardadores da cidade”. (E.M.M.C., TS2, M, 1º BBM)

Variantes: protetores da cidade, vigilantes da cidade.

Sociotermo exclusivo do 1º BBM, trata-se de uma autoafirmação dos membros daquele quartel. Utilizado quando estão de serviço operacional na cidade.

Figura 31 - Guarnição

Fonte: CBMMA 2019

Morf: substantivo feminino.

1. Bombeiros escalados para serviço.

INF. —.....a escala interna de serviço é feita mensalmente e ai sabemos qual guarnição iremos compor, nos períodos festivos tempos as escalas extras e daí sabemos em qual guarnição vamos trabalhar. (A.C.P.F.V., TS1, F, BBMAR)

Variantes: equipe, equipe de serviço, guarnição de serviço, guarnição de serviço de combate a incêndio e serviço de dia.

O conceito do termo guarnição é diferente daquele adotado pelo Exército Brasileiro. À guarnição de serviço nos Corpos de Bombeiros são equipes destinadas a atender as diversas ocorrências externas que dão entrada durante o serviço.

Guia de Trânsito

Morf: locução substantiva.

1. Autorização de viagem utilizada para deslocamentos intermunicipais e estaduais.

INF. —...Nós utilizamos muito aqui é a guia de trânsito para viagem e a guia de saída. K.S.B, TS1, F, ABMJM.

Variante: autorização.

É um documento de comprovação e ao mesmo tempo de permanência do bombeiro em outro Estado ou município. Muito utilizado durante os cursos de formação.

Lêndea

Morf: substantivo feminino.

1. Militar lento, que erra muito durante as instruções.

INQ. – Lendia?

INF. – Lendia existe, mas quase eu não uso, mas existe.

INQ. – E o que seria essa lendia?

INF. – Lendia é a pessoa lerda, lenta, devagar... o contrário de padrão. (K.S.B, TS1, F, ABMJM)

Variante: lento, devagar.

Sociotermo muito utilizado durante os cursos de formação.

Figura 32 - Livro de registro diário



Fonte: papelariapaulistana.com 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Livro de registro de ocorrências diárias.

INQ. – Quais são os documentos oficiais que você utilizou ou utiliza ao longo da sua carreira até o momento?

INF. – E os livros, também são documentos, os livros de registro de serviço.

INQ. – E quais são os livros?

INF. – Tem o livro do chefe de turma, diário do chefe de turma, o livro do comandante da guarda, do rancheiro, adjunto e auxiliar... e de visita médica. (K.S.B, TS1, F, ABMJM)

Variante: livro

Sociotermo utilizado em todos os batalhões. Para cada função exercida no quartel há um livro de registro. Durante sua elaboração nele constam todas as funções e os fatos ocorridos naquele dia, ao final é assinado pelo bombeiro que o elaborou. No dia seguinte é lido e assinado pelo subcomandante da unidade.

Figura 33 - Macaco Preto



Fonte: MLSTATIC 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Telefone.

INF. –.....quando o comandante queria falar com alguém ao telefone, se falava que o Coronel queria falar com o mesmo via macaco preto. (L.C.A.M., TS3, M, BBMAR)

Variante: telefone.

Sociotermo oriundo da época que o CBMMA era uma companhia do PMMA. Trata-se de um sociotermo mais utilizado e reconhecido pelos grupos TS2 e TS3.

Figura 34 - Melhorado



Fonte: Receitas rápidas 2019

Morf: adjetivo.

1. Alimentação com acréscimo de mais ingredientes, feita na hora.

INF. –.....Melhorado é quando faz a vaquinha, compra e faz aqui mesmo. As vezes a gente fala rapaz vamos fazer um melhorado? As vezes a gente pega, a gente pega, chama R2 que é o que sobrou de ontem, a gente esquentar aqui e faz o melhorado, tem até um nomezinho ai, mais é o que sobrou de ontem e aproveita.

INQ.-Então o melhorado tem duas situações?

INF.- Ou agente prepara aqui ou agente compra, no caso a gente faz aqui mesmo, a gente desfia ele caso seja uma carne ou uma galinha, tempera ele, dá uma melhorada nele, bota um pouquinho de sal nele se for o caso. (A.E.S., TS2, M, BBA)

Variante: k3 melhorado, k3 padrão, 10 do k3.

Sociotermo encontrado em todos os batalhões da capital.

Moita

Morf: substantivo masculino.

1. Bombeiro discreto, reservado, que não se permite sobressair entre os demais.

INF. –.....me chamavam muito de moita (risos), por conta do meu perfil mesmo, de ser mais pacato, na minha, mais por conta disso, eles acabaram me enquadrando de moita. (B.L.R, TS1, F, ABMJM)

Variante: discreto.

Sociotermo muito utilizado no cotidiano dos quartéis. Utilizado no Exército Brasileiro e na PMMA.

Figura 35 - Moto Aquática



Fonte: Visão Tv 2019

Morf: substantivo feminino.

1. Equipamento motorizado para uso no meio aquático.

INF. –...hoje temos além dos botes, as motos aquáticas. (A.C.P.F.V., TS1, F, BBMAR)

Variante: jet ski.

Termo utilizado pelos membros do BBMAR. Equipamento de grande utilidade para a atividade de salvamento aquático no mar, rio ou riacho para atender nos resgates de vítimas de afogamento.

Obrea

Morf: substantivo feminino.

1. Lanche.

INQ.- De tudo o que conversamos, tem algumas palavras que você acha que são características daqui do BBS que eu não vou ouvir no BBMAR, no BBM?

INF.- Esse que eu lhe falei, o brau breu é daqui, porque, na verdade, derivou de outro nome, da obreia, né. Como tinha um militar que não conhecia, aí, ele acabou vindo produzir de forma errada, como o pessoal achou engraçado, fico mesmo esse nome, ninguém mais chama obreia, só brau breu.

INQ.- Obreia significa o quê?

INF.- É um termo utilizado no EB pra lanche da... exatamente.

Variante: brau breu (B.A.B.M, TS1, F, BBS)

Termo utilizado somente no BBS. Termo utilizado no Exército Brasileiro com outra conceituação.

Olho de Tandra

Morf: locução substantiva.

1. Bombeiro com olheiras.

...Ah, tem o olho de tandra.

INQ. – Olho de tandra...

INF. – Que é quando a gente tá na hora e tem que ficar com o olho... não, e fica com o olho roxo, eh... olheira, de olheira

INQ. – De olheira, né?

INF. – É, mas decorrente a rachar hora. (F.C.S, TS2, M, ABMJM)

Variante: olheira.

Sociotermo existente somente na ABMJM. Diz respeito ao fato de todo cadete ter que ficar algumas horas da noite acordado durante o serviço operacional e o serviço interno na ABMJM.

Operacional

Morf: substantivo masculino.

1. Bombeiro militar excelente tecnicamente.

INF. –...é aquele militar diferenciado, muito bom tecnicamente. (K.S.B, TS1, F, ABMJM)

Variantes: técnico, bom de serviço.

Sociotermo Operacional é muito utilizado para se referir aquele militar diferenciado, muito bom de trabalho, que faz uso das técnicas. Com o intuito de elevar a moral do bombeiro perante a tropa, utiliza-se no CBMMA e demais corporações militares.

Figura 36 - Passar a pronto



Fonte: FAB 2019

Morf: locução verbal.

1. Ato de conclusão do curso de formação militar.

INF. –...quando a gente terminava o curso, passava a pronto. (N.P.G.M., TS3, M, SCI)

Variantes: aprovado, apto, aspirantado, graduado, conclusão de curso, formado, militares, passou a pronto, prontos, soldado, soldado efetivo.

Sociotermo utilizado para estabelecer a diferença entre a situação de aluno e a conclusão do curso de formação.

Pelanco

Morf: substantivo masculino.

1. Designação atribuída a bombeiros homens e mulheres durante o curso de formação.

INF. –...Quando a gente está em situação de curso, como a gente estava no CFSD, lá a gente é chamada de pelanco. Quando a gente tá em período de formação. (BABM, TS2, F, BBS)

Variantes: pele e osso, sugado.

Sociotermo utilizado por homens e mulheres do BBS, de todas as faixas etárias. Bombeiro militar muito exigido durante o curso de formação, qualificação e/ou especialização. Bastante utilizado no início da carreira militar.

Figura 37 - Perneira



Fonte: CBMGO 2017

Morf: substantivo feminino.

1. Equipamento utilizado na altura das pernas durante operações na mata e em área de matagal.

INF. – ...nas operações no mato nós usamos a perneira para proteger de picada de cobras. (A.E.S., TS2, M, BBA)

Variante: polaina.

Termo utilizado pelos membros do BBA. Trata-se de uma peça feita de material flexível que permite o deslocamento por longas horas em matas e matagais urbanos, com o objetivo principal de evitar que o Bombeiro seja picado por cobras e demais animais peçonhentos.

Figura 38 - Phelps



Fonte: desporto.com 2019

Morf.: substantivo masculino.

1. Bombeiro que corre e nada muito bem.

INF. - Eh, tem um que é só da minha turma com os meus padrinhos, que eu não vi em lugar nenhum, que é Phelps.

INQ. – Phelps?

INF. – É.

INQ. – E Phelps significa o que?

INF. – Eu acho que era o sobrenome de algum corredor [[Nadador Michael Phelps]], então quando a pessoa corria muito bem era Phelps.

INQ. – Certo, então correr muito bem, né?

INF. – É, correr e nadar, também era usado para essas duas coisas. B.L.R., TS1, F, ABMJM.

Variante: um aço.

Sociotermo encontrado somente na ABMJM. Possui a variante *um aço*, por ser uma demonstração de força e habilidade.

Figura 39 - Pinga fogo



Fonte: CBMGO 2017

Morf: substantivo masculino.

1. Equipamento portátil de uso manual, empregado pelos bombeiros nos incêndios florestais.

INF. –...nos incêndios de grandes proporções nós utilizamos o pinga fogo fazendo o fogo contra fogo. (A.E.S., TS2, M, BBA)

Variante: lança chamas.

Termo utilizado no BBA. Trata-se de um equipamento utilizado principalmente para se fazer o fogo contra fogo, especialmente quando há necessidade de ser rápido.

Plano de Chamada

Morf: locução substantiva.

1. Contato imediato da tropa de forma organizada para atender rapidamente a grandes catástrofes ou evento de grande proporção.

INF. –...sempre somos acionados pelo plano de chamada aqui da academia, principalmente no final de semana. (BBS; B.L.R, TS1, F, ABMJM)

Variante: acionamento.

Sociotermo adotado para um procedimento para acionar os bombeiros para atender uma necessidade urgente.

Figura 40 - Posto



Fonte: CBMERJ

Morf: substantivo masculino.

1. Classificação dada aos oficiais.

INQ.- O oficial de serviço de socorro, naquela época, como é que vocês chamavam?

INF.- Eh... porque tinha duas linhas de oficiais: quando polícia ele era chamado de oficial de dia, porque era interno, serviço interno. Quando já na corporação do Corpo de Bombeiros era chefe de equipe, chefe de socorro. (L.C.A.M., TS3, M, BBMAR)

Variantes: tenente, capitão, major, tenente coronel e coronel.

O sociotermo *posto* é inerente aos oficiais. Na PMMA e no CBMMA o último posto é de coronel e nas forças armadas dos oficiais gerais.

Figura 41 - Praça



Fonte: CBMMA 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Cargo abaixo ao dos oficiais.

INF.- A oficial, o capacete oficial era branco com o quebra telha dourado... eh... eh... na cor alumínio. O da praça era o capacete preto com o quebra telha de bronze. L.C.A.M., TS3, M, BBMAR.

Variantes: soldado, cabo, sargento, subtenente.

Disc: O praça dentro do quadro administrativo do CBMMA vai do cargo de soldado a de subtenente.

Pressão-Pressão

Morf: locução substantiva

1. Situação difícil perante o oficial.

INQ. – E pressão-pressão?

INF. – É, o pessoal tem uns que usa, né? Não se usa tanto assim não.

INQ. – Mas é característico daqui, né?

INF. – É.

INQ. – E esse pressão-pressão seria o que, meu irmão.

INF. – Pressão-pressão é quando alguém tá... quando é chamado, quando algum oficial tá dando pressão em alguém, né? Aí tu vai ter que responder lá, né? Falar...

INQ. – Pressão-pressão.

INF. – Pressão-pressão. (E.M.M, TS2, M, 1BBM)

Variantes: cuidado, atenção.

Sociotermo utilizado somente no 1º BBM.

Figura 42 - Prontidão



Fonte: CBMMA 2019

Morf: substantivo feminino

1. Situação emergencial.

INF. –...daí somos acionados para ficar de prontidão no quartel, aguardado determinação pra ir para o evento ou a ocorrência determinada, quando não pra atender alguma enchente daí todos seguimos para o QCG e aguardamos por lá a determinação. (E.M.M.C, TS2, M, 1º BBM)

Variantes: pronto emprego, em QAP (pronto).

O termo Prontidão é dicionarizado e quer dizer: [Militar] Estar de prontidão. Diz-se das tropas militares quando estão de sobreaviso nos quartéis, prontas para sair em caso de necessidade.

Figura 43 - Quebra-telha



Fonte: Autor2019

Morf: locução substantiva.

1. Peça metálica dourada acoplada à parte superior do capacete, que possui a função de proteger a cabeça do bombeiro durante as ocorrências

INQ.- O capacete que a gente usava naquela época ele tinha uma peça para proteger o militar de uma quebra de alguma coisa

INF.- Quebra-telha.

INF.- A oficial, o capacete oficial era branco com o quebra telha dourado.. eh... eh... na cor alumínio. O da praça era o capacete preto com o quebra telha de bronze.

Variante: proteção.

Termo utilizado para designar uma peça metálica existente no antigo capacete dos bombeiros, tem como objetivo proteger a cabeça.

Figura 44 - Rancho



Fonte: marinha.mil.br 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Local designado para se fazer as refeições diárias nos quartéis.

INF. —...a gente almoça, faz o k3 no rancho. (A.C.S.L., TS2, F, BBEM)

Variantes: refeitório, cozinha, tapiri, cassino.

Sociotermo utilizado nos quartéis do CBMMA, PMMA e forças armadas. Trata-se de um local específico para se fazer as refeições.

Revista do recolher

Morf: locução substantiva

1. Evento que ocorre nos quartéis todos os dias às 21 horas com o objetivo de deixar os bombeiros em alerta.

INF. –...como eu era civil alguns termos foram novos pra mim, como revista do recolher, que se usa muito aqui na academia. (K.S.B, TS1, F, ABMJM)

Variante: pernoite.

Sociotermo oriundo das forças armadas e da PMMA. Momento em que é feita a preleção pelo Oficial com todos os militares de serviço no quartel. Esse procedimento é algo corriqueiro nos quartéis, trata-se de um controle de pessoal durante o serviço.

Figura 45 - Roupas secas



Fonte: Multipesca 2019

Morf: substantivo feminino.

1. Vestimenta que evita molhar a farda durante operações em áreas alagadas.

INQ.- E para te proteger de chuva se utiliza o quê?

INF.- Chuva? A gente tem capa de chuva na viatura e, também, tem a roupa seca.

INQ.- Roupas secas?

INF.- Isso... Assim, às vezes tá chovendo, mas a gente precisa entrar em um lugar alagado, a gente não usa só a capa de chuva, porque a capa de chuva, ela só vai proteger da chuva. Para proteger da chuva e do que ela causa, que é um local cheio, a gente usa uma roupa seca, que é tipo uma roupa de jardineiro, pra gente não molhar o coturno, não molhar nossa farda.

INQ.- Tem outro nome pra essa roupa seca?

INF.- O pessoal chama de roupa de jardineiro, porque ela parece, realmente, uma roupa de jardineiro, né. (B.A.B.M, TS1, F, BBS)

Variantes: roupa de jardineiro, jardineira.

Termo utilizado para o utensílio utilizado somente em período chuvoso e/ou em operações específicas de áreas alagadas, de modo a proteger e manter o fardamento seco.

Sala Fria

Morf: locução substantiva.

1. Denominação dada pelas praças da SCI à sala do comandante.

INF. —...daí quando o oficial manda chamar um bombeiro em sua sala dizemos a ele: o comandante tá te esperando na sala fria. (N.E.B., TS1, M, SCI)

Variante: sala do comandante.

Sociotermo exclusivo do SCI, não sendo registrado em outros batalhões de São Luís.

Figura 46 - Sinistro



Fonte: Mundo Sustentável 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Qualquer tipo de evento que causa destruição, provocado pela natureza ou pelo homem.

INF. —...aqui no 1º BBM, geralmente somos os primeiros a ser acionados pelo CIOPS para atender aos sinistros aqui do centro da cidade e redondezas. (E.M.M.C. TS2, M, 1º BMM)

Variante: desastre.

Termo característico das atividades bombeirísticas, costuma-se dizer que o sinistro ocorre onde a prevenção falha, ou seja, os acidentes, os incêndios, os desabamentos, etc. Sempre ocorrem devido a falha humana, por não trabalhar a prevenção.

Figura 47 - Sobreaviso

Fonte: CBMMA 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Situação de prontidão, aguardando para ser acionado pela autoridade.

INF. – ...ééé...sobreaviso o cara fica de prontidão em casa aguardando ser acionado essa é a visão no militarismo. (A.C.P.F.V., TS1, F, BBMAR)

Variantes: atenção, alerta.

O termo *sobreaviso* é dicionarizado, contudo o conceito que mais se assemelha ao que se utiliza no CBMMA é: *de maneira prevenida; em que há prevenção*.

Tchofi Empanado

Morf: locução adjetiva

1. Ato de mergulhar na piscina e rolar na areia fardado.

INF. – Eh... me deu um branco agora. Tchof...

INQ. – Tchof?

INF. – É... Tchof empanado.

INQ. – Como é que se escreve?

INF. – T-C-H-O-F INQ. – T-C-H-O-F, Tchof empanado, o que seria? INF. – São duas coisas diferentes, tchof é mergulhar na piscina

INQ. – Certo.

INF. – Na maioria das vezes de uniforme, seja ele qual for, num tem um específico, empanado é depois... às vezes é só o tchof, aí o empanado é as duas coisas, é o mergulho na piscina e rolar na areia.

INQ. – Certo, então o empanado é rolar na areia.

INF. – É.

INQ. – Aí Tchof empanado é a junção das duas, mergulhar na piscina e rolar na areia.

INF. – Sim, senhor. (B.L.R, TS1, F, ABMJM)

Variantes: mergulhar na piscina, rolar na areia.

Sociotermo encontrado somente na ABMJM.

Figura 48 - TFM

Fonte: Autor 2019

Morf: SIGLA

1. Treinamento físico militar.

INQ. – Qual o tipo de atividade de educação física que é semanal?

INF. – O TFM.

INQ. – Semanal o TFM?

INF. – É, semanal...

INQ. – É?

INF. – Tem a preparatória, mas a preparatória faz parte do TFM. (K.S.B., TS1, F, ABMJM)

Variantes: educação física, instrução, QTS e prática esportiva.

O treinamento físico militar é uma atividade presente em todos os quartéis do CBMMA.

Timbó

Morf: substantivo masculino.

1. Qualquer tipo de suco.

INF. –...timbó era o suco do tenente Mascarenhas lá na timbozeira (lanchonete) dele no 1º GBM. (J.C.S.F., TS3, M, 1º BBM)

Variante: suco.

Termo dicionarizado, todavia, diz respeito a plantas leguminosas, diferente daquele adotado no CBMMA. Exclusivo do 1º BBM, conhecido pelos militares mais antigos, TS2 e TS3.

Tincha

Morf: substantivo feminino.

1. Comida que restou no quartel.

INF. –...daí todos somos chamados pra comer a nossa tincha que chegou... (A.C.S.L., TS2, F, BBEM)

Variantes: alimentação, k3.

Trata-se de um sociotermo muito mais utilizado e reconhecido pelos mais antigos TS3.

Tincheiro

Morf: substantivo masculino.

1. Bombeiro que fica na espera de sobra de comida do quartel e/ou da comida dos colegas.

INF. – Tincheiro.

INQ. – E o tincheiro seria o quê?

INF. – É o que fica esperando uma sobra pra ele, esperando dá uma sobra. Fica filando mesmo a comida dos outros.

INQ. – A comida vocês chamam de quê? Se o cara é tincheiro a comida é?

INF. – K3.

INQ. – Não tem outro nome pra ele? O tincheiro tá esperando o quê?

INF. – Sobra. (A.C.S.L., TS2, F, BBEM)

Variante: pidão.

Sociotermo mais utilizado e reconhecido pelos grupos TS2 e TS3.

Figura 49 - Torar



Fonte: CBMERJ 2019

Morf: verbo

1. Ação de dormir.

INQ.- Vamos supor que o militar tá cansado, e ele vai dormir, como é que vocês chamam ele?

INF.- Torar.

INQ.- Torar é igual a quê?

INF.- Dormir.

INQ.- Só dormir?

INF.- Cochilar, tirar um cochilo. (F.C.S, TS2, M, ABMJM)

Variantes: cochilar, descansar.

Sociotermo utilizado nos quartéis durante o serviço.

Figura 50 - Tubo de resgate



Fonte: CBMMA 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Tubo flexível de salvamento que permite uma maior sustentação da vítima, durante o resgate no mar ou rios.

INF. – ...durante o serviço de guardas vidas nós usamos o rescue tub, que serve para resgatar vítimas de afogamento. (A.C.P.F.V., TS1, F, BBMAR)

Variantes: rescue, rescue tub.

O tubo de resgate, normalmente, é feito de espuma de vinil e tem a capacidade de sustentar até duas pessoas. Possui uma corda que mede aproximadamente dois metros, em sua extremidade, possui uma tira que serve para prender o equipamento ao salva-vidas. Por ser flexível, o equipamento adapta-se bem ao corpo da vítima.

TWR

Morf: SIGLA

1. Linha direta entre a torre de controle dos aviões e a Seção de Combate a Incêndio.

INQ. – E os aparelhos utilizados na comunicação do serviço operacional, quais são os que vocês mais usam?

INF. – É o rádio mesmo.

INQ. – Tem outro?

INF. – No caso, com a torre, a gente tem o telefone, o ramal direto, né, O TWR. O que seria a TWR um telefone que é ligado diretamente com a torre, tirou do gancho já chama lá, se ele tirar do gancho chama aqui.

INQ. – Entendi! Então é chamado de TWR.

INF. – O TWR, tocou ela a gente já sabe que é uma coisa séria. (N.E.B., TS1, M, SCI)

Variante: hotline.

O TWR é o telefone que liga diretamente a SCI a torre de comando do aeroporto e vice versa.

Figura 51 - Uniforme histórico



Fonte: Autor 2019

Morf: substantivo masculino.

1. Modelo de uniforme com traços históricos, característico de outras épocas.

INF. – Ah, 2A, Quarto A é o TFM, tá, passeio que é canícula, o sapato e a boina ou bibico... nós temos uma farda chamada histórico, aí tem acessório pra poxa.

INQ. – Certo.

INF. – Aí tem, aí tem nome bonito, a túnica é a alamar, 50 milhões de botões... o cinto, temos com ele junto talim, espadim, uma luva branca, o sapato social, o quepe, a platina. (K.S.B, TS1, F, ABMJM)

Variantes: paquito, histórico.

Termo utilizado para designar o uniforme utilizado somente pelo CFO. Possui características de uniforme do Brasil colonial.

Urso-Urso

Morf: locução substantiva

1. Ação urgente.

INF. –...a gente utilizava lá, né, urso-urso, né, que é a mesma coisa de bem rápido, entendeu?! (KSB, TS1, F, ABMJM)

Variantes: urgente, rápido.

Sociotermo utilizado no intuito de que as atividades operacionais e administrativas sejam executadas com rapidez e urgência. Note: conhecido em todos os quartéis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o ritmo acelerado de mudanças das mais variadas naturezas atingem nossa sociedade e nos intimam a refletir acerca da dinâmica da conjuntura social e cultural na qual estamos inseridos.

Nesse sentido, nós, pesquisadores e estudantes dos aspectos linguísticos, temos uma função ímpar em relação a essa realidade: ir em busca das possibilidades que o novo proporciona e confrontá-las com o que já existe, não para substituir o antigo, tornar obsoleto aquilo que era vital, mas, para registrar, catalogar, comparar, identificar o que as novas e as antigas gerações criaram.

Assim, a realização deste estudo acerca da terminologia do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão foi motivada pelo propósito de conhecermos as peculiaridades lexicais em uso e/ou em desuso nessa comunidade. Para tanto, baseamos nossa investigação nos últimos 28 anos de emancipação administrativa e operacional do CBMMA, a fim de que pudéssemos fazer um registro do léxico tanto daqueles que um dia contribuíram para o fortalecimento e a institucionalização do CBMMA, quanto daqueles com pouco tempo de ingresso nessa corporação.

Nossa pesquisa fundamentou-se na Terminologia e na Socioterminologia e nossos resultados foram apresentados em gráficos, e os dados foram compilados em um glossário de termos e sociotermos do CBMMA.

Os dados foram coletados e analisados, sobretudo, a partir da aplicação do questionário constante de 42 questões elaboradas dentro de 12 campos semânticos.

Encontramos termos e/ou sociotermos específicos dos seguintes quartéis investigados:

- (i) – 1º BBM – *guardadores da cidade, pressão-pressão*;
- (ii) – BBA – *GCIF, perneira, tapiri*;
- (iii) – BBMAR – *rescue tub, QPM, M.A, USOA*;
- (iv) – BBEM – *A02, A03, multicinto aranha*;
- (v) – ABMJM – *olho de tanderá, torar, phelps*;
- (vi) – SCI – *sala fria, TWR, dez do k3*;
- (vii) – BBS – *branca as nuvens, brau breu, bacanizado*.

Como respostas apresentadas pelos 21 bombeiros participantes desta pesquisa, catalogamos 71 entradas divididas entre termos e sociotermos, registrados no glossário do

CBMMA.

Dentre os campos semânticos investigados, aqueles que apresentaram um número mais significativo de termos e socioterms, por perpassarem a carreira operacional e administrativa dos bombeiros, portanto, constantes nas atividades diárias e básicas dos entrevistados, foram: *formação, acessórios/equipamentos, alimentação, documentos oficiais, vestuários e peculiaridades*.

Constatamos que os informantes apresentaram dificuldade em responder três questões, a primeira: *Como se chama a peça do capacete que protege o militar quando de serviço operacional?* A segunda: *Qual era o nome do tipo de alimentação servido aos militares durante treinamento militar?* E a terceira: *Qual termo é/era adotado para se referir a esposa do militar?*

Comprovamos que, realmente, existem alguns termos que expressam as particularidades das relações laborais das unidades especializadas investigadas e que há outros – os socioterms – unidades terminológicas com baixo grau de formalidade usadas, portanto, em contextos de maior informalidade.

Nesse sentido, ressaltamos que os termos e/ou socioterms mais frequentes encontrados em todos os quartéis foram: *bradou, tincheiro, canga, moita, baixar, bisonho, etapa, tinha, bibico, boina, boletim, bradar, gorro, guarnição, melhorado, rancho e TFM*.

A ABMJM foi a unidade que mais apresentou socioterms, seguida da SCI e do BBEM.

Apenas um informante, pertencente a TS3 da SCI, não apresentou socioterms durante a entrevista, pelo fato de não se lembrar naquele momento.

Quanto à variável tempo de serviço, os bombeiros com menos tempo de serviço foram aqueles que mais apresentaram termos e os socioterms, tendo as mulheres lugar de destaque, uma vez que foram as que mais apresentaram socioterms, com ênfase as informantes lotadas na ABMJM, BBS, BBA e BBMAR, todas pertencentes a TS1. Informamos que a informante da faixa de tempo de serviço TS2, também demonstrou um alto conhecimento dos termos e socioterms específicos do BBEM, do seu local de trabalho e daqueles utilizados no CBMMA.

Constatamos que a variável sexo não se mostrou relevante na nossa investigação, não havendo diferença acentuada entre a terminologia utilizada por homens e por mulheres dentro do CBMMA. Contudo, verificamos que na ABMJM, no BBMAR, BBS, BBEM e no BBA há uma predominância de uso por parte das mulheres quanto aos termos técnicos.

Desse modo, quanto ao fornecimento de termos e socioterms, sobressaíram às mulheres da ABMJM, futuras oficiais do CBMMA, esse resultado ocorreu em razão da grade curricular do curso, pois, durante os três anos no curso de formação, elas passam por todos os quartéis e ainda são preparadas para comandar, ensinar e promover a multiplicação dos conhecimentos.

Conforme análise dos dados apresentada, constatamos que a terminologia do CBMMA é de conhecimento e uso tanto de homens quanto de mulheres, o que confirma a participação das mulheres nos serviços especializados e desconstrói a ideia de que elas trabalhariam somente em setores administrativos dentro da Instituição.

Dentre os campos semânticos selecionados para compor o nosso questionário, o campo semântico *formação* mostrou-se bastante produtivo por gerar vários termos e, especialmente, socioterms como *lêndea*, *moita*, *baixar*, *bisonho*, *canga*.

Ainda que a formação do bombeiro seja comum a todos, tanto a emancipação quanto a execução das atividades em campos específicos dentro do CBMMA geraram e ainda geram uma terminologia específica.

Um fator importante para realização deste trabalho foi o fato de que o autor, por ser bombeiro, contribuiu para a facilitação de acesso às unidades especializadas do CBMMA. Entretanto, na maioria das vezes, isso também se tornou uma adversidade em razão da confluência pesquisador-bombeiro e bombeiro-pesquisador, pois, em alguns casos, diversos termos e/ou socioterms não eram percebidos pelo autor como tal.

Ratificamos a importância deste estudo para um olhar mais inquietante sobre os diversos universos existentes na área militar, quer seja nas forças armadas (marinha, exército e aeronáutica), quer seja nos diferentes campos do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar, devido à diversidade de atribuições, campos de atuação e atividades existentes nessas instituições.

Os resultados obtidos com a realização desta pesquisa ratificam a importância deste estudo para futuras pesquisas no âmbito das ciências do léxico e, mais especificamente, no âmbito dos estudos da terminologia das unidades dos Corpos de Bombeiros no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Neide Munhoz. **A Macro e a Microestrutura do Glossário Terminológico da Aromaterapia (GLOTEAR)**. Londrina: UNOPAR Científica Ciências Humanas Educacionais. V. 10 nº 2, p. 17-22, Out. 2009.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **A teoria comunicativa da terminologia e sua prática**. Alfa, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 85-101, 2006.
- ANDRADE, Maria Margarida. **Conceituação/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades**. In: SILVA, José P. da (Org.). Semântica e Lexicografia. IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000.
- _____. **Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais**. In: OLIVEIRA, A. M. P. de A.; ISQUERDO, N. (Org.). As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS. 2001.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- APONTADOR. <https://imagesapt.apontador-assets.com/fit-in/320x240/8353a8410d204ad7a4733e8377dfe84a/comida-caseira.jpg>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza: UFC/MIDIA, 2009.
- ARAÚJO, Marcele Juliane Frossard. **Identidade social**. Rio de Janeiro. Infoescola. 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/identidade-social>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- AUGER, Pierre. **“La commission de terminologie de l’Office de la langue française et la normalisation terminologique”**. In: Terminogramme, 26-27, p. 9-12, 1983.
- BALDINGER, Kurt. **Semasiologia e Onomasiologia**. ALFA 9. pp.7-36. 1966.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação**> Anais do XXXIX Seminário do GEL. França, UNIFRAN, p. 182-189, 1991.
- _____. **Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Tecno-científica. Anais. Curitiba: IBICT, 1992.
- BARROS, Lidia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BECHARA, Evanildo. Dicionário da Língua Portuguesa (Nova Ortografia). 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BENVENISTE, Èmile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas-SP, Pontes: Editora da UNICAMP. 1988.

BEVILACQUA, Cleci Regina. **Unidades fraseológicas e terminológicas em dicionários bilíngues gerais**. In: ISQUIERDO, A.N.; KRIEGER, M.G. (Org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, v. 2. 2004.

_____. Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. **Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais**. Alfa, São Paulo, v.50, n.2, p.43-54, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A estrutura mental do léxico**. In: _____. Estudos de filosofia e linguística. São Paulo: Ed. T.A. Queiróz; Ed. da Universidade de São Paulo, p.131-145. 1981.

_____. **Dimensões da palavra**. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, 1998.

BENPENSANTE. <https://benpensante.com/wp-content/uploads/2019/08/236.jpg>. Acesso em: 14 jul. 2019.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1983.

BOULANGER, Jean-Claude. “**Une lecture socio - culturelle de la terminologie**”. Cahiers de linguistique sociale. (18). p. 13-30. 1991.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção de pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Decreto nº 1.775, de 2 de Julho de 1856. Dá Regulamento para o serviço de Extinção dos incêndios. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1775-2-julho-1856-571280-publicacaooriginal-94371-pe.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

_____. **Decreto de Lei Ordinária nº 9.698, de 02 de setembro de 1946. Estatuto dos Militares**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9698-2-setembro-1946-417522-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 21 set. 2019.

_____. Lei Nº 1138, de 20 de Fevereiro de 1987. Dispõe sobre a criação de cargos em comissão e do quadro permanente de pessoal de apoio da defensoria pública (vetado). Disponível em: <http://alerjlnl.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/69d90307244602bb032567e80066618/20e74190620e741906bccfl2803256555005999fl?OpenDocument>. Acesso em 20 out. 2019.

_____. Força Aérea. <https://www.fab.mil.br/sis/enoticias/imagens/pub/18383/i1383013021259600.jpg>. Acesso em 20 out. 2019.

_____.
https://www.marinha.mil.br/sites/default/files/pictures/primeiro_almoco_da_turma_no_refeito_rio_de_guardas-marinha.jpg. Acesso em 20 out. 2019.

BURKE, Peter Jan; STETS, Jan E. **Identity theory**. Oxford University Press, New York, 2009.

CABRÉ, Maria Teresa. **La Terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona, Antártida/Empúries, 1993.

_____. **Terminología**: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Série Monografies, 3. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1999.

COSTA, Raquel Pires; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **As palavras sob um viés cultural**: o léxico dos pescadores da Raposa. São Luís: EdUema, 2015.

CUNHA, Gaudêncio. **Maranhão 1908**. Álbum fotográfico. 2ª ed. São Luís-Ma: edições AML, 2008.

DESPORTO. https://1.bp.blogspot.com/-58sPbHGVnnY/WN6Ehbn01vI/AAAAAAAAAXE/U-IuRmMLC3U7ZVgOBKrkfXa_tJWnznvIwCLcB/s1600/01GDCE.jpeg.jpg. Acesso em: 03 jun. 2019.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Lonis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean Baptiste; MEVEL, Jean Pierre. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.

FÃO, A. de M. et al. **Ciclo completo das atividades de bombeiro**: sistematização da prevenção, combate e investigação de incêndios. 195 f. Monografias (CAO) – Academia de Polícia Militar. Porto Alegre, 1998.

FAULSTICH, Enilde. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia**. Termo e variação. Brasília, Universidade de Brasília / LIV, 1995.

_____. **Socioterminologia**: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação, [S.l.], v. 24, n. 3, p. 1-14. dec. 1995. ISSN 1518-8353. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/566/567>. Acesso em: 03 jun. 2019.

_____. "A função social da terminologia", Humanitas, São Paulo, FFLCH, USP, 1999.

_____. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica**. Ciência Cultura. São Paulo, v.58, nº 2, p. 27-31, June 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S009-67252006000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 set. 2019.

PÚBLICAS, Foto. https://fotospublicas.com/wp-content/uploads/2017/07/bobeirosfemini_002.jpg. Acesso em: 03 mai. 2019.

FRÜBEL, Auri Claudionei Matos. **Glossário de neologismos terminológicos da saúde humana**: uma contribuição para a descrição do léxico corrente do português do Brasil. 2006. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.

GAUDIN, François. **Pour une socioterminologie**. Rouen: Publications Université de Rouen, 1993.

_____. **Socioterminologia**: um itinerário bem-sucedido. As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, 7: p. 293-309. 2014.

GOIÁS. Corpo de Bombeiros Militar do Estado de. **Manual Operacional de Bombeiros**: Prevenção e Combate a Incêndios Florestais. Goiânia. 2017. 260 p

GOUADEC, Daniel. **Terminologie: constitution des données**. Paris: Afnor, 1990.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

GUSMÃO, Célia Rodrigues. **O linguajar verde-oliva**. Curitiba: Editora Primas, 2016.

HAENSCH, Günther.et. al. **La lexicografía**: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

_____. **Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios**. In: ETTINGER, S. et alii. La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Os estudos lexicográficos no Brasil**: um percurso histórico. In: MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra. Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias. Salvador: Vento Leste, 2011.

_____. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas, 2001.

JANEIRO, Rio de. Corpo de Bombeiros Militar. https://lh3.googleusercontent.com/proxy/WPKH8VheND2HCfNWiQEfpwg6lFnMn7mXV72T1fz7_RHG6t65UcKd0HiraIIAEZlxbwWCJoFEqVzGw9sKsFL41MmJJC7BV8EW_PlWVxntLK-UlenHWPi38C8oysT8. Acesso em: 03 mai. 2019.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça et al. **O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira**: relações com a identidade do português do Brasil. ALFA, São Paulo, n. 50 (2), 2006.

LARA, Luis Fernando. **Curso de lexicologia**. México, D.F. El Colégio de México, 2006.

LAZZARINI, Álvaro. **Estudos de direito administrativo**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1999.

LOPES, José Rogério. **Pobreza, subjetividade e cidadania**. Serviço Social & Sociedade, 70, p. 160-172. São Paulo: Cortez. 2002.

LORENTE, Mercè. **A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica**. In: OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Volume II. ed. Campo Grande: Editora UFMS. p. 19-23. 2004.

MATO GROSSO DO SUL. Corpo de Bombeiros Militar. Edifício Joelma em chamas - SP. Disponível em: <http://www.google.com.br/#q=imagens+do+edifício+joelma+em+chamas>. Acesso em: 27 abr. 2019.

MARANHÃO. Secretaria de Estado de Segurança Pública. **Lei nº 5.856, que fixa o efetivo do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão**. São Luís, 1993.

_____. Secretaria de Estado de Segurança Pública. **Lei 7.764**, altera dispositivos da lei que fixa o efetivo do Corpo de Bombeiros do Militar do Maranhão. São Luís, 2002.

_____. Secretaria de Estado de Segurança Pública. **Lei nº 10.230, Organização Básica do Corpo de Bombeiros**. São Luís, 2015.

_____. Secretaria de Estado de Segurança Pública. **Um breve Histórico do Corpo de Bombeiros**. São Luís, 2019. Disponível em: <http://cbm.ssp.ma.gov.br/index.php/cbmma/institucional/nossa-historia>. Acesso em abril de 2019.

_____. Secretaria de Estado de Segurança Pública. **Lei nº 10.923**, altera dispositivos da lei que contempla municípios maranhenses com Unidades do Corpo de Bombeiros do Militar do Maranhão. São Luís, 2018.

MENEZES, José Pantoja de. **O Corpo de Bombeiros no Pará**. 2. ed. Belém, 2007.

MLSTATIC. https://http2.mlstatic.com/telefone-antigo-siemens-h70-preto-disco-retr-vintage-D_NQ_NP_936274-MLB26375137189_112017-F.jpg. Acesso em: 5 abr. 2019.

MULTIPESCA, Loja.

https://loja.multipesca.com/media/catalog/product/cache/1/image/9df78eab33525d08d6e5fb8d27136e95/m/a/macac_o_nylon.jpg. Acesso em: 5 abr. 2019.

NUNES, Paulo César Ribeiro. **Estudo do léxico policial militar**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2012.

NUVENS. Marta Adalgisa. **Elementos para um glossário dos termos da cultura, industrialização e comercialização da cana-de-açúcar**. Fortaleza – Ceará, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande. Ed. UFMS, 2001.

OGDEN Charles Kay; RICHARDS Ivor Armstrong. **The meaning of meaning**: a study of the influence of language upon thought and of the Science of symbolism. London: Routledge & Kegan Paul, capítulo 1. 1923.

ONLINE, Diário. Região sul. Imagem combate a incêndio. Região Sul <https://regiao-sul.pt/wp-content/uploads/2017/05/incendio.jpg>. Acesso em: 2 mar. 2019.

ORENHA, Adriane. **Aplicações léxico-terminográficas da linguística de corpus**: Relato da elaboração de um glossário bilíngue de colocações na área de negócios. Intercâmbio, vol. XIII, 2004.

ODIÁRIO. https://odiario.net/packages/uploads/2020/02/iv-capabombeirosocorrencias_reduzida.jpg. Acesso em: 5 abr. 2019.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quarteto. 2019.

PAULISTANA, Papelaria.
<https://www.papelariapaulistana.com.br/imagem/index/20885139/M/capa.jpg>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PANELATERAPIA. <https://panelaterapia.com/2012/12/torta-de-carne-seca.html> Acesso em: 2 mar. 2019.

PARQUE. Farmácia online. <https://farmaciaparqueonline.pt/wp-content/uploads/2020/01/febre-crian%C3%A7a.jpg>. Acesso em: 5 mai. 2019.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e Semântica Lexical**: noções fundamentais. São Paulo: Ed. Contexto. 2018.

PONTES, Antônio Luciano. **Terminologia Científica**: o que é e como se faz. Revista de Letras. N. 45, v. 19, 1997.

RÁPIDAS, receitas.
<https://3.bp.blogspot.com/-TXu0DYvh9Z0/ViVRwdAIQKI/AAAAAAAAAERI/oK4HP2pgRqY/s640/pratos-almoo-jantar.jpg>. Acesso em: 5 abr. 2019.

REFORMATSKII, Alexandre. A. **Qué es término y qué es la terminología**. In: CABRÉ, M. T., FREIXA, j., LORENTE, M., TEBÉ, C. Textos de terminólogos de la Escuela Rusa. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, p. 151-162. 2000.

REY, Alain. **La terminologie dans un dictionnaire général de la langue française**: le Grand Robert. Term Net News. n.14, p. 5-7, 1975.

_____. **La lexique: images et modèles. Du dictionnaire a la lexicologie**. Paris Librarie/Armand Colin 1977.

_____. **La terminologie. Nons et notions.** PUF. Paris, 1979.

RONDEAU, Guy. **Introduction à la terminologie.** Quebec: Gaëtan Morin, 1984.

SAGER, Juan Carlos. **A Practical Course in Terminology Processing.** Amsterdam: Philadelphia.1990.

SANTA CATARINA. Corpo de Bombeiros Militar. **IN 004: terminologia de Segurança Contra Incêndio.** Florianópolis, 2018.

SANTOS, Manoel Teixeira. **Disponibilidade hídrica na rede pública de distribuição: um estudo dos efeitos sobre as ações de combate a incêndio pelo Corpo de Bombeiros no município de São Luís.** Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. São Luís, 2015.

SUSTENTÁVEL, Mundo. <https://mundosustentavel.com.br/wp-content/uploads/2016/11/mariana.jpg>. Acesso em: 5 abr. 2019.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **O léxico em estudo.** Belo Horizonte: Faculdade em Letras da UFMG, 2006.

VISÃO, Tv. <https://www.visaotv.com.br/wp-content/uploads/2019/04/Coronel-Bombeiro-parte-3-capas.jpg>. Acesso em: 5 abr. 2019.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Trad. Anne-Cécili Nokerman. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

APÊNDICE A – FICHA DE DADOS INDIVIDUAIS DO INFORMANTE**FICHA DO INFORMANTE**

NOME:	IDADE:
DATA DE INCLUSÃO:	
RESERVA EM:	
FUNÇÃO (POSTO/GRADUAÇÃO):	
TEMPO DE SERVIÇO NO CBMMA:	
TEMPO DE TRABALHO NO QUARTEL:	

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INFORMANTES

NO INTUITO DE SE ESTABELECEER UM LÉXICO DO CBMMA, SOLICITO A VOSSA SENHORIA QUE RESPONDA AS PERGUNTAS DA ENTREVISTA, QUANTO AOS ITENS FUNDAMENTAIS DA ATIVIDADE BOMBERISTICA:

1. FORMAÇÃO

- a) QUANTO a sua entrada na Instituição, qual nome era dado aquele que havia ingressado na Corporação durante o curso?
- b) O CURSO de Formação de Soldado recebia qual sigla ou nome?
- c) O CURSO de Formação de Oficial recebe qual sigla ou nome?
- d) QUAL o nome que se referia ao ano de sua entrada no CBMMA?
- e) O ATO de conclusão de curso era chamado de?
- f) QUANDO de serviço qual nome é dado para o grupo de trabalho?
- g) QUAL nome é dado ao ato de se agrupar para uma Instrução militar?
- h) QUAL nome é dado ao fato de estar de folga no dia anterior ao serviço no quartel?
- i) QUAL nome é dado ao OFICIAL de serviço na viatura de socorro?
- j) QUE nome era dado ao SARGENTO de serviço na viatura de socorro?

2) ACESSÓRIOS/EQUIPAMENTOS

- a) COMO se chama o cinto utilizado durante o serviço operacional?
- b) COMO se chama a peça do capacete que protege o militar quando de serviço operacional?
- c) CITE os acessórios são utilizados no serviço operacional?
- d) QUAL o objeto utilizado para se proteger da chuva?
- e) QUAIS acessórios são utilizados no serviço operacional de praia?
- f) CITE os nomes de alguns acessórios utilizados no serviço operacional de salvamento em altura?

3. ALIMENTAÇÃO

- a) COMO se chama o local onde eram preparadas as refeições?
- b) COMO eram chamadas as refeições servidas nas noites de natal?
- c) QUAL nome era dado ao lanche servido pela manhã?
- d) Qual o nome que se dava ao ato de relacionar as pessoas para receber as refeições?
- e) Qual era o nome do tipo de alimentação servido aos militares durante treinamento militar?
- f) Como se chamava a quantia em dinheiro destinada ao custeio da alimentação?

4.ARMAMENTOS

- a. Qual o tipo de armamento portátil utilizado em suas atividades?
- b. Qual o tipo de armamento pesado era/é utilizado em sua atividade profissional?

5. ATIVIDADES FÍSICAS /TREINAMENTOS

- a. Qual o nome da atividade de educação física semanal?
- b. QUAL o nome do treinamento em forma de instrução que visa o aprimoramento teórico e a capacitação física do bombeiro militar?
- c. QUAL o nome do teste que serve para medir o condicionamento físico?

d. COMO era denominada a atividade física que consistia na disputa entre dois grupos de pessoas, os quais simultaneamente, puxavam uma corda com o objetivo de deslocar o grupo adversário?

e. Durante os exercícios militares (corrida/caminhada) qual o nome dado às palavras entoadas pelos participantes, em forma de cantigas, com o intuito de elevar o moral da tropa?

6. DOCUMENTOS OFICIAIS

Quais os documentos mais comuns utilizados nas atividades diárias do quartel?

7. INSTALAÇÕES

a. Qual era a sigla utilizada para se referir aos quartéis operacionais?

b. Qual era a sigla utilizada para se referir ao quartel do comando geral?

8. FORMAS DE TRATAMENTO AO SE DIRIGIR À PESSOA DE GRAU HIERÁRQUICO MAIS ELEVADO

a. Para se dirigir a um superior hierárquico, no intuito de questioná-lo acerca de algo, utiliza-se?

b. No cotidiano do quartel sem as devidas formalidades exigidas qual era o tratamento dado ao superior hierárquico:

9. MEIOS DE COMUNICAÇÃO

a. Quais as formas (códigos) de comunicação utilizadas na transmissão de mensagens?

b. Quais os aparelhos utilizados na comunicação durante o serviço operacional?

c. QUAL termo é/era adotado para se referir a esposa do militar?

10. MEIOS DE TRANSPORTES

QUAIS as siglas de veículos militares utilizadas em sua época?

11. PRODUÇÃO DOS DOCUMENTOS

QUAIS equipamentos de escritório são e/ou eram utilizados na produção dos documentos oficiais, para confeccionar comunicações e solicitações?

12. VESTUÁRIO

A. QUAIS são e/ou eram as peças do tipo 'chapéu', utilizadas em sua época?

b. QUAL o tipo de calçado utilizado em sua época?

c. QUAIS as peças do vestuário mais comuns utilizadas em sua época?

13. FIQUE BEM A VONTE E CITE ALGUNS TERMOS QUE EM SEU CONHECIMENTO SÃO EXCLUSIVOS DO SEU LOCAL DE TRABALHO E/OU DE CONHECIMENTO GERAL.

**APÊNDICE C - RELAÇÃO DE TERMOS REGISTRADOS NO GLOSSÁRIO DO
CBMMA**

1. **Abafador**
2. **Aceiro**
3. **Alteração**
4. **Aluno**
5. **Arranchar**
6. **Ataque Direto**
7. **Baixar**
8. **Barra**
9. **Bibico**
10. **Boina**
11. **Boletim**
12. **Bradou**
13. **Canícula**
14. **Chefe de Socorro**
15. **Gandola**
16. **Gorro**
17. **Grupamento**
18. **Guarnição**
19. **Guia de Trânsito**
20. **GCIF**
21. **Lêndea**
22. **Livro de registro diário**
23. **Moto Aquática**
24. **Obreia**
25. **Perneira**
26. **Pinga Fogo**
27. **Plano de Chamada**
28. **Posto**
29. **Praça**
30. **Prontidão**
31. **Quebra telha**

- 32. **Rancho**
- 33. **Sinistro**
- 34. **Sobreaviso**
- 35. **TFM**
- 36. **Timbó**
- 37. **Tubo de Resgate**
- 38. **TWR**
- 39. **Uniforme histórico**

APÊNDICE D - RELAÇÃO DE SOCIOTERMOS REGISTRADOS NO GLOSSÁRIO DO CBMMA

1. **Aspirantado**
2. **Azar Militar**
3. **Bacanizado**
4. **Banho**
5. **Barra**
6. **Bob Esponja**
7. **Bisonho**
8. **Branca às Nuvens**
9. **Brau Breu**
10. **Cabo Solteiro**
11. **Cassino**
12. **Cristalina**
13. **Etapas**
14. **Dez do k3**
15. **Guardadores da Cidade**
16. **Macaco Preto**
17. **Melhorado**
18. **Moita**
19. **Olho de Tanderá**
20. **Operacional**
21. **Passar a Pronto**
22. **Pelanco**
23. **Phelps**
24. **Pressão - pressão**
25. **Revista do Recolher**
26. **Roupa Seca**
27. **Sala Fria**
28. **tchofi Empanado**
29. **Tincha**

30. **Tincheiro**

31. **Torar**

32. **Urso-Urso**